



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS (UFG)
FACULDADE DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (FIC)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO (PPGCOM)

CÁSSIA OLIVEIRA

O “Ciclo de estudos selvagem” e a comunicação decolonial

GOIÂNIA
2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES

E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico

Dissertação Tese Outro*: _____

*No caso de mestrado/doutorado profissional, indique o formato do Trabalho de Conclusão de Curso, permitido no documento de área, correspondente ao programa de pós-graduação, orientado pela legislação vigente da CAPES.

Exemplos: Estudo de caso ou Revisão sistemática ou outros formatos.

2. Nome completo do autor

Cássia Oliveira

3. Título do trabalho

O "Ciclo de estudos selvagem" e a comunicação decolonial

4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

- a) consulta ao(à) autor(a) e ao(à) orientador(a);
 - b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação.
- O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Cássia Oliveira, Discente**, em 24/08/2023, às 10:47, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Andréa Pereira Dos Santos, Professora do Magistério Superior**, em 24/08/2023, às 13:14, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3989312** e o código CRC **28D15812**.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES

E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico

Dissertação Tese Outro*: _____

*No caso de mestrado/doutorado profissional, indique o formato do Trabalho de Conclusão de Curso, permitido no documento de área, correspondente ao programa de pós-graduação, orientado pela legislação vigente da CAPES.

Exemplos: Estudo de caso ou Revisão sistemática ou outros formatos.

2. Nome completo do autor

Cássia Oliveira

3. Título do trabalho

O "Ciclo de estudos selvagem" e a comunicação decolonial

4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

a) consulta ao(a) autor(a) e ao(a) orientador(a);

b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação.

O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Cássia Oliveira, Usuário Externo**, em 14/02/2025, às 18:48, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Andrea Pereira Dos Santos, Professora do Magistério Superior**, em 18/02/2025, às 09:17, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5170751** e o código CRC **21BF883B**.

Referência: Processo nº 23070.041535/2023-15

SEI nº 5170751

CÁSSIA OLIVEIRA

O “Ciclo de estudos selvagem” e a comunicação decolonial

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM), da Faculdade de Informação e Comunicação (FIC), da Universidade Federal de Goiás (UFG), como requisito para obtenção do título de Doutora em Comunicação.

Área de concentração: Comunicação, Cultura e Cidadania
Linha de pesquisa: Mídia e Informação

Orientadora: Professora Doutora Andréa Pereira dos Santos

GOIÂNIA
2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Oliveira, Cássia
O "Ciclo de estudos selvagem" e a comunicação decolonial
[manuscrito] / Cássia Oliveira. - 2023.
152 f.: il.

Orientador: Prof. Andréa Pereira dos Santos.
Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de
Informação e Comunicação (FIC), Programa de Pós-Graduação em
Comunicação, Goiânia, 2023.
Bibliografia. Anexos.

1. Comunicação decolonial. 2. Informação. 3. Práticas
informacionais. 4. Ciclo de estudos selvagem. I. Santos, Andréa
Pereira dos, orient. II. Título.

CDU 007



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

FACULDADE DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

ATA DE DEFESA DE TESE

Ata Nº **27/2023** da sessão de Defesa de Tese de **Cássia Oliveira** que confere o título de Doutora em **Comunicação**, na área de concentração em **Comunicação, Cultura e Cidadania**.

Aos dezoito dias de agosto de dois mil e vinte e três, a partir das oito horas, via webconferência, realizou-se a sessão pública de Defesa de Tese intitulada **“O "Ciclo de estudos selvagem" e a comunicação decolonial”**. Os trabalhos foram instalados pela Orientadora, Professora Doutora **Andréa Pereira dos Santos (PPGCOM/FIC/UFMG)** com a participação dos demais membros e membras da Banca Examinadora: Professora Doutora **Marcela Corrêa Martins Amaral (PPGS/UFMG)**, avaliadora titular externa; Professor Doutor **Erinaldo Dias Valério (PPGB/UFCA)**, avaliador titular externo; Professora Doutora **Leila Lima de Sousa (UFMA)**, avaliadora titular externa; Professor Doutor **André Bonsanto Dias (PPGCOM/FIC/UFMG)**, avaliador titular interno e Professora Doutora **Lara Lima Satler (PPGCOM/FIC/UFMG)**, avaliadora titular interna, com a participação de todos por **videoconferência**. Durante a arguição os membros e membras da banca **não fizeram** sugestão de alteração do título do **trabalho**. A Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta a fim de concluir o julgamento da Tese tendo sido a discente **aprovada** pelos seus membros. Proclamados os resultados pela Professora Doutora **Andréa Pereira dos Santos**, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos Membros da Banca Examinadora, aos dezoito dias de agosto de dois mil e vinte e três.

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por **Lara Lima Satler, Professora do Magistério Superior**, em 18/08/2023, às 12:35, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Leila Lima de Sousa, Usuário Externo**, em 18/08/2023, às 13:00, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Andre Bonsanto Dias, Professor do Magistério Superior-Visitante**, em 18/08/2023, às 13:38, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Andréa Pereira Dos Santos, Professora do Magistério Superior**, em 18/08/2023, às 14:04, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Erinaldo Dias Valerio, Usuário Externo**, em 21/08/2023, às 10:13, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Marcela Corrêa Martins Amaral, Professor do Magistério Superior**, em 21/08/2023, às 17:31, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3916235** e o código CRC **E331867F**.

Referência: Processo nº 23070.041535/2023-15

SEI nº 3916235

CÁSSIA OLIVEIRA

O “Ciclo de estudos selvagem” e a comunicação decolonial

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM), da Faculdade de Informação e Comunicação (FIC), da Universidade Federal de Goiás (UFG), como requisito para obtenção do título de Doutora em Comunicação.

Goiânia, 18 de agosto de 2023.

BANCA EXAMINADORA

Profª. Dra Andréa Pereira dos Santos
Presidente da banca - PPGCOM
Universidade Federal de Goiás

Prof. Dr André Bonsanto Dias
Avaliador titular interno - PPGCOM
Universidade Federal de Goiás

Prof. Dr. Erinaldo Dias Valério
Avaliador titular externo - PPGB
Universidade Federal do Cariri

Profª. Dra. Lara Lima Satler
Avaliadora titular interna - PPGCOM
Universidade Federal de Goiás

Profa. Dra. Marcela Correa Martins Amaral
Avaliadora titular externa - PPGS
Universidade Federal de Goiás

Profa. Dra. Leila Lima de Sousa
Avaliadora titular externa - UFMA
Universidade Federal do Maranhão

Profa. Dra. Kátia Cassiano Kelvis
Avaliadora suplente interna - PPGCOM
Universidade Federal de Goiás

Prof. Dr. Eguimar Felício Chaveiro
Avaliador suplente externo - PPGE0
Universidade Federal de Goiás

“Um outro lugar que a gente pode habitar além dessa terra dura:
o lugar do sonho. Não o sonho comumente referenciado de
quando se está cochilando, mas que é uma experiência
transcendente na qual o casulo humano implode, se abrindo para
outras visões da vida não limitada”

Ailton Krenak

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é o de investigar e analisar os documentos, as ações educativas e os objetos de informação e comunicação do *Ciclo de estudos Selvagem*, destacando como são divulgados esses conhecimentos, visando evidenciar seu caráter decolonial. O *Selvagem* é um percurso livre de estudos sobre a vida que articula conhecimento indígena, tradicional, acadêmico e científico oferecendo gratuitamente uma série de ações e materiais em diferentes formatos: cadernos, flechas (vídeos), palestras, livros, biblioteca, escolas vivas e outras ações. Trata-se de uma produção de conhecimento que aborda assuntos ligados às áreas de meio ambiente, ecologia, arte, história, botânica, histórias de origem do mundo, medicina natural, dentre outros. A questão problema que orienta a pesquisa é: de que forma o *Ciclo de estudos Selvagem* repensa modos tradicionais do exercício comunicacional e se relaciona com uma comunicação decolonial? A nossa hipótese é a de que o *Ciclo de estudos Selvagem* se configura como um ambiente de comunicação coletiva, marcado pela experiência do vínculo, que prioriza e valoriza a diversidade dos saberes trabalhando para a sua articulação, reconfigurando tanto a dinâmica de produção do conhecimento quanto a ação comunicacional a partir de práticas informacionais específicas. A estrutura teórica da pesquisa constitui-se a partir dos conceitos-chave de comunicação, informação, informação indígena, práticas informacionais, decolonialidade e comunicação decolonial. Do ponto de vista metodológico, a pesquisa de caráter qualitativo prevê o emprego da netnografia com o uso de análise exploratória de documentos do projeto (relatórios, cadernos, flechas, conversas disponíveis etc.), observação e análise de algumas práticas informacionais a partir de categorias destacadas por um modelo de práticas informacionais específico. A partir dessa estrutura conceitual e metodológica busca-se compreender a dinâmica de produção de conteúdo com a finalidade de identificar práticas decoloniais em seu processo de produção de conhecimento. Supomos que o *Ciclo de estudos Selvagem* atua a favor da descentralização do conhecimento, por meio de uma comunidade marcada pela diversidade e de uma dinâmica de produção de conhecimento pautada pela pluralidade humana, articulando diferentes mecanismos de pesquisa e de conhecimento. Acreditamos que essa experiência se vincula ao pensamento decolonial, consolidando-se como um exercício comunicacional que repensa a lógica monocultural do conhecimento e da informação em seu campo.

Palavras-chave: comunicação decolonial; informação; práticas informacionais; Ciclo de estudos selvagem.

ABSTRACT

The aim of this research is to investigate and analyze the documents, educational actions and information and communication objects of the *Ciclo de estudos Selvagem* (Wild Study Cycle), highlighting how this knowledge is disseminated, in order to highlight its decolonial character. *Selvagem* is a free course of studies on life that articulates indigenous, traditional, academic, and scientific knowledge by offering a series of actions and materials in different formats free of charge: notebooks, arrows (videos), lectures, books, library, living schools and other actions. It is a production of knowledge that addresses issues related to the areas of environment, ecology, art, history, botany, stories of origin of the world, natural medicine, among others. The problem question that guides the research is: how does the *Ciclo de Estudos Selvagem* rethink traditional modes of communicational exercise and relate to a decolonial communication? Our hypothesis is that the *Ciclo de Estudos Selvagem* is configured as a collective communication environment, marked by the experience of bonding, which prioritizes and values the diversity of knowledge working for its articulation, reconfiguring both the dynamics of knowledge production and communicational action from specific informational practices. The theoretical framework of the research is based on the key concepts of communication, information, indigenous information, informational practices, decoloniality and decolonial communication. From a methodological point of view, the qualitative research foresees the use of netnography with the use of exploratory analysis of project documents (reports, notebooks, arrows, available conversations etc.), observation and the analysis of some informational practices based on categories highlighted by a specific model of informational practices. From this conceptual and methodological framework, we seek to understand the dynamics of content production to identify decolonial practices in their knowledge production process. We assume that the *Ciclo de Estudos Selvagem* acts in favor of the decentralization of knowledge, through a community marked by diversity and a dynamic of knowledge production based on human plurality, articulating different mechanisms of research and knowledge. We believe that this experience is linked to decolonial thinking, consolidating itself as a communicational exercise that rethinks the monocultural logic of knowledge and information in its field.

Keywords: decolonial communication; information; informational practices; *Ciclo de estudos selvagem*.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURAS

Figura 1 - Estrutura do processo de produção do conhecimento e do ciclo informacional do projeto <i>Selvagem</i>	24
Figura 2 - Mapa de voluntários (as) da comunidade <i>Selvagem</i>	36
Figura 3 - Página inicial do <i>Ciclo de estudos Selvagem</i> com os menus de apresentação dos conteúdos.....	40
Figuras 4 - Pajé Agostinho ensina sobre as plantas medicinais, na escola viva Huni Kuin.....	43
Figura 5 - As crianças da comunidade escolar aprendendo na floresta.....	43
Figuras 6 e 7 – páginas do <i>Livro Escola Viva Una Shubu Hiwea</i> , produzido pela escola viva.....	44
Figura 8 - Capas de alguns cadernos disponíveis para pesquisa, produzido pelo <i>Selvagem</i>	48
Figuras 9 e 10: sobreposições de imagens narram a origem do mundo.....	52
Figura 11 - Como as cianobactérias dominaram o mundo.....	54
Figura 12 - Processo de fotossíntese visto pelo microscópio.....	54
Figura 13 - <i>Several Circles</i> , Wassily Kandinsky 1926.....	54
Figura 14 - Pamürimasa, os “Espíritos da Transformação” ou “que saíram da água do rio”, de Paulo Desana.....	57
Figura 15 - Experiências de informação e as categorias que a compõem a partir de Harlan (2012).....	78
Figura 16 - Segunda edição do <i>Jornal Indígena</i> publicado em 1984.....	105
Figura 17 - Registro da página Inicial da web site do Programa de Índio.....	106
Figura 18 - Logomarca da Rádio Yandê.....	107
Figura 19 - Logomarca da Mídia Indígena.....	110
Figura 20 - Logomarca da Mídia Guajajara.....	112
Figura 21 - Divulgação da programação do primeiro <i>Ciclo de estudos Selvagem</i> realizado em 2018.....	115
Figura 22 - Público e palestrantes do <i>Ciclo de estudos Selvagem</i> realizado em 2018.....	116
Figura 23 - Público e palestrantes do <i>Ciclo de estudos Selvagem</i> realizado em 2018 e 2019.....	117
Figura 24 - capas dos <i>Cadernos Selvagem</i>	120
Figura 25 - Exercício sobre as experiências de informação do <i>Selvagem</i> a partir de categorias de Harlan (2012).....	125

QUADROS

Quadro 1 - Relação entre as questões orientadoras, os objetivos e as estratégias metodológicas da pesquisa.....	23
Quadro 2 - Descrição com informações gerais dos cadernos <i>Selvagem</i>	49
Quadro 3 - síntese das categorias e subcategorias referentes a experiências de informações, ações informacionais e práticas informacionais.....	77
Quadro 4 - Descrição com informações gerais dos <i>Cadernos Selvagem</i>	121

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	15
1 INTRODUÇÃO	18
2 GINGA DE IDEIAS, NOSSO PONTO DE PARTIDA	28
2.1 Pisando no chão da pesquisa	30
2.2 <i>Selvagem</i> - ciclo de estudos sobre a vida	35
2.2.1 Escolas vivas	41
2.2.2 Ciclos.....	45
2.2.3 Cadernos.....	47
2.2.4 Flechas.....	50
2.2.5 Biblioteca Ailton Krenak	57
2.3 Percurso metodológico: netnografia	58
2.4 Pensando as práticas informacionais: informação e informação indígena	64
3 INFORMA, COMUNICA E DECOLONIZA	80
3.1 Que conceito de comunicação fundamenta nossa reflexão?	86
3.2 O que os estudos decoloniais promovem?	91
3.2.1 A Comunicação Decolonial como estratégia de resistência.....	97
3.3 Iniciativas etnocomunicativas	100
3.3.1 Programa de Índio	103
3.3.2 Rádio Yandê.....	106
3.3.3 Mídia Indígena	109
3.3.4 Mídia Guajajara.....	111
4 MAPA DE NAVEGAÇÃO	114
4.1 Escolas vivas decolonizam a comunicação?	126
CONCLUSÃO	131
REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS	135
ANEXOS	145

APRESENTAÇÃO

Peço licença a quem me lê para escrever em primeira pessoa nesta seção que chamo de apresentação. Esta abertura é importante já que trago aqui algumas referências e narrativas pessoais que motivam e inspiram a pesquisa que apresento. Embora traga nas demais seções as minhas percepções de pesquisadora, estou em diálogo com outras pessoas que contribuem com o acontecimento desta pesquisa, constituindo assim um coletivo de vozes que conjugo como “nós”. Dito isto, faço o exercício íntimo de compreender um tanto do caminho que me trouxe aqui.

A memória mais distante me leva às margens do rio Araguaia, na cidade de Aruanã no estado de Goiás. Aos 7 anos de idade acampamos, em família, às margens do Rio Araguaia. Fizemos amizade com um grupo de crianças pertencentes ao grupo indígena Karajá, localizados ali desde antes do surgimento do município. Nos conhecendo, fomos falando nossos nomes e misturando-me às demais crianças ficou notável o meu fenótipo indígena, antes restrito ao apelido de “morena”. Um tio que nos acompanhava observou a semelhança e brincou dizendo que na verdade meu nome era Jurupia e não Cássia, fazendo com essa brincadeira uma menção ao meu fenótipo, inventando um suposto nome indígena para mim. Um nome que atualmente adoto nas assinaturas dos meus trabalhos artísticos.

Cresci sem pensar muito sobre a importância de conhecer as minhas antepassadas, embora pudesse conviver com avós paternas que traziam para dentro da nossa casa a sabedoria de uma ancestralidade que hoje consigo entender como conhecimento indígena. Eram mulheres que conduziram suas vidas a partir do conhecimento da medicina natural, dos rituais sagrados, do cultivo com a terra, dos processos de benzeduras, dos trabalhos com partos e das narrativas. Essa falta de identificação minha certamente está relacionada, dentre outras coisas, com um tipo de conhecimento transmitido nos espaços formais e informais de ensino que colaboraram para a constituição de um imaginário estereotipado e preconceituoso sobre a população indígena (do inculto e bárbaro), nos distanciando e dificultando qualquer identificação possível.

Numa outra situação, participando de um evento acadêmico de um Programa de Pós-Graduação ao qual estava vinculada realizando uma pesquisa de mestrado, fui questionada se eu era irmã de uma das pesquisadoras indígenas daquela unidade. Aquilo me fez olhar para o espelho e entender que havia algo subjacente àquele fenótipo que poderia trazer à tona uma ligação e uma identificação com um passado que me foi negado e que é constituinte daquilo que sou hoje, com todas as ausências resultantes dos apagamentos e silenciamentos das memórias de parte desta minha família.

Isto se conecta com outro momento decisivo neste processo de reconhecimento das minhas origens. Em uma conversa com minha avó materna, soube que o sobrenome Furtado, um dos nomes que compõem as assinaturas da nossa família, foi o apelido dado a uma menina indígena sobrevivente de um extermínio conduzido por parte da minha família em disputas de terras do sul mato-grossense, há cerca de cinco gerações anteriores à minha. Segundo minha avó, o seu avô lhe contou que os “olhos puxados” que ela tinha eram herança deste furto. Esta mulher indígena cujos nome, língua, família, cultura, terra e vida lhe foram roubados, cresceu e se casou com um dos homens que constituem parte da minha família de antepassados, o que me causa profundo horror e vergonha.

Estes acontecimentos, costurados por outras situações em que sempre sou questionada sobre minha origem, me fazem pensar na importância do reconhecimento e da valorização das minhas antepassadas, mulheres indígenas cuja origem, conhecimento e cultura foram apagados de modo permanente. Pouco sei desta minha ascendência que muito gostaria de conhecer. Neste sentido, sinto, como professora, contadora de histórias e artista, o desejo e a necessidade de me aproximar, conhecer e de me orientar por este conhecimento ancestral destas minhas avós que tive a oportunidade de conhecer pessoalmente, e daquelas que nem mesmo a memória pude acessar.

Segundo bell hooks¹ (2019, p. 35), a “consciência da necessidade de falar, de dar voz às variadas dimensões de nossas vidas, é uma maneira de a mulher não branca começar o processo de se educar para a consciência crítica”. Como mulher não branca, de ascendência indígena, cuja memória foi apagada, busco dar conta do meu lugar no mundo acessando essas dimensões de conhecimento que conduzem para uma consciência crítica. Apesar de me autoidentificar como uma mulher não branca de ascendência indígena cuja etnia é desconhecida, preciso situar que falo de um lugar em que tive direitos que deveriam ser garantidos a qualquer pessoa. Embora tenhamos enfrentado, eu e minha família, as adversidades de uma vida marcada pela pobreza, tivemos o básico em nossa infância: alimentação, moradia e ensino público de qualidade.

Portanto, mesmo sendo essa mulher de ascendência indígena, sou antes uma mulher que fala de um lugar em que as condições sociais familiares permitiram o acesso àquilo que é básico, promovendo uma formação que me levou a lugares de cidadania (RIBEIRO, 2017, p. 61) a que outras pessoas não chegaram e não chegam. É por este rumo que justifico, de modo pessoal e

¹ Gloria Jean Watkins (1952 – 2021) assinava com o pseudônimo de bell hooks em homenagem à sua bisavó. O nome artístico, escrito com letras minúsculas, foi um posicionamento político da autora que pretendia dar maior visibilidade ao conteúdo da escrita e não à sua pessoa.

afetivo, a pesquisa que apresento nas seções a seguir. Manifesto a consciência de que falo a partir de uma experiência pessoal, tendo em vista que existem muitas outras perspectivas de compressões e realidades, e que é preciso ser responsável, porque “quando escrevemos sobre experiências de grupos aos quais não pertencemos, devemos pensar sobre a ética de nossas ações, considerando se nosso trabalho será usado ou não para reforçar e perpetuar a dominação” (hooks, 2019, p. 101). Ao contrário disto, meu objetivo é o de contribuir, minimamente, para uma realidade social mais justa e amorosa.

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa analisa, por meio da articulação teórica entre as noções conceituais do campo da Comunicação, do pensamento Decolonial e da Informação, o *Ciclo de estudos Selvagem* e sua atuação comunicacional, com a finalidade de observar de que modo tal proposta se constitui enquanto uma experiência ligada ao campo da comunicação decolonial.

O *Ciclo de estudos Selvagem* é um projeto concebido por Anna Dantes, orientado por Ailton Krenak, com Cristine Takuá na coordenação das Escolas Vivas, produzido por Madeleine Deschamps e realizado por uma comunidade colaborativa interdisciplinar e interracial que envolve parceiros, apoiadores, participantes e público. Anna Dantes trabalha com a edição de livros, estendendo esta experiência para outros formatos como laboratórios, oficinas, revistas, curadorias, exposições, ciclos de estudo e filmes. Desde 1994, ela cria, realiza e colabora com projetos de transmissão de conhecimento e memória. Há oito anos realiza, junto ao povo indígena Huni Kuin, no Acre, o projeto *Una Shubu Hiwea – Livro Escola Viva*, que contou com parceiros como o Jardim Botânico do Rio de Janeiro e o Itaú Cultural, tendo como resultado a publicação do livro *Una Isi Kayawa*, ganhador do Prêmio Jabuti em Ciência da Natureza. Atualmente dedica-se também ao *Ciclo de estudos Selvagem*, a rodas de conversas e à edição de livros que tratam das correspondências entre conhecimentos científicos, artísticos e tradicionais².

Ailton Krenak é jornalista e escritor, com livros e artigos publicados em diversos idiomas, dentre eles os livros *Ideias para adiar o fim do mundo*, *O amanhã não está à venda*, *A Vida Não é Útil* e *Lugares de Origem*. Ailton é ativista indígena da etnia Krenak, fundador da União das Nações Indígenas (1988) e do movimento Aliança dos Povos da Floresta (1989). Atualmente dirige o Núcleo de Cultura Indígena da Reserva Indígena Krenak, médio Rio Doce, em Minas Gerais, e atua como orientador do projeto *Selvagem*.³

Ao longo do texto apresentaremos o *Ciclo de estudos Selvagem*, cujo conteúdo está disponibilizado de forma gratuita no endereço eletrônico <https://selvagemiciclo.com.br>. *Selvagem* propõe uma experiência de pesquisa e de articulação de conhecimentos e informações sobre a vida, investigando e debatendo sobre diferentes temas que ensinam a respeito do meio ambiente, da origem do mundo, da ecologia, da medicina natural, dentre outros assuntos, a

² Informações curriculares extraídas de: <http://www.iea.usp.br/pessoas/pasta-pessoa/anna-dantes>

³ Informações curriculares extraídas de: <https://emaklabin.org.br/mesa-redonda/vozes-de-pindorama-diferentes-olhares-e-historias-sobre-os-povos-indigenas-do-brasil#:~:text=Ailton%20Krenak,-Ailton%20Krenak%20escritor&text=Atualmente%20dirige%20o%20Núcleo%20de,Rio%20Doce%20em%20Minas%20Gerai>.

partir de perspectivas que promovem a articulação e a correspondência entre os conhecimentos indígena, acadêmico, científico e tradicional.

A notoriedade desta proposta de produção de conhecimento, a nosso ver, está conectada com a capacidade de articular saberes oriundos de diferentes espaços, sejam eles legitimados ou não pela lógica eurocentrada de produção científica: articulam-se conhecimentos indígenas e tradicionais com o conhecimento acadêmico e científico, além de outras formas de conhecimento apresentadas na seção onde descrevemos e discutimos as ações do *Ciclo de estudos Selvagem*.

Esta investigação está situada na linha de pesquisa “Mídia e Informação”, que contempla o estudo da informação e suas inter-relações no contexto da sociedade contemporânea, destacando como foco central de debate a constituição de experiências comunicacionais que se pautem pelo pensamento decolonial, priorizando uma produção de conhecimento ligada à pluralidade humana e às suas muitas formas de construção e compreensão da realidade.

A partir da análise das ações e dos materiais comunicacionais oferecidos pelo *Ciclo de estudos Selvagem* – escolas vivas, cadernos, ciclo de debates e vídeos – buscamos pensar em uma produção de conhecimento que seja marcada pela experiência da pluralidade humana, se relacionando com a comunicação decolonial. Quando mencionamos os materiais do projeto, estamos nos referindo ao conteúdo oferecido expresso nas publicações dos cadernos, livros, na biblioteca Ailton Krenak, nos vídeos das palestras, ciclos e flechas. Em alguns momentos chamamos de objetos de informação e comunicação e ainda como produtos, sendo, para nós, termos correspondentes.

Para além da análise exploratória de parte desses objetos, destacamos o uso de um modelo de práticas informacionais elaborado por Harlan (2012), que nos serve de inspiração para observar algumas ações do ciclo. Para utilizá-lo, destacamos a categoria “experiências de informação”, que representa uma das interseções que compõem o modelo de práticas informacionais e cujo sentido expressa a compreensão da construção da informação a partir da “interação do sujeito com a informação (...) construída por meio de ações” (Rocha; Duarte; Paula, 2016, p. 15). Agregamos às informações levantadas pela descrição dos objetos uma conversa informal realizada com Verônica Pinheiro, uma das coordenadoras da comunidade e grupo criança *Selvagem*. A conversa foi conduzida por um roteiro aberto de questões, em uma dinâmica de informalidade, respeitando o fluxo das ideias e imaginações da pesquisadora e da coordenadora *Selvagem*. Inserimos nos anexos do trabalho o roteiro das perguntas, bem como o parecer consubstanciado do Comitê de Ética da Universidade Federal de Goiás, nº 5.539.075,

além do Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) expressando o consentimento de Verônica Pinheiro.

O *Ciclo de estudos Selvagem* articula diferentes tipos de conhecimentos, em uma atitude de reposicionamento e provocação criativa que dialoga com o científico e que ao mesmo tempo o movimenta, na medida em que o confronta com um tipo de conhecimento proveniente de espaços geralmente marginalizados pela lógica científica euro-estadunidense. Diz respeito à valorização das diferentes formas de conhecimento.

Neste sentido, o *Ciclo de estudos Selvagem* entende que o conhecimento dos povos originários e de suas diferentes cosmovisões, ou seja, da maneira como compreendem o mundo e se organizam, são continuamente menosprezados por meio da reprodução de narrativas históricas projetadas a partir dos países colonizadores. O que se ensina nas escolas sobre a história do Brasil em geral começa com a expansão marítima europeia, como se a terra habitada por civilizações nativas até 1500 fosse uma invenção dos países colonizadores. Ignora-se usualmente a memória dos diferentes povos, apagando e rechaçando a história da diversidade cultural do nosso país. As milenares culturas indígenas, por exemplo, são reduzidas a uma condição folclórica, contaminada pelo racismo que as enxerga como selvagens, primitivas e ignorantes. O mesmo ocorre com as vertentes de matriz africana. Dessa forma, “a cultura ocidental, da qual o povo brasileiro é filho bastardo, tenta manter-se soberana frente ao pluriversalismo de culturas que reconhecem maternidades próprias” (Selvagem, 2022).

Uma das consequências dessa dinâmica social é o ataque sistemático e autorizado às culturas tradicionais e originárias, as quais, além de não serem respeitadas, são afrontadas pelo sistema monocultural que desconsidera e anula as subjetividades desses povos, o seu conhecimento e suas práticas ligadas ao meio ambiente, à organização social e econômica, aos ritos sagrados etc. Como resultado dessa violência epistêmica, práticas que deveriam ser consideradas inaceitáveis são naturalizadas abrindo espaço para todo o tipo de reprodução de estereótipos, para a falta de visibilidade das pautas que compõem as questões indígenas, endossando comportamentos racistas, estimulando a destruição e a perseguição dos povos indígenas e suas terras, dentre muitas outras atrocidades justificadas por um discurso colonizador. Esta conjuntura é resultado, portanto, e dentre outras coisas, do modo como as histórias são contadas, quem conta e o quê conta, bem como da forma como o conhecimento é produzido, legitimado e divulgado. A partir disso, propomos pensar na experiência *Selvagem* como uma brecha que nos convida a criar aberturas para o acesso à informação e às novas formas de produzir conhecimento, considerando a pluralidade dos saberes que constituem a humanidade.

O *Ciclo de estudos Selvagem* não é a primeira e nem a única experiência de produção de conhecimento a oferecer conteúdos que ampliam a compreensão do mundo por meio de novas perspectivas e práticas informacionais. Muitas iniciativas ligadas à produção cinematográfica, à criação de rádios e, mais recentemente, a programas de *Podcast*, à atuação jornalística e ao desenvolvimento de páginas com conteúdo textual e audiovisual, são projetos que colocam à disposição da sociedade informações produzidas a partir das diferentes realidades. São projetos de comunicação que oferecem à população a oportunidade de acessar um tipo de conhecimento comumente negado pela mídia tradicional e por um currículo oficial de ensino nos espaços formais de educação do nosso país. São formas específicas de pensar o exercício da comunicação porque destacam o protagonismo destas vozes excluídas e, por isso, a inserção de novas perspectivas culturais, sociais e históricas no ambiente midiático. Trata-se de experiências de produção de conhecimento que, a partir do uso de recursos tecnológicos e de estratégias oferecidas pelo campo da comunicação, possibilitam a produção de um repertório de saberes cujo conteúdo destaca diferentes dimensões e modos de conceber, viver e organizar o mundo. Abre-se com isso um canal de conhecimento, escuta e protagonismo das vozes dissonantes e excluídas dos tradicionais espaços de comunicação e produção de conhecimento.

Dada a importância histórica e política destas iniciativas, destacamos no texto alguns exemplos de ações comunicacionais, tais como o Jornal Indígena, o Programa de Índio, a Rádio Yandê, a Mídia Indígena e a Mídia Guajajara. Estes exemplos representam um movimento de reapropriação das ferramentas do campo comunicacional por determinados grupos marginalizados pela grande mídia, que passam assim a atuar como protagonistas de suas próprias histórias, “tornando-se sujeitos ativos em vez de continuar sendo objetos passivos da mudança histórica” (Stavenhagen, 1997, p. 07). Constituem-se como uma experiência importante no que se refere a proposta de repensar a comunicação, pois apresentam estratégias que conseguem dialogar com a informação indígena (Paiva, 2014), ou seja, incluir nestas ações comunicacionais as práticas da oralidade, os cantos, as rezas e outras informações específicas não contempladas numa comunicação hegemônica.

Acreditando na perspectiva de uma atuação comunicacional que valorize outros horizontes de conhecimentos, narrativas e saberes, é que nos dedicamos a observar e a refletir sobre projetos que vem inaugurando desde a década de 1980 novos diálogos com a sociedade, nos convidando a romper com a dinâmica tradicional e colonial de produção de conhecimento e informação, contemplando inclusive estratégias que dialogam com as práticas da tradição oral, num exercício de resistência discursiva.

Apesar da atuação destes exemplos representarem iniciativas de uma experiência etnocomunicacional, grande parte da população ainda consome de maneira praticamente exclusiva a informação produzida pela grande mídia. As narrativas que circulam nestes espaços midiáticos reproduzem estereótipos e preconceitos que reforçam a violência contra determinados grupos sociais, mantendo-os num lugar de marginalização e exclusão social.

Para pensar nestas questões, adotamos como principal percurso teórico a investigação sobre a comunicação (Muniz Sodré, Paulo Freire), sobre o pensamento decolonial (Álvaro de Azevedo Gonzaga, bell hooks, Aníbal Quijano, Catherine Walsh, Paulo Freire, Luciana Ballestrin, Ailton Krenak, Walter Mignolo), a comunicação decolonial (Erick Torrico Viallanueva, Paulo Freire), a informação e as práticas informacionais (Janicy Aparecida Pereira Rocha, Carlos Alberto Ávila Araújo, Regina Maria Marteleto) e a Informação indígena (Eliane Bezerra Paiva). Tendo em vista esse cenário teórico e considerando estas reflexões iniciais, buscamos responder à **pergunta central**, condutora do nosso estudo: de que forma o *Ciclo de estudos Selvagem* repensa modos tradicionais do exercício comunicacional e se relaciona com uma comunicação decolonial?

Outras questões transversais à pergunta central serão desenvolvidas ao longo do texto com o objetivo de fundamentar nossa resposta, contemplando os temas aqui tratados e oportunizando um debate teórico sobre a produção de conhecimento no campo da comunicação por meio de práticas informacionais que se inspiram no exercício do pensamento decolonial. Desse modo, buscamos refletir também sobre as seguintes questões específicas: que tipo de informação se produz no contexto da comunicação decolonial? O que garante a diversidade e a pluralidade dos conteúdos do *Selvagem*? Como podemos repensar modos tradicionais de ensinar?

Os objetivos da pesquisa indicam caminhos que julgamos adequados para fundamentar nossa hipótese, apostando assim em uma resposta para a questão que orienta esta investigação. Nosso **objetivo central**, baseado na questão que conduz a pesquisa, é o de investigar e analisar os documentos e os objetos de informação e comunicação do *Ciclo de estudos Selvagem*, destacando como são articulados esses conhecimentos, visando evidenciar seu caráter decolonial.

Os **objetivos específicos**, que são complementares e apresentam desdobramentos do objetivo geral da pesquisa, compreendem as tarefas de discutir os aspectos teóricos que caracterizam o conceito de informação e informação indígena, conectando com os aspectos teóricos do pensamento decolonial e da comunicação decolonial; compreender a dinâmica de

produção de conteúdo do *Ciclo de Estudos Selvagem* e identificar as práticas decoloniais no processo de produção dos múltiplos objetos comunicacionais de transmissão de conhecimento oferecido pelo *Ciclo de Estudos Selvagem*.

O quadro 1 apresentado a seguir, organiza a relação entre as questões que orientam a pesquisa e os objetivos previstos e possui ainda uma terceira coluna indicando as estratégias teóricas e metodológicas empregadas na investigação. A primeira coluna corresponde às questões da pesquisa, trazendo perguntas que abordam as práticas informacionais, o processo de produção de conhecimento, a natureza dos conteúdos produzidos e as consequências possíveis destas experiências articuladas no âmbito do projeto.

A segunda coluna diz respeito a um conjunto de objetivos cuja finalidade é a de auxiliar no desenvolvimento e na investigação das questões. Trata-se de demandas relacionadas ao estudo dos aspectos teóricos, à análise das práticas informacionais e dos materiais do projeto e à investigação da produção de conhecimento. Na terceira coluna encontramos as estratégias planejadas para realizar as tarefas colocadas pelas questões e objetivos, que destacam o uso de instrumentos metodológicos como a análise de práticas informacionais, análise de documentos, uma conversa, além das revisões conceituais. A elaboração deste quadro tem como objetivo destacar visualmente as ações da pesquisa, buscando encontrar coerência e correspondência entre o que se pretende investigar e o percurso adequado para as tarefas colocadas nas perguntas.

Quadro 1 - Relação entre as questões orientadoras, os objetivos e as estratégias metodológicas da pesquisa.

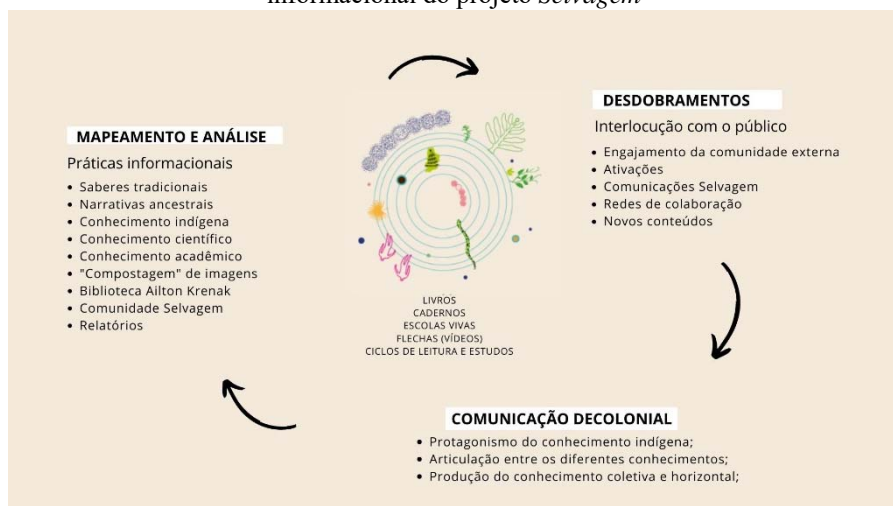
Questão central	Objetivo central	Estratégias teóricas e metodológicas
De que forma o <i>Ciclo de estudos Selvagem</i> repensa modos tradicionais do exercício comunicacional e se relaciona com uma comunicação decolonial?	Investigar e analisar os documentos, as ações educativas e os objetos de informação e comunicação do <i>Ciclo de estudos Selvagem</i> destacando como são articulados esses conhecimentos, visando evidenciar seu caráter decolonial.	<ul style="list-style-type: none"> - Analisar as ações educativas, os objetos de informação e comunicação e os documentos do <i>Selvagem</i>; - Destacar categorias do modelo de práticas informacionais (HARLAN, 2012), para comparar com algumas dimensões informacionais do <i>Selvagem</i>; - Analisar e sistematizar as informações de alguns objetos do <i>Selvagem</i>; - Realizar uma conversa com uma das coordenadoras do ciclo.
Questões específicas	Objetivos específicos	Estratégias teóricas e metodológicas

Que tipo de informação se produz no contexto da comunicação decolonial?	Discutir os aspectos teóricos que caracterizam o conceito de informação e informação indígena, conectando com os aspectos teóricos do pensamento decolonial e da comunicação decolonial.	- Revisar os conceitos de informação, informação indígena, pensamento decolonial e comunicação decolonial; - Identificar o tipo de informação produzida no <i>Selvagem</i> a partir da análise dos produtos.
O que garante a diversidade e a pluralidade dos conteúdos do <i>Selvagem</i> ?	Compreender a dinâmica de produção de conteúdo do <i>Ciclo de Estudos Selvagem</i> .	- Revisar o conceito de pluralidade; - Mapear e analisar os produtos e os conteúdos do <i>Selvagem</i> ; - Realizar uma conversa com uma das coordenadoras do ciclo;
Como podemos repensar modos tradicionais de ensinar?	Identificar as práticas decoloniais no processo de produção dos múltiplos objetos comunicacionais de transmissão de saberes oferecidos pelo <i>Ciclo de Estudos Selvagem</i> .	- Compreender o pensamento decolonial e aspectos da comunicação decolonial; - Articular este referencial teórico com as ações do <i>Selvagem</i> .

Fonte: elaborado pela autora (2023).

A elaboração deste quadro orienta a pesquisa no sentido de organizar o caminho percorrido, dos pontos de vista teórico e metodológico, colaborando também para a sistematização das respostas na última seção do texto, onde apresentamos a conclusão da pesquisa. Já a figura 1, apresentada logo a seguir, mostra um esquema resumido do que observamos e entendemos ser o ciclo de produção e uso de conhecimento do *Ciclo de estudos Selvagem*. Tanto o quadro 1, quanto a figura 1 apresentada a seguir, são mecanismos metodológicos que incorporamos ao uso dos instrumentos netnográficos utilizados para o desenvolvimento desta pesquisa.

Figura 1 – Estrutura do processo de produção do conhecimento e do ciclo informacional do projeto *Selvagem*



Fonte: elaborado pela autora (2023).

Este esquema visual representa uma imagem prévia do que estamos compreendendo ser o processo de produção de conhecimento e o ciclo informacional do *Selvagem*. No centro da figura encontramos o *Ciclo de estudos Selvagem* com os seus objetos e ações de informação e comunicação, oferecidos gratuitamente para leitura, estudo e pesquisa, ou seja, os cadernos, os livros, as flechas, as escolas vivas e os ciclos de leitura e estudo. A partir da observação e da análise desses objetos e ações na página do projeto na internet, notamos que há uma experiência de articulação e de correspondência entre diferentes tipos de conhecimento. Isso ocorre de forma colaborativa por meio da comunidade *Selvagem* que se forma tanto no processo de produção do conhecimento quanto nos desdobramentos que o uso destes materiais proporciona.

Parece haver uma dinâmica de produção de conhecimento que é sempre acionada e atualizada pelo uso dos produtos por essa comunidade externa que estabelece uma interlocução com o projeto, promovendo novos debates para os temas apresentados em diferentes desdobramentos. Isto pode ser observado analisando as informações disponibilizadas na página do *Ciclo de estudos Selvagem*, em documentos como os relatórios das atividades do projeto.

Trata-se, assim, de pensar o campo da comunicação tendo como referência a prática do pensamento decolonial, a qual destaca, por meio de uma visão crítica, perspectivas teóricas contra-hegemônicas, capazes de iluminar e trazer à tona um universo de conhecimento, saberes e informações soterrados por modelos teóricos excludentes. A decolonialidade combate a colonialidade do poder, do ser e do saber, que produz paradigmas únicos e distorcidos sobre a produção de conhecimento e o conhecimento propriamente dito. Por meio de um conjunto de estratégias ligadas ao campo teórico e prático, autoras e autores buscam desconstruir o mito do eurocentrismo acionando teorias críticas e pedagogias decoloniais estimulando o “pensar a partir de genealogias, racionalidades, conhecimentos, práticas e sistemas civilizatórios e de vida distintos” (Mota Neto, 2018, p. 6).

Portanto, o que mobiliza e justifica este estudo, além do que foi exposto na apresentação desta pesquisa, é a possibilidade de repensarmos modos tradicionais do exercício comunicacional por meio do reconhecimento e da valorização de outras formas de conhecimento. Esse é o caminho para combatermos preconceitos e estereótipos, junto com políticas públicas e o exercício da cidadania, na construção de um mundo que acolha a pluralidade dos saberes e da diversidade humana.

Salgado e Mattos (2022) evidenciam, na pesquisa *Indícios de colonialidade nas abordagens comunicacionais brasileiras: o primeiro quadriênio dos anais do Encontro Compós (2000-2003)*, a prevalência de referências de autores brancos, europeus e norte-americanos. A pesquisa considerou em seu levantamento as categorias de nacionalidade, gênero

e a cor da pele das pessoas autoras, afirmando assim a presença marcante de uma colonialidade do saber. Entendemos a importância de romper com determinados padrões de pensamento cuja estrutura violenta silencia pessoas e histórias. Desse modo destacamos nesta investigação movimentos possíveis para um desvio que nos conduza a uma prática de comunicação conectada com as muitas e diferentes realidades que representam modos de “agir e refletir sobre o mundo a fim de modificá-lo” (hooks, 2017, p. 26).

Nossa hipótese é a de que o *Ciclo de estudos Selvagem* se configura como um ambiente de comunicação coletiva, marcado pela experiência do vínculo, que prioriza e valoriza a diversidade dos saberes trabalhando para a sua articulação, reconfigurando tanto a dinâmica de produção do conhecimento quanto a ação comunicacional. Assim, repensa modos tradicionais do fazer comunicacional ao utilizar novas metodologias na produção do conhecimento. Ao oferecer à sociedade, de modo gratuito e amplo, uma série de conteúdos e informações fundamentados no conhecimento indígena, acadêmico, científico e tradicional, estruturados a partir de práticas informacionais plurais, *Selvagem* nos ensina como é possível ampliar a nossa compreensão do mundo por meio do acesso à informação e ao conhecimento.

Desse modo, queremos discutir como o *Ciclo de estudos Selvagem* – situado em um debate teórico que relaciona os campos da comunicação, do pensamento decolonial e da informação – pode ser considerado como uma experiência comunicativa que potencializa e amplia a compreensão de mundo por meio de ações formativas que priorizam narrativas decoloniais. Do ponto de vista metodológico, nossa pesquisa, de cunho qualitativo, adota alguns elementos da netnografia (Hine, 2015) como abordagem, explora algumas categorias do modelo de práticas informacionais elaborado por Harlan (2012) e aciona a construção de quadros e figuras que organizam as questões, objetivos e estratégias como mapas de orientação da leitura. Nosso local de observação, ou seja, o *Ciclo de estudos Selvagem*, está situado em um ambiente digital e oferece um acervo de objetos informacionais organizado a partir de seções que agrupam vídeos, cadernos, ciclos de estudos, livros, comunicações e uma biblioteca de falas. Em virtude destas características, a netnografia se apresenta como abordagem adequada, oferecendo instrumentos de coleta de dados a partir da observação e posterior análise interpretativa das informações.

Dividimos o texto em três momentos diferentes: *Ginga de ideias, nosso ponto de partida*, apresentando as noções de pluralidade e *bios* midiático que constituem características fundamentais do nosso campo de trabalho, além de reunir informações sobre o *Ciclo de estudos Selvagem*, bem como a abordagem metodológica utilizada. Tratamos no final deste capítulo sobre os conceitos de práticas informacionais, informação e informação indígena. *Informa*,

Comunica e Decoloniza agrupa reflexões sobre o pensamento decolonial e a noção de comunicação, apresentando exemplos assertivos que atuam na construção de uma comunicação decolonial, representando, junto com o *Ciclo de estudos Selvagem*, iniciativas que atualizam a dinâmica da produção de conteúdo e a produção de conhecimento rumo a um horizonte epistemológico decolonial.

Na última seção, intitulada *Mapa de navegação*, apresentamos algumas descrições e reflexões sobre ações e objetos oferecidos pelo *Ciclo de estudos Selvagem*. Nos inspiramos no menu “Mapa de navegação” do *Ciclo de estudos Selvagem* para intitular nosso capítulo, referenciando a experiência de navegar pelos conteúdos. Realizamos esta navegação pelos objetos selvagens empregando o pensamento decolonial e um recorte do modelo de práticas informacionais de Harlan (2012) como lente de análise da atuação do projeto. Além disto utilizamos uma conversa informal realizada com Verônica Pinheiro, coordenadora da comunidade e grupo criança *Selvagem*. A análise exploratória de parte dos materiais do *Selvagem*, a conversa e o uso do modelo de práticas informacionais são utilizados para pensarmos nessa ação comunicativa realizada no *Ciclo de estudos Selvagem* enquanto um espaço combativo, propositivo e criativo na construção de conhecimento a partir do pensamento decolonial.

2 GINGA DE IDEIAS, NOSSO PONTO DE PARTIDA

Neste capítulo situamos o contexto da pesquisa discutindo sobre as noções de pluralidade humana (Arendt, 2022) e bios midiático (Sodré, 2002). Destacamos as questões referentes a metodologia da pesquisa e discutimos os conceitos de práticas informacionais, informação e informação indígena. Queremos pensar nas questões que envolvem a produção de informação e de conhecimento em uma perspectiva de garantia e de inclusão da diversidade e da pluralidade dos conteúdos que circulam no ambiente digital, abrindo espaços para saberes e conhecimentos comumente negligenciados e marginalizados pela grande mídia. Por isso discutimos as noções de informação, de comunicação e de práticas informacionais.

Partimos da compreensão de que a pluralidade é constitutiva da vida humana. Compartilhamos o mundo como integrantes de uma mesma espécie e isto nos torna iguais. Porém, somos seres marcados pela diferença que nos singulariza em nossas ações e criações. Nossa existência passa pelo reconhecimento das nossas ações na vida coletiva, ou seja, na presença comum da existência singular de outras pessoas.

Para a filósofa alemã Hannah Arendt (1906-1975), a pluralidade é condição básica da ação e do discurso. O nosso aparecimento no mundo e, conseqüentemente, a percepção da nossa singularidade, se dá por meio do agir e do discurso. Ocorre quando contamos nossas próprias histórias e experiências, expressando gestos, comportamentos, preferências, revelando nossa identidade singular. É pela palavra que revelamos quem nós somos. O discurso marca a experiência da humanidade, sendo esta uma atividade fundamentalmente humana e coletiva. Seria impossível realizar essa atividade isolados das outras pessoas, uma vez que, por princípio, a ação tem relação com a palavra e com o discurso.

Ação e discurso são experiências possíveis porque somos, ao mesmo tempo, iguais e diferentes. Para Arendt, a pluralidade humana, essa condição básica da ação e do discurso,

tem o duplo aspecto de igualdade e diferença. Se não fossem iguais, os seres humanos seriam incapazes de compreender entre si e aos seus ancestrais, ou de fazer planos para o futuro e prever as necessidades de gerações vindouras. Se não fossem diferentes, se cada ser humano não diferisse de todos os outros que existiram, existem ou virão a existir, os seres humanos não precisariam do discurso ou da ação para se fazerem entender (Arendt, 2022, p. 188).

Assim, essa condição de pluralidade humana permite que ao agirmos possamos nos tornar “biograficamente identificáveis”, porque nos compreendemos como iguais enquanto humanos habitantes desse mundo, embora únicos, enquanto pessoas que expressam singularidades. A

pluralidade compreende essa generosa diversidade de seres singulares, cuja distinção vem à tona pela realização da ação e do discurso na vida coletiva. Pensar coletivamente significa viver o espaço comum com liberdade, já que é a partir da existência dos outros e pela pluralidade que formamos nossa identidade. Essa formação se dá por meio de nossas iniciativas e das experiências que elas engendram e assim constituem nossas histórias de vida.

O *Ciclo de estudos Selvagem* é uma experiência que dialoga em muitos sentidos com a noção de pluralidade, por se tratar de um projeto que prioriza uma prática discursiva na produção dos seus conteúdos, mediada pela articulação dos diferentes saberes e campos do conhecimento, em uma perspectiva política possibilitada pelo diálogo e pelo reconhecimento da diversidade dos modos de existir e dos modos de ser no mundo. “Pensar junto”, como menciona Verônica Pinheiro em nossa conversa *Selvagem*, é a prática que conduz a produção de conhecimento do ciclo.

Para Arendt, confirmamos a nossa singular presença no mundo, nossa distinção, a partir do momento em que nos colocamos com nossas palavras e atos, na experiência da ação e do discurso. “Se a ação, como início, corresponde ao fato do nascimento, se é a efetivação da condição humana da natalidade, o discurso corresponde ao fato da distinção e é a efetivação da condição humana da pluralidade” (Arendt, 2022, p. 191). Ou seja, ser diferente entre iguais passa pelo exercício da elaboração discursiva, das narrativas que acessamos ao longo da nossa existência, que contam sobre nosso passado e ancestralidade e indicam, por seu aspecto dialógico e hermenêutico, rumos e compreensões para um futuro aberto.

Sem o discurso, a ação deixaria de ser ação, pois não haveria ator; e o ator, o agente do ato, só é possível se for, ao mesmo tempo, o autor das palavras. A ação que ele inicia é humanamente revelada através de palavras; e, embora o ato possa ser percebido em sua manifestação física bruta, sem acompanhamento verbal, só se torna relevante através da palavra falada na qual o autor se identifica, anuncia o que fez, faz e pretende fazer (Arendt, 2022, p. 191).

As narrativas são as histórias que resultam das ações que realizamos e que podemos contar para outras pessoas, para que permaneça de alguma forma no mundo. O passado é uma elaboração que o tempo presente se ocupa de fazer por meio da apropriação das histórias que vão sendo contadas e que restam como fagulhas de memória dos acontecimentos que nos antecederam. Segundo Benjamin (1993, p. 225), articular historicamente o passado não revela o que de fato foi, mas “significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo”.

Considerando a pluralidade como uma característica própria dos seres humanos, acionada por meio dessa capacidade que temos de contar as nossas histórias, é importante que ocupemos os espaços de produção de conhecimento com práticas informacionais e comunicacionais menos excludentes, reconhecendo a diversidade dos saberes, das narrativas e dos conhecimentos que conduzem e organizam o mundo de diferentes povos. Ao articular o conhecimento indígena que envolve também saberes e narrativas ancestrais com conhecimento científico e acadêmico, o *Ciclo de estudos Selvagem* mostra-se como uma iniciativa que persiste de forma bastante criativa na responsabilidade e no reconhecimento institucional da diversidade de saberes que resulta da experiência plural que é a vida humana. Portanto, quando trazemos o termo pluralidade temos como intenção dialogar com essa ideia sustentada por Arendt, da relação da pluralidade com a ação e com o discurso. A seguir, apresentamos o território no qual se encontra o projeto, uma breve descrição do *Selvagem*, as abordagens metodológicas e o *corpus* da pesquisa, indicando o conjunto de informações que servem de base para o estudo do fenômeno.

2.1 Pisando no chão da pesquisa

Estamos chamando de local de observação o *Ciclo de estudos Selvagem*, que se encontra em um ambiente digital e oferece de forma gratuita uma série de conteúdos expressos em diferentes linguagens – textual, visual, sonora – tratando de temas sobre a origem do mundo, o meio ambiente, medicina natural, geografia, ecologia, história, dentre outros assuntos. Esses materiais estão disponíveis na página do projeto na internet e em suas mídias sociais: *Instagram* e *YouTube*. Há uma comunidade de pessoas interessadas que acompanham o *Ciclo de estudos Selvagem*, apoiando e colaborando na produção dos conteúdos, ou ainda usufruindo deste espaço navegando como pessoas espectadoras, promovendo diferentes desdobramentos do conhecimento produzido no projeto. Trata-se, portanto, de um ambiente midiático organizado, com muito conteúdo disponível gratuitamente, o qual nos dedicamos a observar para mapear e refletir sobre a experiência comunicacional associada aos estudos decoloniais, buscando repensar modos tradicionais de atuação do campo da comunicação.

Para definir esse ambiente virtual no qual o projeto acontece, buscamos compreender o *bios midiático*, a partir de Sodré (2002), em *Antropológica do espelho*. Associamos o ambiente digital criado pelo *Ciclo de estudos Selvagem* ao *bios* midiático descrito por Sodré. O autor

recupera em Aristóteles, na obra *Ética a Nicômaco*⁴, a classificação aristotélica sobre as formas de vida humana na polis grega a partir de três esferas existenciais, ou seja, a *bios*. Segundo Sodré (2002, p. 24-25),

cada *bios* é, assim, um gênero qualificado, um âmbito onde se desenrola a existência humana, determinado por Aristóteles a partir do Bem (*to agathon*) e da felicidade (*eudaimonia*) aspirados pela comunidade. A vida de negócios, a que o filósofo faz breve referência no mesmo texto, não constituiu nenhum *bios* específico, por ser motivada por “alguma coisa mais” (entenda-se: mais do que o Bem e a felicidade), apontada como “algo violento”.

Considerando esta apropriação, Aristóteles vai afirmar que o indivíduo na polis grega se move em três esferas existenciais: a esfera da política, a esfera dos prazeres e a esfera do conhecimento filosófico. Poderia haver, segundo a interpretação que Sodré (2002) faz de Aristóteles, um quarto *bios*, a esfera do comércio, mas este não está voltado para a felicidade, condição básica já que o *bios*, como modo de vida, precisa de harmonia e integração humana.

Partindo dessa consideração filosófica, Sodré (2002) vai imaginar que o quarto *bios* bem poderia ser a mídia moderna, que embora atenda a agenda do comércio e da tecnologia e não esteja efetivamente voltada para a felicidade, busca a integração das pessoas na sociedade por via do capital financeiro. O *bios* midiático corresponderia a esse tipo de sociedade na qual vivemos. A informação é o solo desse *bios* e diariamente nós entramos e saímos deste solo.

A midiaticização é um processo social que se refere à constituição de um “território organizado ambientalmente pela troca e evolução da mente e dos valores humanos” (Ferrara, 2020 p. 282), ou seja, está mais diretamente relacionada com elementos de natureza social e elaboração subjetiva do que com a técnica em si, embora seja fruto de componentes tecnológicos. Compreende-se por midiaticizada a experiência que passa pela elaboração humana a partir do uso dos dispositivos, de modo que o que se midiaticiza são nossas práticas e nossas relações em virtude do uso dessas ferramentas.

No uso diário destes objetos tecnológicos, surgem novas dinâmicas para tarefas cotidianas que resultam numa reconfiguração e reorganização dos sentidos e dos modos de ser no mundo. Para Gomes, “o uso das tecnologias midiáticas produz um novo ecossistema social que estrutura a sociedade e que modifica o fazer comunicacional”, transformando o modo como vivemos e experimentamos o mundo (Gomes, 2017, p. 127). Trata-se, assim, não de uma “tecnointeração”, que significa basicamente o uso prático e instrumental da tecnologia no dia-a-dia –

⁴ Aristóteles, *Ética a Nicômaco*, Trad. Antonio de Castro Caeiro, São Paulo: Atlas, 2009.

isto não é midiaticização. As autoras e os autores que utilizamos aqui se referem à midiaticização como uma mudança estrutural na sociedade que é fruto deste uso e reflete sobremaneira na sua lógica de funcionamento. Esta lógica midiática compreende a sobreposição de sujeitos e da comunicação numa rede de sentidos que se materializa no ambiente midiático. Tal espaço se constitui como “útero cultural onde diversos processos sociais acontecem” (Gomes, 2017, p. 130).

Essa noção reverbera nas práticas elaboradas pela comunidade *Selvagem*. Quando nos referimos à ideia de comunidade *Selvagem*, estamos falando das pessoas que atuam na pesquisa e produção dos conteúdos oferecidos. Trata-se de uma comunidade interracial na qual as pessoas que integram essa rede de estudos mesclam formações de diferentes áreas do conhecimento, distintas linguagens e experiências. Neste ambiente marcado pela presença da vida como tema central, o encontro entre pessoas de diferentes culturas e formações (acadêmica, indígena, científica, ancestral) cria uma dinâmica de produção de conteúdo que se concentra na “mediação entre sistemas de conhecimento”, ideia formulada pelo filósofo, sociólogo e antropólogo Bruno Latour e assimilada por Ailton Krenak. Isto quer dizer que

a ciência e o conhecimento tradicional certamente podem aprender um com o outro (...) e isso é essencial para a vitalidade do conhecimento e da humanidade. Mas existem diferenças entre as duas abordagens; por exemplo, a ciência busca a universalidade, enquanto o conhecimento tradicional se concentra na multiplicidade e nas características locais (Narby, 2020, p. 6).

Diferentes mecanismos de controle e de exclusão de modos de viver e conhecer o mundo atacam de modo sistemático o conhecimento tradicional, o conhecimento indígena e outros tipos de conhecimento que não se medem pela régua da ciência. Veremos algo sobre isso ao tratarmos da colonialidade do saber na seção, *Informa, Comunica e Decoloniza*. A ciência ocidental pressupõe uma neutralidade científica que é alcançada a partir de uma objetividade medida por instrumentos técnicos que atestam a racionalidade, ignorando de forma contundente outros modos de conhecimento que lhe escapam dos cálculos.

Esta compreensão pode orientar para a crença equivocada de que o ato científico é uma experiência de conhecimento inteiramente racional e objetiva, isenta “não somente das perturbações da subjetividade pessoal, mas também das influências sociais”. Contudo, “a produção científica se faz numa sociedade determinada que condiciona seus objetivos, seus agentes e seu modo de funcionamento” (Japiassu, 1975, p. 10-11), o que significa que ela carrega consigo elementos da realidade, suas contradições, suas práticas culturais, sociais etc.

Selvagem é um modo de pensar a vida que toma de empréstimo as diferentes abordagens do conhecimento e tece uma nova forma de olhar o mundo e viver em sociedade. Desloca, provoca e propõe a produção do conhecimento a partir de abundante fonte informacional, lançando nova luz sobre a experiência da pesquisa ao corresponder as diferentes formas de conhecimento, desarticulando hierarquizações promovidas pelos padrões da ciência ocidental.

Em vista disto, quando formos discutir sobre a articulação proposta por *Selvagem*, adotaremos os termos conhecimento indígena e conhecimento científico, entendendo que o que ocorre aqui é uma correspondência de diferentes saberes cujo objetivo é o de ampliar e reconhecer formas e mecanismos de pesquisa, de modos de viver e de conhecer o mundo. Neste contexto, *Selvagem* apresenta uma estrutura de produção de conhecimento que emprega ferramentas disponibilizadas pela cultura digital, ao explorar seus recursos técnicos e tecnológicos para criar uma nova dimensão e espaço de reinvenção do mundo a partir da articulação entre diferentes sistemas de conhecimento. Para Ferrara (2020, p. 282),

a midiatização usa os recursos técnicos, mas sua característica informacional é feita de múltiplas diferenças. Vivemos em um planeta tecnologicamente conectado, mas múltiplo e diferente; daí midiatização não se refere ao mundo tecnológico no qual vivemos e do qual, parece, não queremos escapar, mas refere-se ao modo como podemos reinventar o mundo e as relações humanas, e esse é um programa eminentemente político, ao qual as midialogias contemporâneas estão diretamente atentas.

A condição de permanente conexão viabilizada pela tecnologia engendraria o *bios* midiático, cujo solo informacional é abundante, diverso e essencial para a constituição desse ambiente que reconfigura o espaço e o tempo, alterando comportamentos e produzindo novas simbologias. Para Sodré, a midiatização “é a articulação do funcionamento das instituições sociais com a mídia (...), fruto das transformações nos modos de urbanização e no advento das tecnologias da informação e da comunicação, vetorizadas pelo mercado capitalista” (Sodré, 2009, n. p). O que chamamos aqui de reconfiguração das relações, produção de sentido e modo de ser no mundo tem relação com a transmutação de uma vida que era realizada no âmbito da convivência física e de dinâmicas e fluxos de produção e de uso da informação mediados por outras formas analógicas de organização e que passa a acontecer num ambiente virtual, numa experiência de “telerrealização” das relações humanas (Sodré, 2015), redefinindo modos de constituição da comunidade humana.

Os elementos e informações da nossa pesquisa estão localizados em um *bios* midiático: há uma produção de conhecimento a partir da diversidade cultural e social da comunidade que

constitui o *Ciclo de estudos Selvagem*, viabilizada pelo uso de diferentes linguagens e simbologias e pelos recursos, ferramentas e dispositivos tecnológicos que são fundamentais na construção de diferentes objetos comunicacionais e informacionais disponibilizados na página do projeto na internet. O uso dessas ferramentas e as diferentes formas de pensar a produção de conhecimento ajudam a comunidade *Selvagem* a elaborar novas dinâmicas para essa articulação entre os saberes. A experiência *Selvagem* busca superar, por meio da articulação entre os diferentes conhecimentos, a dificuldade de diálogo que existe entre o conhecimento científico e o conhecimento indígena. Isto tudo é articulado por uma experiência digital que cria um ambiente específico de elaboração do conhecimento a partir dos recursos que a tecnologia oferece. Em um trecho do relato elaborado por Jeremy Narby (2020), no caderno sobre o primeiro *Ciclo de estudos Selvagem*, o autor destaca uma fala da antropóloga Els Lagrou, que também participou deste primeiro encontro, identificando a importância do projeto *Selvagem*, ao afirmar que

a ciência não apenas tem dificuldade de se comunicar com o conhecimento dos povos indígenas, mas também com diferentes partes de si mesma – de uma disciplina para outra. (...) o antropólogo Claude Lévi-Strauss havia muito tempo deixara claro que a ciência e o conhecimento indígena eram modos paralelos de aquisição de conhecimento, e que o conhecimento tradicional, como a ciência, dependia de observação precisa e da formulação e teste de hipóteses – em outras palavras, nas mesmas operações mentais (Narby, 2020, p. 6).

Para Lagrou, conciliar conhecimento científico e conhecimento indígena significa olhar criticamente a história do projeto filosófico da modernidade. Ora, trata-se, portanto, de um projeto que repensa, minimamente, as diretrizes do fazer científico ao nos convidar para a ação coletiva de produzir conhecimento considerando outras formas de saberes e tendo como campo mediador dessa produção de conhecimento as ferramentas e estratégias do mundo digital. Destaca assim as correspondências possíveis entre esses conhecimentos: o indígena e o científico.

Estas atividades de produção de conhecimento acontecem fundamentalmente em um ambiente virtual, desde a pesquisa e a interlocução entre os pares que organizam os conteúdos, passando pela preparação do material que envolve técnicas específicas de diferentes campos do conhecimento, tais como as artes, a linguística, o design gráfico, a tradução etc. Esta dinâmica de encontros no formato *on-line* ocorreu especialmente após a pandemia de covid-19 que assolou o mundo no ano de 2020, exigindo cuidados sanitários e distanciamento para desacelerar a contaminação das pessoas pelo vírus. A experiência do virtual permitiu o

envolvimento de pessoas localmente distantes, desterritorializando e ampliando a comunidade *Selvagem*, trazendo diversidade cultural e social para as bases de preparação dos conteúdos.

Essa primeira etapa de preparação dos materiais envolve a pesquisa, o debate e a produção de conhecimento partindo de diferentes perspectivas informacionais. Um segundo momento seriam os desdobramentos que surgem desses conteúdos, no que se refere à interlocução estabelecida entre o projeto e a comunidade externa que acessa e utiliza as informações. A comunidade externa são as pessoas que acessam o projeto e se apropriam dos conteúdos oferecidos (cadernos, vídeos, palestras etc.), promovendo ações que se fundamentam no conhecimento gerado por essa comunidade colaboradora de pesquisadores (as), cientistas, artistas, comunicadores (as), escritores (as) etc., promovendo uma rede de comunicação e de vínculo permitido e estimulado pelo conhecimento compartilhado. Notamos que a forma como a pesquisa e a produção do conhecimento se estabelece no ciclo forma uma comunidade interna e externa que se vincula por meio das informações e dos conteúdos oferecidos.

Para Sodré (2009), não sendo a mídia apenas um aparelho que transmite informações, mas algo que influencia na construção dos vínculos e da elaboração do ser social, ela pode ser considerada como constituidora de um *bios*, uma forma de vida. *Selvagem* está num território que dialoga com a noção de *bios* midiático porque propõe, partindo dessa comunidade que se forma, a reconfiguração do mundo e a abertura de horizontes decoloniais na produção e na divulgação do conhecimento.

O *bios* midiático, portanto, pode ser caracterizado pela evidente articulação dos meios de comunicação e todas as suas ferramentas com a vida social e os acontecimentos que implicam a sua ocorrência. Ou seja, os “mecanismos de inculcação de conteúdos culturais e de formação das crenças são atravessados pelas tecnologias de interação ou contato” (Sodré, 2009, n. p.) no *bios* midiático. Identificamos que o contexto da pesquisa se configura como um ambiente digital, um *bios* midiático. Por isso nossa pesquisa, de natureza qualitativa, utiliza abordagens que possam contemplar a característica desse ambiente. A seguir apresentamos o *Ciclo de estudos Selvagem*, o *corpus* da pesquisa e as abordagens metodológicas adotadas.

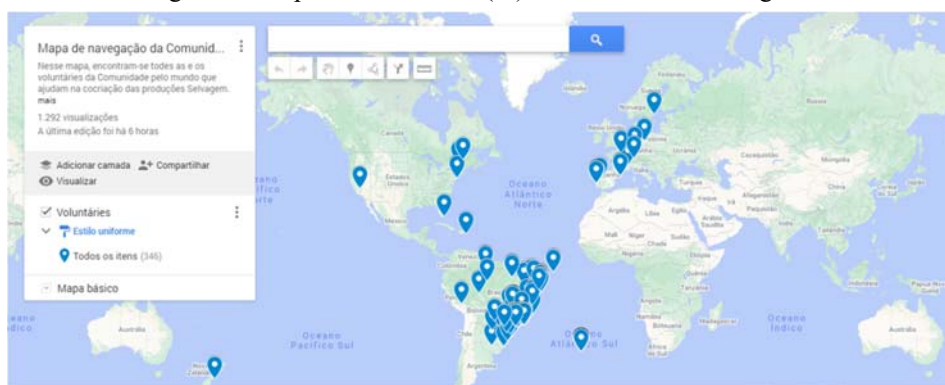
2.2 *Selvagem* - ciclo de estudos sobre a vida

O *Selvagem – ciclo de estudos sobre a vida* é uma proposta de produção de conhecimento que destaca a experiência da articulação de diferentes saberes contemplando as perspectivas de conhecimento indígena, acadêmico, científico, tradicional e de outras naturezas. Interessamo-nos por este projeto por se tratar de uma experiência que divulga, de forma gratuita, uma

diversificada série de conteúdos em formatos textuais, visuais e sonoros e que enfatiza a importância de uma produção de conhecimento marcada pela pluralidade e diversidade humana.

O *Ciclo de estudos Selvagem* é uma ideia original de Anna Dantes que recebe a orientação de Ailton Krenak, a coordenação de Cristine Takuá nas *Escolas Vivas*, sendo produzido por Madeleine Deschamps e por um conjunto de parcerias que formam a comunidade *Selvagem*. Existem, portanto, coordenações que orientam o trabalho voluntário de aproximadamente 334 pessoas que se distribuem entre cinco grupos de pesquisa e de produção de conteúdo, são eles: Comunicações, Preparação de Textos (Traduções e Transcrições), Biblioteca Ailton Krenak, grupo Crianças Selvagem e Produção. Na figura 2, a seguir, podemos observar a localização das pessoas que compõem a comunidade de co-criação do projeto, distribuídas em vários estados do Brasil, e em outros países. Estas informações estão disponíveis no relatório geral das atividades da comunidade *Selvagem* realizadas no ano de 2022⁵.

Figura 2 - Mapa de voluntários (as) da comunidade Selvagem



Fonte: Relatório geral - Atividades da comunidade Selvagem,

Além da comunidade que atua colaborando na criação dos conteúdos, o projeto reúne mais de 7 mil pessoas inscritas para receber informações, via *e-mail*, sobre as ações do projeto e os seus conteúdos, formando uma comunidade externa de simpatizantes do projeto. Os números de acesso aos conteúdos demonstram que o projeto consegue dar visibilidade aos materiais oferecidos. O seu canal na plataforma *YouTube* possui cerca de 50 mil seguidores e os seus vídeos indicam acessos que ultrapassam a marca das 30 mil visualizações. O perfil do ciclo na plataforma *Instagram* possui mais de 51,2 mil seguidores. No ano de 2022 as flechas foram lançadas em várias cidades e outros países a convite de instituições culturais: São Luís,

⁵ Disponível em: https://selvagemciclo.com.br/wp-content/uploads/2022/12/relatoriocomunidade_2022.pdf

Recife, Belo Horizonte, Porto Alegre, Florianópolis, Rio de Janeiro, São Paulo, Londres Zurique, Alemanha, Barcelona, Paris, dentre outros lugares.

Foram produzidos no ano de 2022 cerca de 108 objetos comunicacionais: cadernos, flechas, ciclos, séries das *Escolas Vivas*, conversas, traduções e relatórios. Estes dados nos dão a ideia de que o projeto consegue mobilizar as pessoas em relação ao conhecimento produzido, sendo suas plataformas amplamente acessadas e utilizadas por pessoas em diferentes locais do Brasil e do mundo, além de evidenciar um fluxo de produção informacional diário e intenso. Reforçamos que estes dados se referem especificamente ao momento de realização desta pesquisa.

A primeira ação do ciclo de estudos ocorreu entre os dias 13 e 15 de novembro de 2018, no Jardim Botânico - Rio de Janeiro. Um grupo de pessoas se reuniu com o objetivo de pensar coletivamente sobre suas visões de mundo, num exercício aberto de articulação e conexão entre os conhecimentos (indígenas, científicos, acadêmicos e ancestrais) e seus respectivos modos de estudo e pesquisa. A mediação deste encontro foi conduzida por Ailton Krenak, pensador brasileiro e uma das maiores lideranças do movimento indígena, membro do povo Krenak e nascido no Vale do Rio Doce, em Minas Gerais, no ano de 1953. Em 1988, durante a Assembleia Constituinte, Krenak pintou o seu rosto com jenipapo em sinal de luto pelo retrocesso no processo dos direitos indígenas. Participou da fundação da *União dos Povos Indígenas* (UNIJAVA), criada em 5 de abril de 2010 com o objetivo promover a articulação dos povos indígenas do Vale do Javari, na Amazônia Legal, para a defesa e garantia dos seus direitos. Atuou também na fundação da *Aliança dos Povos da Floresta*, em meados dos anos de 1980, quando algumas das mais importantes lideranças dos povos indígenas e seringueiros do Brasil, como Chico Mendes, se uniram para reivindicar demarcações de territórios e a criação de reservas extrativistas, promovendo aqui uma estratégia concreta de unir os interesses de povos indígenas e seringueiros em defesa da floresta Amazônica (Martins, 1998).

Em conversa com o cineasta Thiago B. Mendonça, para compor a série *Vozes da Floresta – A Aliança dos Povos da Floresta de Chico Mendes a nossos dias*⁶, Ailton Krenak e outras lideranças indígenas, extrativistas e militantes compartilham suas reflexões sobre as trajetórias de luta pela preservação e manutenção das florestas e pela garantia dos direitos dos povos que vivem nestes territórios, recordando os frutos promissores que essa importante articulação entre indígenas e seringueiros trouxe. Dentre muitas ideias e reflexões importantes, Krenak (*Vozes da floresta*, 2020) fala da luta histórica que os povos indígenas empreendem há cerca de cem

⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KRTJlh1os4w>

anos e a violência enfrentada em virtude dos seus modos de ocuparem os seus territórios e de estarem no mundo. A guerra que se coloca contra a população indígena está vinculada a esse modo de vida próprio que não admite a ideia de propriedade privada ou de herança e que habita suas florestas numa lógica de preservação da vida, no contra fluxo do ideal consumista e exploratório.

A floresta é dinâmica e depende dessa relação saudável de coexistência, de consciência, e sobretudo não predatória. As ideologias civilizatórias do progresso, com o uso desmedido de mecanismos de controle e poder, abominam e destroem tudo aquilo que impede e contraria o seu projeto de dominação da natureza para produção de recursos financeiros. Krenak afirma que a história colonial do Brasil é a história de genocídio contra os indígenas (Vozes da floresta, 2020, n. p.), uma marcha sobre os povos indígenas na qual “o progresso ergue suas estruturas de concreto e vidro acima dos cemitérios das populações indígenas”.

Vincular a esses povos o estigma de selvagem, inculto e bárbaro, é uma forma de desqualificar e deslegitimar o modo como se organizam e vivem, seus conhecimentos, suas narrativas e saberes, sua língua, suas crenças etc., justificando todas as formas de agressão e silenciamento que supostamente servem para “civilizar” e “educar”, de modo que povos indígenas deixem de ser um obstáculo para o dito avanço e progresso. Quando pessoas se reúnem em torno de um projeto que se dedica a construir coletivamente uma articulação entre esse modo de conceber o mundo, ou seja o conhecimento indígena, com outros tipos de conhecimento, estamos aqui experimentando novas formas de pequenas resistências que contribuem para a reivindicação e o reconhecimento da pluralidade humana e suas numerosas maneiras de viver.

O nome do projeto – *Selvagem* – por si só é uma provocação criativa que desmonta o sentido depreciativo que o termo carrega, especialmente quando acessamos os conteúdos e nos deparamos com fascinantes narrativas, conhecimentos especializados, saberes ancestrais, materiais artísticos, dentre outros objetos de conhecimento. *Selvagem* atua contra a história de genocídio que segue em pleno vigor no século XXI, ora disfarçada, ora escancarada. Os debates, vídeos, cadernos, músicas, leituras que propõem *Selvagem* são estratégias para “adiar o fim do mundo” (Krenak, 2020), reconfigurando a vida para que ela não desapareça.

Assim, no primeiro encontro que mencionamos, realizado entre os dias 13 e 15 de novembro de 2018, estavam presentes o economista brasileiro, ex-presidente do IBGE e atual presidente do Instituto de Pesquisas do Jardim Botânico do Rio de Janeiro (RJ), Sérgio Besserman; o antropólogo colombiano Luis Eduardo Luna; Tõrãmü Këhíri, um ancião indígena do povo Desana, do Rio Negro; o antropólogo Jeremy Narby; o astrofísico Gustavo Porto de

Mello; e Moisés Piyãko, um respeitado xamã do povo Ashaninka. De acordo com o Instituto Socioambiental (ISA), “a área de ocupação dos Ashaninka estende-se por um vasto território, desde a região do Alto Juruá e da margem direita do rio Envira, em terras brasileiras, até as vertentes da cordilheira andina no Peru” (ISA, s. d.).

O encontro desse grupo, marcado pela presença de cientistas, antropólogos e xamãs, embora aparentemente distante do ponto de vista de suas formações e culturas, permitiu a apresentação de suas visões sobre a vida, valendo-se de diferentes mecanismos de pesquisa. Encontramos o relato deste primeiro encontro no caderno escrito por Jeremy Narby (2019), sob o título *O primeiro ciclo Selvagem*⁷. Desse modo surge o *Ciclo de estudos Selvagem*, iluminando outras formas de conhecimento num exercício de correspondência e diálogo, formando na prática a dinâmica de “pensar junto”.

A origem do mundo, por exemplo, narrada por Tõrãmü Këhíri – pertencente a um dos grupos de descendência dos Desana, os Këhíripõrã ou “Filhos (dos Desenhos) do Sonho – traz a perspectiva do povo Desana e conta a história de Yebá Buró, a grande avó do mundo que fumou a existência da vida e que do seu pensamento criou uma grande esfera – Umuko Wi (maloca do universo). Da fumaça de seu tabaco criou o bisneto do mundo que desceu à terra embarcado em uma grande canoa-cobra, cheia de gente peixe, correndo as águas escuras do Rio negro (AM) e espalhando a humanidade na paisagem do mundo (Narby, 2020).

Ao ouvir a narrativa de origem do mundo do povo Desana, o astrofísico Gustavo Porto de Mello, narrou um mito moderno de origem da vida contado pelo conhecimento científico. Segundo ele, o universo surgiu do nada, há 14 bilhões de anos. Havia uma sopa quântica e muita desordem. Não havia sol, não havia átomos, não havia galáxias. De forma imprevista “átomos simples se formaram, depois se fundiram através da gravidade em estrelas; e nas explosões nucleares das estrelas, o carbono foi produzido – somos criaturas feitas de carbono”. Bilhões de anos se passaram e galáxias e planetas se formaram, tornando a matéria capaz de se auto-organizar. “O código do DNA surgiu da autopoiesis. Somos uma serpente que morde a própria cauda, num processo codificado no DNA que produz proteínas” (Narby, 2020, p. 3). A vida é um processo de auto-organização e de colaboração. *Selvagem* é uma provocação criativa que tenta mostrar as conexões e relações existentes entre as diferentes formas de conhecimento, priorizando uma experiência de percurso livre de pesquisa e estudo. *Selvagem* não se trata de uma oposição à ideia de civilizado, mas revela a expressão da própria vida, “diferente de uma

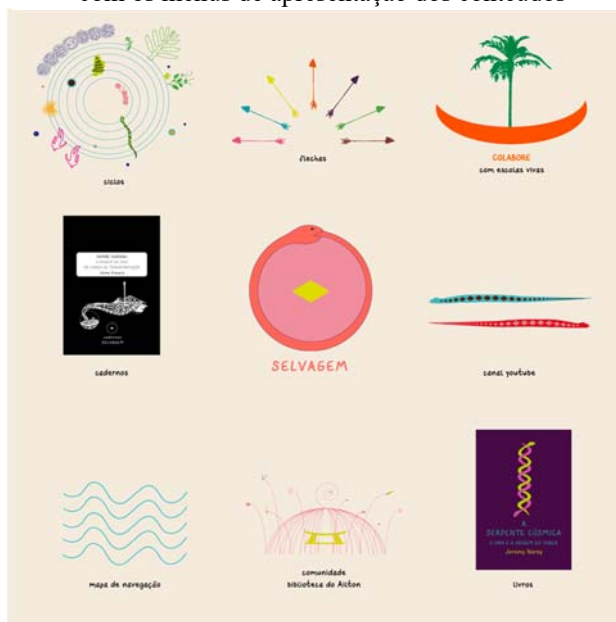
⁷ Disponível em: https://selvagemciclo.com.br/wp-content/uploads/2020/11/CADERNO_2_NARBY.pdf

apreciação moral entre civilizado e selvagem”, Krenak observa o selvagem como vida (2020, p. 1).

O projeto já realizou inúmeras edições com encontros presenciais e *on-line*, desde 2018 até hoje, o que proporcionou como resultado uma série de conteúdos que abordam diversos assuntos: natureza, saúde, sonhos, ecologia, pandemia, educação, infância, o pensamento científico, astrologia, biologia, botânica, origem do mundo etc. Navegando na página do projeto na internet, podemos escolher que conteúdo acessar e a partir disso desdobram-se outras informações e materiais interligados e expressos a partir de linguagens artísticas, audiovisuais, textuais, sonoras.

Os menus principais agrupam temas que se conectam ou se desdobram em outras ações, são eles: Ciclos, Flechas, Escolas Vivas, Cadernos, Canal *YouTube*, Mapa de navegação, Comunidade Biblioteca do Ailton e Livros. Na figura 3 a seguir, podemos visualizar a página inicial com a disposição dos menus e a identidade visual do projeto.

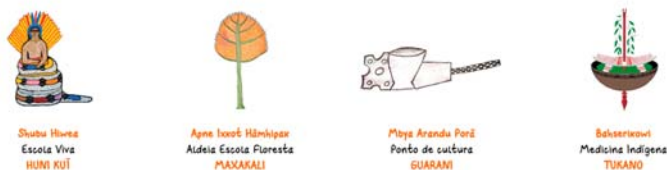
Figura 3 - Página inicial do *Ciclo de estudos Selvagem* com os menus de apresentação dos conteúdos



Fonte: extraído do *site* e elaborado pela autora, 2023.

Descreveremos nas próximas seções, as principais ações do projeto a partir dos conteúdos *Escolas vivas*, Ciclos, Cadernos, Flechas e Biblioteca do Ailton Krenak. Buscamos com isso mapear e ter uma dimensão dos eixos temáticos mais trabalhados e do quadro referencial utilizado na produção de conhecimento do ciclo, representado pela presença de autores, autoras, mestres, mestras, xamãs, cientistas e artistas etc. que atuam nos ciclos e debates.

2.2.1 Escolas vivas



A *Escola Viva* é um projeto coordenado por Cristine Takuá, filósofa, professora, escritora e artesã, da etnia Maxakali, território indígena localizado no estado de Minas Gerais com reconhecimento de suas terras homologado no ano de 1996. Cris Takuá é militante pelos direitos dos povos indígenas e pela defesa do “Bem viver”, propondo a partir disto um modelo de civilização alternativo ao estabelecido pela ciência ocidental, que legitima a separação entre natureza e cultura, promovendo uma lógica de sociedade que se organiza a partir de oposições como animal e humano ou selvagem e civilizado, por exemplo. A autora defende uma educação que se oriente pela experiência do “Bem viver”. Segundo Takuá (2018, p. 5), “vivemos uma emergente e complexa crise social, política e ambiental, a qual nos leva a questionar e a repensar o ser e o saber, resultando numa conscientização de que temos que reaprender a pensar e agir no mundo”.

O “Bem Viver” é uma noção que vem sendo construída com o objetivo de combater a colonialidade do poder e a lógica capitalista, excludente e violenta que fundamenta a vida em sociedade e que, de forma acelerada, destrói tudo o que se apresenta como obstáculo para a sua manutenção. Tem sua origem na sabedoria indígena e busca a integração e a complementaridade entre as pessoas e a natureza. Segundo Takuá, “Bem viver” (*teko porã* em guarani) é um conceito filosófico, político, social e espiritual que expressa o desejo de viver em um mundo onde o equilíbrio, o respeito e a harmonia conduzam nossas ações. Representa a “boa maneira de ser e de viver” (Takuá, 2018, p. 6) e se opõe radicalmente à lógica de consumo, progresso e civilização do mundo ocidental. A *Escola Viva* traduz o desejo de que as crianças possam aprender o sentido da vida guiadas pelo “Bem viver”, tornando-se pessoas responsáveis com o mundo em que vivem, já que sem mundo não há sentido para se construir, não há motivos e nem lugar para ser.

O projeto da *Escola Viva* propõe, em quatro territórios educativos, a continuidade e a preservação do conhecimento indígena, que se estrutura basicamente a partir da vida na floresta, dominando os saberes sobre as plantas, os animais, conhecendo as histórias de cura, os cantos, os rituais, dentre outras formas de saberes. Trata-se da tentativa de manter vivos os ensinamentos e a memória dos povos indígenas e de possibilitar novas formas de pensar o

ensino e a educação das crianças, servindo como um modelo de escola não somente para os povos indígenas, mas também para a população não indígena.

Dua Buse, pajé, professor e conhecedor dos saberes da cultura Huni Kuin, é o idealizador e criador da primeira *Escola Viva*, *Shubu Hiwea*, localizada em seu território indígena. Os Huni Kuin habitam a fronteira brasileira-peruana na Amazônia Ocidental, estando localizados, no Brasil, no estado do Acre. Para Dua Buse, a *Escola Viva* está aberta, é o próprio lugar onde habitam, é a floresta e seus ensinamentos contínuos. As atividades de formação e transmissão da cultura e dos saberes locais são planejadas pelos mais velhos. “É um movimento que tem sido vivenciado e construído de diversas formas no cotidiano das aldeias, nas partilhas entre mestras tecelãs e aprendizes, velhos e crianças, alunos e professores” (Selvagem, Shubu Hiwea, n. p).

Carlos Papá pertence à etnia Guarani Mbyaa, é presidente do Instituto Guarani da Mata Atlântica (Iguama), fundador e conselheiro do Instituto Maracá, com atuação na produção audiovisual e participante ativo das *Escolas vivas*. Segundo Papá (2022), a *Escola Viva* trabalha no sentido de fortalecer o conhecimento que está adormecido. Sua metodologia está intimamente ligada à noção de vida, ou seja, o conhecimento é apresentado a partir do cotidiano da própria comunidade escolar, de sua vivência comunitária, das relações estabelecidas, do ambiente em que vivem.

Por meio de dinâmicas que priorizam o brincar, a relação com os sonhos, os rituais espirituais, a tecelagem, as festividades e os saberes das plantas, professoras e professores das *Escolas Vivas* ensinam sobre viver em harmonia com o ambiente. Nas escolas convencionais isso, em geral, não é ensinado. Esta iniciativa busca incentivar, fortalecer e ajudar a manter quatro escolas vivas localizadas em territórios indígenas, impulsionando a transmissão de saberes tradicionais. Para Takuá,

o maior objetivo desse apoio às escolas vivas é o fortalecimento dos territórios indígenas e de suas memórias ancestrais. Muitos saberes e fazeres deixaram de ser praticados devido a muitas imposições do mundo do capital, essas memórias, no entanto, não morreram apenas estão adormecidas. Para acordá-las é necessário um coletivo ativo e criativo para remar a canoa da transformação percorrendo as diversas narrativas e trazendo para o dia-a-dia esses conhecimentos (Takuá, s. d.).

As escolas estão localizadas na floresta amazônica e na floresta Nhe'ery (mata atlântica), com os povos Huni Kuin, Tukano, Maxakali e Guarani Mbya. Esses quatro espaços vêm resistindo e desenvolvendo atividades ao longo dos anos, reinventando a noção de sala de aula ao direcionar a dinâmica de ensino para a relação com o meio ambiente e com os

acontecimentos da comunidade, marcando a experiência do ensino pela prática do “Bem viver”. Nas figuras 4 e 5, retiradas do livro *Una Shubu Hiwea – Livro Escola Viva*, disponível na página do *Ciclo de estudos Selvagem* na internet, podemos acompanhar duas atividades que foram realizadas no contexto das ações das escolas vivas.

Figura 4 - Pajé Agostinho ensina sobre as plantas medicinais, na *Escola Viva Huni Kuin*



Fonte: retirado do livro [Una Shubu Hiwea, Livro Escola Viva](#)

Figura 5 - As crianças da comunidade escolar aprendendo na floresta



Fonte: [Una Shubu Hiwea, Livro Escola Viva](#)

As escolas atuam recuperando o conhecimento indígena e as práticas que envolvem os saberes sobre a saúde coletiva, a cura, os cantos, as narrativas, mapeando e cultivando suas plantas, criando parques de medicina natural, trabalhando com linguagens artísticas, produzindo documentários e filmes que registram esses saberes, escrevendo e publicando livros em seus idiomas e traduzindo para o português. Buscam, com isso, manter viva as suas histórias e os seus conhecimentos para a preservação da sua própria comunidade, mas também nos ensinam a praticar o “Bem viver” a partir do modo como organizam e conduzem sua vida em comunidade. Nas figuras 6 e 7, a seguir, compartilhamos as páginas do livro produzido no contexto de uma *Escola Viva*. O livro é resultado de uma construção coletiva, cujo conteúdo apresenta um conhecimento orientado pelo pajé da comunidade, com o registro de oficinas, projetos de construção de espaços, registro das narrativas e memórias ancestrais e ilustrações de artistas da comunidade.

Figuras 6 e 7 – páginas do *Livro Escola Viva Una Shubu Hiwea*, produzido pela escola viva.



Fonte: *Una Shubu Hiwea* – ‘Livro Escola Viva’

Podemos observar nestas páginas que o conteúdo do livro reúne o conhecimento indígena referente à constituição de um parque medicinal onde está previsto a criação de casas de cura, o inventário de plantas, ações de reflorestamento, trabalho com agricultura sintrópica, pesquisas e intercâmbios buscando a valorização dos pajés e do conhecimento tradicional e ainda a previsão de realização de um projeto de destilação de óleos essenciais e as estruturas necessárias para o seu desenvolvimento. Este exemplo demonstra a riqueza das ações conduzidas pelas *Escolas Vivas* que, ao materializar um tipo de conhecimento indígena localizado naquele território, proporciona o acesso e divulgação deste conhecimento a partir de produtos de informação e conhecimento.

As *Escolas Vivas* estão construindo novas possibilidades de pensar a formação de suas crianças e são um exemplo a ser observado e seguido por escolas convencionais, por professoras, professores, mães, pais e todas as pessoas que se interessam por uma escola que se oponha ao que Freire chamou de educação bancária (FREIRE, 2020), cujo processo de aprendizado se dá de forma mecânica e passiva, o oposto do proposto pelo conhecimento indígena.

2.2.2 Ciclos

Os ciclos promovidos pelo *Selvagem* compreendem encontros, em formato *on-line* e presencial, para leitura e debate sobre diferentes assuntos, recebendo especialistas que conduzem as conversas a partir de um material de estudo compartilhado previamente entre as pessoas que se inscrevem e participam dos cursos. Entre os anos de 2020 e 2022 foram realizados oito ciclos de estudos, no formato *on-line*, restrito para pessoas inscritas. Em 2022 e 2023 aconteceram outros seis encontros, no formato *on-line* e presencial, com acesso disponível no canal *Selvagem* na plataforma *YouTube*.

Apresentamos quatro dos oito ciclos realizados para contextualizar a dinâmica de pesquisa que envolve a preparação destas ações, observando os temas estudados, as referências utilizadas e a presença dos (as) autores (as), artistas, xamãs, pajés, lideranças e cientistas envolvidos (as) na condução dos ciclos.



No *Ciclo Biosfera* foi realizada a leitura do livro *Biosfera*, de Vladimir Vernadsky, professor de economia política e considerado um dos fundadores da geoquímica. Ele foi um dos primeiros cientistas a reconhecer que o oxigênio, o nitrogênio e o dióxido de carbono na atmosfera da Terra resultam de processos

biológicos. O ciclo foi conduzido pela bióloga Aliny Pires e realizado nos dias 13, 20 e 27 de maio e 03 de junho de 2020. Os temas trabalhados em cada encontro foram: biosfera e espaço, biosfera e potência, biosfera e limites e biosfera e diversidade. Foi compartilhado um material de estudo⁸ com textos sobre a obra biosfera e sobre Vladimir Vernadsky.



ciclo regenerantes de gaia

O segundo ciclo realizado em 2020 aconteceu nos dias 17 e 24 de junho e 01 e 08 de julho de 2020. O ciclo foi conduzido por Fabio Scarano, engenheiro florestal e especialista em Ecologia. Seu campo de estudo envolve a questão climática da perspectiva de Gaia. Na mitologia grega Gaia é a Mãe-Terra, elemento de poder e criação, geradora do céu, do mar e das montanhas (HESIODO, 1996). A leitura do livro *Regenerantes de gaia* foi conduzida por um material de estudo⁹, tendo como ementa para o debate uma introdução apresentando os tópicos: antecedentes, natureza e Gaia; estado do planeta; angústia em Kierkegaard e Von Trier e trecho de filme citado no livro. Os outros três encontros foram guiados pelos temas da regeneração, da consciência e da transcendência.



ciclo antes o mundo não existia

Antes o mundo não existia foi um ciclo de estudos realizado nos dias 22 e 29 de julho e 05 e 12 de agosto de 2020, conduzido por Francineia Fontes Baniwa, professora, técnica em gestão ambiental, socióloga, antropóloga e pertencente ao povo Baniwa, e Idjahure Kadiwel, antropólogo e poeta pertencente aos povos indígenas sulmatogrossenses Terena e Kadiwéu. Este ciclo contou com a presença dos professores (as), artistas, escritores (as), antropólogos (as) e filósofos (as) indígenas Jaime Dikara, Dagoberto Azevedo, Daiara Tukano, João Paulo Barreto, Denilson Baniwa, Ailton Krenak e Álvaro Tukano. A partir da leitura do material disponibilizado¹⁰ e da projeção do filme *Pelas águas do Rio de Leite*¹¹, o estudo trouxe pelas narrativas e conhecimento ancestral,

⁸ Material de estudo disponível em:

https://drive.google.com/drive/folders/1vUxSfIQXOjVxtY_2VbkSHBIMcXi1umP. Último acesso em 16/07/2023.

⁹ Disponível em: https://drive.google.com/drive/folders/1IrpOQtHsEXKphz6_e5qyrGXPzSgLnPBV. Último acesso em 16/07/2023.

¹⁰ Disponível em: <https://drive.google.com/drive/folders/1gLEQQfxZZ4jaIL8w-lHFGcG2TGQhb7v->. Último acesso em 16/07/2023.

¹¹ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=CirpI_a_FJI&t=1896s

as histórias de origem do mundo na perspectiva dos povos rionegrinos, especialmente dos povos desana.



ciclo de leitura Nhe'ery – Mba'e Kaa

Neste ciclo foi realizada a leitura do livro *Mbaé Kaá, o que tem na mata: a botânica nomenclatura indígena*, de João Barbosa Rodrigues (1842 - 1902), engenheiro, naturalista, botânico, escritor e etnógrafo.

Foi diretor do Museu Botânico do Amazonas e diretor do Jardim Botânico no Rio de Janeiro. O estudo foi mediado por Carlos Papá e contou com a presença de Ailton Krenak, Fábio Scarano, Cristine Takuá, Saulo Kuaray (do povo Guarani), Antônio Werá Kwaray (cacique da aldeia Werá Kwaray) e Anderson Santos (biólogo, botânico, cientista e professor). O ciclo foi realizado nos dias 11, 19 e 25 de maio e 01 de junho de 2021 e propôs um diálogo com o pensamento Guarani, por meio de sua cosmologia, com os saberes de Nhe'ery (mata atlântica), tendo a leitura do livro de João Barbosa Rodrigues como eixo condutor por ser uma contundente defesa do conhecimento nativo diante do meio científico.

Essa breve apresentação serve para termos uma dimensão da quantidade de interlocução estabelecida entre as pessoas que conduzem os debates e leituras dentro do ciclo. Para aprofundar nos ciclos apresentados ou conhecer os demais, é possível acessar a página do projeto¹² e navegar nos materiais de estudo e pesquisa e em seus desdobramentos. Nosso foco não é o de aprofundar na investigação dos ciclos, mas, ao apresentá-los, entendermos a importância dessa ação de pesquisa, leitura e estudo no processo de construção do conhecimento e na produção dos demais materiais oferecidos pelo projeto. Estes encontros mobilizaram pessoas de diferentes áreas para tratarem de temas ligados à vida em sociedade, buscando construir formas menos violentas de viver no mundo a partir da pluralidade e da diversidade das práticas, costumes, saberes e conhecimentos, no esforço e no desejo de consolidar formas de pensarmos juntas e juntos, de forma coletiva. Os ciclos desdobram-se em outros conteúdos dentro do projeto, como os cadernos e as flechas apresentados logo a seguir.

2.2.3 Cadernos

¹² Para conhecer melhor os Ciclos de estudos do Selvagem, acesse: <https://selvagemiciclo.com.br/ciclos/>

Na seção cadernos, o *Ciclo de estudos Selvagem* oferece a sistematização e o registro dos conteúdos produzidos na realização dos ciclos de leitura, das palestras, dos roteiros das flechas, além de compartilhar também a transcrição de documentos e o registro de desenhos. Todas essas ações são realizadas no âmbito do projeto, contemplando as discussões e eixos temáticos definidos pelo *Selvagem*. A produção editorial dos cadernos é realizada coletivamente pela comunidade *Selvagem*, que tem o seu trabalho orientado a partir de reuniões periódicas e a partir de dois guias textuais que auxiliam no processo de revisão e tradução dos conteúdos. Os cadernos estão divididos nas categorias “cadernos selvagem” e “cadernos vegetais”.

Os “cadernos selvagem” compreendem os conteúdos provenientes dos ciclos de estudos, aulas, palestras, vídeos e flechas. Os cadernos vegetais reúnem saberes e práticas ancestrais de saúde para o processo de cura e cuidado, por meio do conhecimento das plantas medicinais e dos ritos de benza. A curadoria dos cadernos vegetais é de responsabilidade da *Chã – Coletiva da Terra*¹³, formado por um grupo de mulheres que trabalha com a pesquisa e a produção de formações e práticas culturais voltadas para a agricultura regenerativa.

Estão disponíveis para pesquisa e *download* gratuito mais de 70 “cadernos selvagem” que versam sobre narrativas de origem do mundo, biologia, botânica, plantas, floresta, medicina, ritos, cantos, astrologia, pandemia, território indígena, contos, crônicas, poesias, desenhos, escolas vivas, benzedoiras, parteiras, arte, cinema, dança, teatro. Os temas giram sempre em torno dessa tentativa de estabelecer novas formas de pensar o mundo para um bem viver que respeite a natureza, tendo como princípio a integração e a harmonia entre seres humanos e meio ambiente. Na figura 8, a seguir, apresentamos quatro títulos que compõem a coleção dos cadernos como forma de destacar, neste momento de apresentação do ciclo, temas e autorias que compõem o conjunto de cadernos.

Figura 8 - Capas de alguns cadernos disponíveis para pesquisa, produzidos pelo *Selvagem*



Fonte: elaborado pela autora, capas extraídas do site do *Ciclo de estudos Selvagem*, 2023.

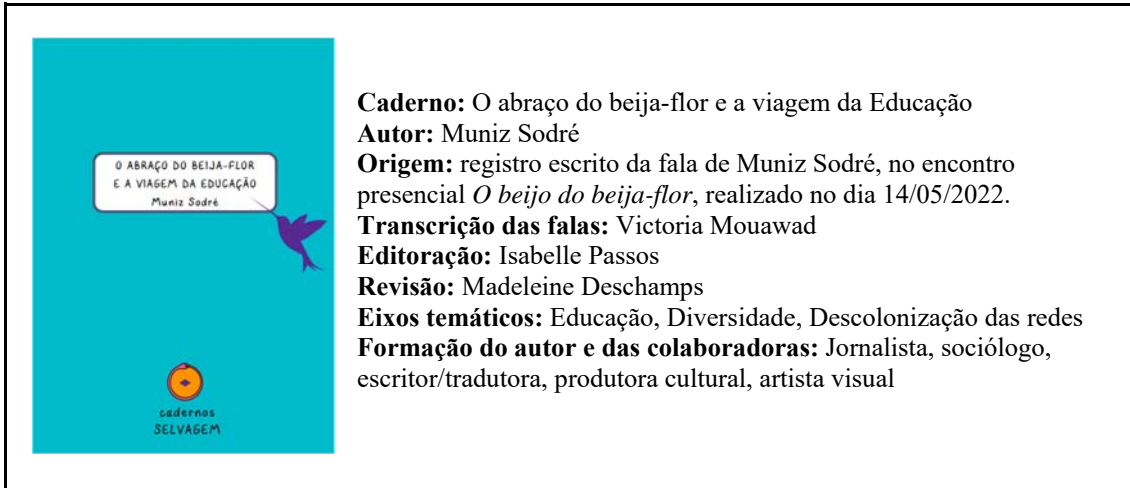
¹³ Para saber mais, acesse: <https://linktr.ee/cha.coletivodatterra>

Por se tratar de uma pesquisa cujo objeto de observação é dinâmico e vivo, os números que apresentamos aqui em relação aos objetos de informação e conhecimento produzidos no contexto do *Selvagem* se expandem conforme as ações do projeto vão acontecendo, resultando em novos materiais.

No quadro 2 apresentado logo abaixo, realizamos esse exercício de descrição dos cadernos trazendo informações sobre a produção de conhecimento que oferecem, destacando os temas, os (as) autores (as) e as suas áreas do conhecimento. Nosso objetivo é o de observar de que modo os cadernos, esses objetos comunicacionais, resultantes de outros processos de pesquisa e formação do projeto, podem indicar a articulação entre as diferentes formas do conhecimento. Ampliamos esse exercício na seção *Mapa de Navegação* inserindo outros cadernos.

Quadro 2 – Descrição com informações gerais dos cadernos Selvagem

	<p>Caderno: O mundo está sendo parido o tempo inteiro Autores: Ailton Krenak, Álvaro Tukano, Daiara Tukano, Francy Fontes, Idjahure Kadiwel Origem: caderno produzido a partir do último encontro do ciclo de estudos <i>Antes o mundo não existia</i> Transcrição das falas: Lu Kawa Produção editorial: Mariana Rotili e a Isabelle Passos Co-edição: Idjahure Kadiwel Desenho da capa: Törämü Kêhíri Eixos temáticos: Memória ancestral, narrativas de origem do mundo, tradição oral, povos desana (AM) Formação dos (as) autores: pessoas indígenas e não indígenas, artistas, antropólogos (as), poetas, sociólogos (as), fotógrafa, roteirista, designer, professora, escritores (as).</p>
	<p>Caderno: Escolas vivas Autora: Cristine Takuá Origem: transcrição da fala de Cristine Takuá, em diálogo com Anna Dantes e Ailton Krenak, na Conversa Selvagem de 21/03/22. Transcrição das falas: Natália Amarinho e Katlen Rodrigues Editoração: Isabelle Passos Revisão: Sâmia Rios Desenho da capa: Maira Silva e Cristine Takuá Eixos temáticos: Educação, Escolas vivas, Bem viver Formação da autora e colaboradoras: filósofa, rezadeira, parteira, educadora e artesã indígena / designer, astrofísica, comunicadora, pedagoga.</p>



Fonte: elaborado pela autora, 2023.

Encontramos nos cadernos informações, narrativas e conhecimento produzido por uma comunidade de pesquisadores (as) que atuam em diferentes áreas e que juntos buscam articular os seus saberes transformando-os em material de pesquisa e inspiração para outras pessoas. Essa elaboração conceitual é transformada em material textual e artístico por muitas mãos, numa experiência de participação e colaboração que materializa o conhecimento articulado.

2.2.4 Flechas

Flecha Selvagem é o nome dado à série composta, até o momento, por sete episódios que projeta a pesquisa e a articulação do conhecimento *Selvagem* em material audiovisual. É um atraente convite para adentrar nos conteúdos do projeto, que oferece também um caderno com o roteiro e propostas de atividades para criar desdobramentos no campo da educação, das artes e de projetos sociais e culturais. São materiais acessíveis também nos idiomas inglês e francês e estão disponíveis na plataforma do *YouTube* no canal *Selvagem*, e na página do projeto na internet.

As flechas abrem caminhos “para que sejam feitas novas perguntas. São destinadas ao público geral e também é um convite para que escolas, universidades, pontos de cultura e projetos comunitários de educação acessem narrativas mais pluriversais” (Selvagem, s. d.). Cada flecha, narrada por Ailton Krenak e roteirizada por Anna Dantes, apresenta a articulação de diferentes formas de conhecimento que se materializam em imagens, palavras, vídeos, sobreposições, paisagens sonoras. Forma-se um ambiente de aprendizado que explora a arte e a criatividade para tratar de temas relacionados à vida. A partir do uso de recursos da animação e da “compostagem de imagens”, termo empregado pela própria comunidade do projeto, as

flechas lançam uma miríade de informações utilizando arquivos indígenas, artísticos e científicos, com uma trilha sonora original. Tal como um adubo que se constitui pelo processo de reciclagem de matéria orgânica, as imagens, vídeos e obras artísticas utilizadas são o resultado dessa pesquisa que usufrui de arquivos indígenas, científicos e artísticos.

Segundo, Anna Dantes, em entrevista concedida à revista britânica *Where the Leaves Fall*¹⁴, cujo escopo explora as relações de interação entre humanidade e natureza, o projeto das flechas busca mudar a perspectiva das pessoas em relação à visão de mundo ocidentalizada. Segundo Dantes, essa visão ocidental prioriza o dinheiro e desconhece a riqueza das florestas e do conhecimento e vida cultural dos povos indígenas (Dantes, n. p.). Cada flecha, guiada por um eixo temático, nos conduz a reflexões e debates fundamentados em memórias ancestrais, teorias científicas, narrativas, saberes e experiências artísticas. Das sete flechas projetadas, apresentamos três com um breve resumo extraído do *Ciclo de estudos Selvagem*, para que nosso (a) leitor (a) tenha dimensão do que se trata essa experiência audiovisual e esse exercício de conexão e de interatividade entre os conteúdos trabalhados.

Flecha 1: A serpente e a canoa

Nesta flecha articulam-se o conhecimento científico, indígena e memórias ancestrais. O fio que conduz este episódio expõe duas narrativas que se sobrepõem: a história da canoa cobra contada pelo povo Desana, que narra a origem do mundo; e a serpente cósmica associada à representação visual do DNA, por meio de hipóteses científicas da biologia molecular, em diálogo com conhecimentos indígenas.

A produção desta flecha está associada à conversa *Selvagem* realizada entre Anna Dantes e Ailton Krenak¹⁵ e a publicação do caderno *A serpente e a canoa*. A narrativa é fundamentada nos livros *A Serpente cósmica, o DNA e a origem do saber*, de Jeremy Narby; *Antes o mundo não existia*, de Umusi Pãrõkumu e Torã mü Këhír e *O mundo Tukano antes dos brancos*, de Álvaro Tukano.

O encontro destas duas narrativas é fruto da conversa inaugural do *Ciclo de estudos Selvagem*, relatada por Jeremy Narby no caderno *Primeiro ciclo Selvagem*. O antropólogo afirmou que “as duas histórias pareciam apontar na mesma direção”, tanto o conhecimento científico da sopa quântica desordenada quanto o conhecimento indígena, marcado pela narrativa Desana da avó fumando tabaco no escuro, pensando em criar o mundo, projetando a

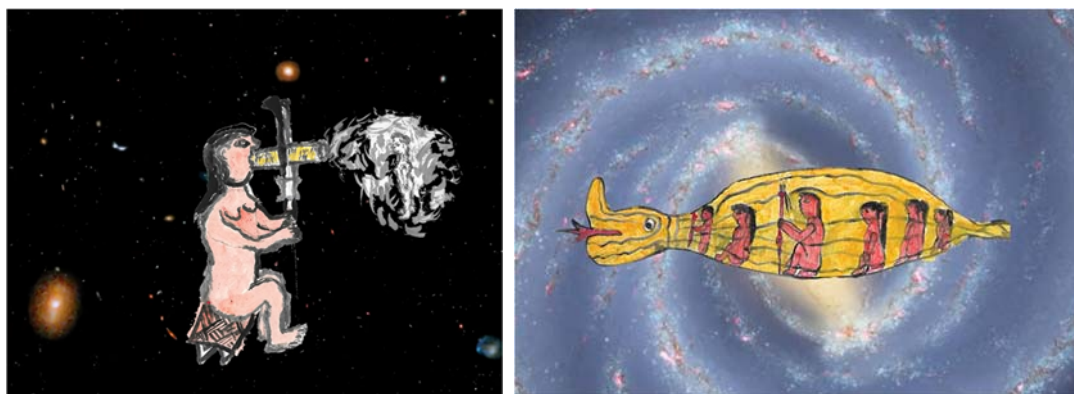
¹⁴ Disponível em: <https://wheretheleavesfall.com/explore/article-index/wild-arrows/>

¹⁵ Disponível aqui: <https://www.youtube.com/watch?v=AMmrj8e9OUo&t=463s>

“canoa cósmica da serpente lançando humanos-peixes pela paisagem” (Selvagem, 2020, p. 2). Importante destacar o fluxo da produção de conhecimento e informação observado aqui: a partir da conversa realizada no primeiro encontro do ciclo, entre duas formas de conhecimento sobre a origem da vida representadas pela narrativa de origem Desana e a narrativa científica da sopa quântica, desdobram-se outros objetos, tais como, o caderno, uma flecha e a publicação de um livro.

As imagens a seguir são registros estáticos da flecha e mostram o encontro das duas histórias, que se desdobram ao longo do vídeo explorando diferentes narrativas, imagens e sons. Trata-se, portanto, de imagens retiradas da flecha, que foram produzidas no contexto do *Ciclo de estudos Selvagem*. As imagens mostram uma tentativa de sobreposição das duas histórias de origem do mundo narradas por pesquisadores dos conhecimentos indígena e científico. A compreensão dessa proposta audiovisual se amplia quando assistimos a flecha, acessamos o roteiro, assistimos o debate realizado no contexto do ciclo de leitura e pesquisamos as referências bibliográficas que fundamentam sua elaboração. As figuras 9 e 10, revelam essa forma criativa de explorar as correspondências entre as duas narrativas apresentadas.

Figuras 9 e 10: sobreposições de imagens narram a origem do mundo.



Fonte: imagens extraídas do Caderno *A serpente e a canoa*, 2020.

Os desenhos que compõem a sobreposição das duas figuras foram feitos por Torãmü Kêhíri, escritor pertencente ao povo Desana do Rio Negro, citado anteriormente. As imagens representam a história de origem do mundo dos Desana, como mencionamos acima, em que Yebá Buro, a avó do mundo, fuma a existência da humanidade e lança nas águas do Rio Negro a canoa cósmica da serpente carregada de humanos que desembarcam ao longo das margens rionegrinas. Os desenhos estão sobrepostos às imagens de galáxias retiradas de vídeos produzidos pela *National Aeronautics and Space Administration* (NASA), uma agência do governo federal dos Estados Unidos responsável pela pesquisa e

desenvolvimento de tecnologias e programas de exploração espacial. Estas imagens, por sua vez, remetem a narrativa científica de origem do mundo marcada pela desordenada sopa quântica. Ao mesmo tempo criam, no imaginário, a ideia de que a canoa cobra navega o rio de leite dos povos indígenas rionegrinos.

Flecha 2 - O sol e a flor

Na segunda flecha, o conteúdo abordado associa diferentes visões sobre a relação do sol com a vida na Terra, tendo como fundamentação teórica o livro biosfera, de Vladimir Vernadsky, utilizado também no ciclo de leitura citado anteriormente. Este livro é o primeiro ensaio científico sobre a Terra como um grande organismo onde tudo interage, tendo sido lançado pela primeira vez no ano de 1926, na Rússia (Selvagem, 2020). Outra referência importante utilizada é o livro *A queda do céu*, do escritor, ator e xamã Davi Kopenawa (2015).

A flecha trata da relação entre a radiação solar e as plantas, buscando encontrar diálogo entre as narrativas científicas e indígenas. Utiliza ainda o livro *A vida das plantas*, do professor e filósofo Emanuele Coccia, cuja pesquisa propõe a ampliação da percepção da vida e dos seus sistemas. Discute a interação dos raios solares com a matéria verde terrestre, que por meio da fotossíntese, ou seja, da síntese da luz e sua transformação em matéria orgânica, transforma a Terra em um organismo de permanente ebulição vital. Para o *Ciclo de estudos Selvagem*, “a fotossíntese se apresenta como chave de manutenção do equilíbrio dinâmico para a regulação da Biosfera. A Teoria de Gaia flui em diálogo com a suspensão do céu na compreensão yanomami, “as árvores levantaram a atmosfera e assim o céu não desaba sobre nós” (Cadernos Selvagem, 2021, p. 13).

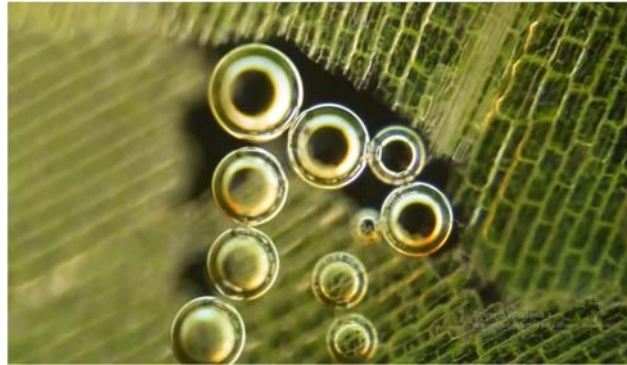
Essa ideia está articulada também com o mito Guarani no qual “o sol se desdobra da noite originária” ramificando em flor. No mito, a flor e o seu desabrochar possuem sentidos mais amplos que envolvem nossa existência humana (Selvagem, 2020). A produção desta flecha contou com as referências supracitadas e com a consultoria e inspiração de pesquisadores (as) indígenas: Jaime Diakara, Cristine Takuá, Denilson Baniwa, Edilene Yaka Huni Kuin, Wewito Piyãko, Jaider Esbell e Ailton Krenak que trouxeram o Sol em várias línguas indígenas. As imagens apresentadas nas figuras 11, 12 e 13 foram retiradas do caderno *O sol e a flor*.

Figura 11 - Como as cianobactérias dominaram o mundo



Fonte: Imagem de James Weiss. Retirada do caderno *O sol e a flor*,

Figura 12 - processo de fotossíntese visto pelo microscópio



Fonte: Imagem retirada do caderno *O sol e a flor*, 2021

Figura 13 - *Several Circles*, Wassily Kandinsky



Fonte: Imagem retirada do Caderno *O sol e a flor*,

Todo o material audiovisual utilizado na produção das flechas é proveniente de pesquisa iconográfica realizada pela comunidade *Selvagem*, ativada pela ideia da “compostagem de imagens”. Nas figuras 11 e 12 temos referências científicas de cianobactérias e do processo de fotossíntese alcançados pelo uso de microscópio. A figura 13, também retirada desta flecha, é uma pintura do artista plástico russo Wassily Kandinsky (1866-1944) e faz alusão ao registro científico da fotossíntese, criando múltiplas referências visuais para o tema que trata da transformação da terra pela presença do sol em contato com esses seres microscópicos, mesclando as narrativas indígenas com as narrativas científicas. Esta interpretação trata-se de uma observação pessoal da pesquisadora, que ao interagir com os conteúdos do *Selvagem*, observa uma série de analogias como esta que exploram uma relação de sentidos construídos na aproximação entre linguagem científica e linguagem artística. Ao longo de todo o vídeo múltiplas referências visuais vão fundamentando a ideia de que a vida na Terra é o resultado do processo de fotossíntese.

Para a narrativa científica, presente no livro *Biosfera*, as bactérias transformaram água e gás carbônico em alimento, liberando o oxigênio de volta para a atmosfera, ou seja, permitindo que o planeta Terra fosse um ambiente habitável. Para os Yanomami, “as árvores levantaram a atmosfera (...) há um elo indissolúvel na biosfera entre a radiação solar e o mundo verde. As plantas fazem o mundo. É delas que a vida se origina diariamente” (Selvagem, 2021). Verônica Pinheiro¹⁶ diz que, como espectadora do *selvagem*, vê a parceria com o conhecimento científico, em muitos momentos, no sentido de um enfrentamento, ou seja, o que o conhecimento científico está dizendo sobre a vida, não é novidade nenhuma para o conhecimento indígena: “a gente também pensa sobre isso”.

Flecha 3 – Metamorfose

A terceira flecha, *Metamorfose*, fundamenta a sua elaboração no conhecimento do povo Tukano e na leitura dos livros *Metamorfoses*, de Emanuele Coccia, do ensaio de antropologia indígena *Waimahsã – Peixes e Humanos* e na tese de Doutorado *Kumuã na kahtiroti- -ukuse: uma “teoria” sobre o corpo e o conhecimento-prático dos especialistas indígenas do Alto Rio Negro*, ambos de João Paulo Lima Barreto (indígena da etnia Tukano, antropólogo e professor na Universidade Federal do Amazonas).

O conteúdo da flecha trata da evolução da espécie humana a partir da ação da colaboração pela “observação de elementos e seres que migram entre corpos vivos”. Opõe-se à ideia de

¹⁶ PINHEIRO, Verônica. Conversa com Cássia Oliveira. 17 de julho 2023 [via plataforma *Google Meet*].

que as espécies estão prontas e acabadas ao propor a compreensão da transformação pela metamorfose, explorando a articulação entre o conhecimento indígena e o conhecimento científico. “A metamorfose faz da vida transmissão”, trata-se de “um canal de transformação que leva a vida de uma forma a outra. Uma mesma vida conecta vários mundos. No entrelace das partículas que atravessam vidas e corpos, somos quimeras, seres multiespécies” (Selvagem, 2021).

A flecha lança a reflexão sobre a continuidade da vida, transmitida desde tempos remotos, na multiplicidade das diferentes formas de existir. “Há milhões de anos, essa vida se transmite de corpo em corpo. Ela se desloca e se transforma. A vida de cada ser vivo não começa com seu próprio nascimento: ela é muito mais antiga” (Selvagem, 2021). Essa forma de entender o mundo e a existência se expressa não somente nas diferentes cosmovisões indígenas que valorizam o sentido da transformação como processo natural. A perspectiva apresentada por Emanuele Coccia, em seu livro *Metamorfose* (2021), acrescenta à narrativa da flecha essa compreensão de que o nascimento é a continuidade de uma existência anterior e resultante de acúmulos de vidas e que a morte não representa um fim, mas sim uma fronteira de transformação.

É evidente que estamos tratando de uma forma de compreensão do mundo que se distancia do sentido ocidental predominante. Nesta visão ocidental, segundo Krenak (2021), somos iniciados no mundo uma única vez, no nascimento, neste rito de transformação único que nunca mais se repete ao longo da vida. Segundo o autor, a instituição escolar e sua lógica monocultural, conduzida pela meritocracia, transforma a vida nessa coisa rígida que nos desensina a imaginar e viver como seres dinâmicos. A flecha *Metamorfose* nos ensina que a humanidade é parte integrante de um todo, não está acima e nem sob o comando desse grande ecossistema, do qual depende para sobreviver e é parte complementar.

A figura 14, a seguir, reúne fotografias da exposição “*Pamürima – Espíritos da Transformação*”, do cineasta e fotógrafo indígena Paulo Desana, que estão presentes na flecha “*Metamorfose*”. As imagens parecem revelar as camadas de existência que se justapõem e resultam num ser presente, parte integrante de um sistema maior, interdependente e dinâmico. As fotografias dos *Espíritos da Transformação* são projetadas tendo como sobreposição a leitura de um trecho do livro *Waimahsã – peixes e humanos*, de João Paulo Lima Barreto: “Waimahsã, chamados de gente-peixe, são gente invisível que habita os domínios da terra, da floresta, do ar e da água. Eles têm a capacidade de metamorfose e de camuflagem. Vestindo a roupa, assumem a forma de animais e de peixes e adquirem temporariamente suas características e habilidades” (Cadernos Selvagem, 2021, p.4).

Figura 14 – Pamürimasa, os “Espíritos da Transformação” ou “que saíram da água do rio”, de Paulo Desana.



Fonte: retirado do caderno *Metamorfose*, 2021.

A flecha *Metamorfose* lança a narrativa da transformação e do inacabado, buscando afirmar a nossa condição de coexistência nessa floresta de seres conectados por um mesmo casulo. “A metamorfose faz da vida uma transmissão, permite que uma mesma vida conecte vários mundos” (Selvagem, 2021), numa trama de sucessões. Torna-se uma narrativa de oposição aos antagonismos ocidentais que separam sociedade e natureza, por exemplo, criando verdadeiros problemas para a vida na terra porque possibilita a compreensão equivocada de que seres humanos precisam de dominar a natureza. O que a *Metamorfose* nos diz é que somos seres integrados num permanente fluxo de transformações.

2.2.5 Biblioteca Ailton Krenak

A Biblioteca Ailton Krenak¹⁷ reúne um acervo das falas em ambiente virtual realizadas pelo pensador indígena Krenak em palestras, ciclos de leitura, rodas de debates, podcasts, entrevistas, matérias de jornais e artigos de revistas, e disponibilizadas gratuitamente para o público em geral. As falas são momentos em que o autor compartilha reflexões solitárias ou acompanhado de interlocutores (as) como o artista Gilberto Gil, o cineasta Carlos Papá, o físico Marcelo Knobel, a historiadora Lilia Schwarcz, a professora e filósofa Cristine Takuá, o escritor Itamar Vieira Jr., a jornalista Joyce Pasowitch, o advogado e atual ministro da justiça do Brasil Silvio Luiz de Almeida, o neurocientista Sidarta Ribeiro, dentre muitas outras interlocuções que possibilitam a abertura de diferentes frentes de diálogos sobre temas importantes para pensar o mundo e a forma como temos nos organizado enquanto sociedade.

São mais de 350 itens cadastrados na biblioteca, contemplando discussões sobre o meio ambiente, a ciência, o antropocentrismo, a história, os povos originários, a democracia, a

¹⁷ Para acompanhar o bate-papo de lançamento da Biblioteca Ailton Krenak, acesse: <https://www.youtube.com/watch?v=D2u7SMLKoGg&t=7s>

constituição brasileira, o meio ambiente, a ética e a sociedade, a economia, a tecnologia, o capitalismo, as mudanças climáticas, a literatura indígena, dentre outros temas abordados por Krenak em diferentes eventos e situações, sozinho ou com seus pares.

A biblioteca cultiva a importância da oralidade ao apresentar seu conteúdo original, sem cortes ou transcrição textual. Para acompanhar o raciocínio de Krenak ou de seus/suas interlocutores (as), é preciso se dedicar ao tempo da escuta com a entrega que essa experiência exige. Trata-se assim de uma “biblioteca que faz barulho” (Verônica, 2023), de um repositório vivo de ideias e reflexões, cujo percurso é livre e depende das demandas individuais de cada pessoa. A biblioteca Ailton Krenak, assim como os cadernos e as flechas, são realizações possíveis porque a comunidade de colaboração se engaja na produção e organização dos conteúdos. Krenak é uma personalidade altamente requisitada para falar sobre as suas ideias para adiar o fim do mundo, especialmente após o colapso sanitário causado pela pandemia do covid-19.

Isso torna o desafio de localizar e organizar o seu acervo de falas ainda maior, em virtude da quantidade de convites que o autor recebe e conseqüentemente a quantidade de falas que realiza. Nesta rápida exposição dos conteúdos oferecidos pelo projeto, percebemos que há uma interação teórica entre um debate realizado no contexto do ciclo de leitura e os eventuais desdobramentos que dele surgem, como um caderno ou uma flecha selvagem. Em virtude da grande quantidade de conteúdo produzido, apresentamos um recorte do que será analisado na pesquisa e o percurso metodológico utilizado para o desenvolvimento das ações investigativas.

2.3 Percurso metodológico: netnografia

Para Ailton Krenak, a ciência possui o mesmo tempo que a humanidade, ela sempre esteve por aqui produzindo respostas dentro de si mesma, encontrando formas de atravessar o desconhecido, tornando evidente aquilo que a olho nu é ignorado. O conhecimento, mesmo que lentamente e de forma descontinuada, vem desvelando o sentido da vida. “Somos a amostra dessa vida originada no planeta, descobrindo e reinventando-se” por essa manifestação chamada ciência (Coordenadoria de Assuntos Comunitários/UFMG, 2020).

Isto quer dizer que a ciência não é uma experiência exclusiva de cientistas trajados de jalecos brancos, microscópios e tubos de ensaio em um laboratório, ou de intelectuais políglotas debruçados em livros e trancafiados em bibliotecas. Embora também seja isto. Contudo, é também ciência a experiência da simples observação dos animais, das plantas, do volume das águas de um rio, do movimento dos pássaros.

Krenak conta a história de uma visita realizada em uma aldeia na floresta amazônica que nos ajuda a pensar na dimensão desse fazer científico, afastando-se da noção que cria um distanciamento entre as pessoas comuns e a ciência, como se o científico fosse algo realizado fora da simplicidade. Em uma conversa com o xamã dessa comunidade, pesquisador da medicina da floresta e responsável pelos remédios do seu grupo, Krenak questiona sobre o que fazer caso alguma pessoa da aldeia fosse picada por uma serpente, cujo veneno apodrece a carne humana em seis horas, entendendo que a pessoa morreria já que não haveria disponível um remédio que emergencialmente resolvesse o problema.

O xamã, ao contrário do que imaginou Krenak, respondeu que conhecia a planta para a cura deste veneno, e lhe contou que essa descoberta aconteceu observando as formigas que circulavam em torno de uma árvore enorme dentro da floresta. As formigas coletavam a terra do chão e subiam tronco acima à procura de um lugar para depositar a terra. Faziam isto muitas vezes. Neste lugar nasceu uma planta, nas alturas desta árvore na terra coletada e depositada pelo formigueiro. Esta planta, segundo este médico da floresta, era o remédio contra o veneno da serpente. Krenak encerra a narrativa refletindo sobre esta experiência científica realizada a partir da observação que o xamã, morador da floresta, realiza, observando com paciência e humildade a ação das formigas. Esta história está registrada em um dos itens disponibilizados na Biblioteca Ailton Krenak (Quintal da Ciência, 2021).

Essa experiência científica, segundo Krenak, resolveu um problema da aldeia ao oferecer um medicamento. Houve um avanço naquela comunidade e isto foi possível porque a ciência, que acontece também em laboratórios e universidades, está presente, antes, na própria vida. Em alguma medida todos nós fazemos ciência. Obviamente que este exemplo, polêmico para muitas pessoas, é uma narrativa que provoca e desestabiliza nossas certezas sobre o lugar do científico. Deste modo, partimos da compreensão de que o conhecimento indígena, apresentado de uma forma tão atrativa e encantadora pelo *Ciclo de estudos Selvagem*, é ciência. Nosso objetivo, contudo, não é o de questionar ou validar este lugar, mas o de observar de que forma o *Ciclo de estudos Selvagem* repensa modos tradicionais do exercício comunicacional e se relaciona com uma comunicação decolonial.

Dito isto, destacamos a dificuldade em encontrar metodologias para uma pesquisa como esta, que busca pensar o conhecimento desde uma perspectiva decolonial. Isto porque as metodologias representam uma ferramenta que busca atingir a validade da neutralidade e do rigor científico, algo desafiado pelo pensamento decolonial. Nesse sentido, algumas pesquisas têm colaborado para a construção de metodologias decoloniais, indicando caminhos alternativos ao cenário científico marcado pelo pensamento ocidentalizado. A pesquisa

“Comunicadoras indígenas e a de(s)colonização das imagens”, de Andrielle Cristina Moura Mendes Guilherme, apresenta a “Catografia”, uma abordagem metodológica elaborada pela pesquisadora durante o seu doutoramento, inspirada na prática de catadores e coletores negros e indígenas, ribeirinhos e quilombolas. Trata-se de um desafio importante o de pensar em uma metodologia decolonial a partir de sua própria pesquisa, tarefa que poderemos desenvolver futuramente em novas investigações sobre o assunto.

Assim, do ponto de vista metodológico, nossa pesquisa se configura como qualitativa. Trabalhamos com a descrição de um fenômeno, para a sua interpretação por meio de instrumentos metodológicos que ajudam a qualificar o conjunto de significados e informações sobre a situação analisada. Essas informações são levantadas a partir de instrumentos específicos dessa abordagem, que no caso desta pesquisa é a netnografia. Também nos inspiramos em algumas categorias de práticas informacionais extraídas de um modelo proposto por Harlan (2012), para observar a dinâmica de produção e articulação de conhecimento do ciclo a partir de suas experiências de informação.

Diferente da pesquisa quantitativa, que trabalha com dados quantificáveis, a pesquisa qualitativa se ocupa com a realidade, trabalhando com um universo de significados, de subjetividades, crenças e atitudes que não podem ser medidos (Minayo, 2014), o que não anula a possibilidade de eventualmente lançar mão de instrumentos quantitativos para ampliar e aprimorar os resultados. Para Minayo (2011, p. 622), “uma boa análise começa com a compreensão e a internalização dos termos filosóficos e epistemológicos que fundamentam a investigação e, do ponto de vista prático, desde quando iniciamos a definição do objeto”. Parte da nossa investigação está fundamentada na compreensão conceitual da comunicação, do pensamento decolonial e da informação. A compreensão teórica que a articulação dessas noções conceituais possibilita é fundamental para a entrada em campo e a observação das questões que o fenômeno estudado traz. Observando características marcantes, fundamentando essa observação a partir de um conjunto teórico que aciona os principais conceitos da pesquisa e, fazendo uso de instrumentos metodológicos relacionados e adequados ao ambiente pesquisado, buscamos confirmar hipóteses e elaborar reflexões acerca do tema discutido (Gil, 2007).

Em nossa proposta de estudo, cuja abordagem qualitativa prevê a investigação de objetos de informação e conhecimento produzidos por um determinado grupo, delimitamos alguns aspectos fundamentais (Tuzzo; Braga, 2016) destacados a seguir: 1) definição do tipo de pesquisa: pesquisa exploratória e descritiva de abordagem qualitativa, com uma pesquisa de campo; 2) instrumentos de coleta: observação de campo, conversa e análise de documentos 3) definição da população-alvo para construção da amostra: análise dos objetos de informação e

comunicação do projeto, a partir de uma amostragem. A seguir trazemos uma discussão sobre a netnografia, tendo como referência o *Ciclo de estudos Selvagem*.

O *Ciclo de estudos Selvagem* está localizado em um ambiente digital. Embora existam ações realizadas presencialmente, tais como os ciclos de leitura, as conversas e oficinas, seus produtos de informação e conhecimento estão disponibilizados sistematicamente em um espaço virtual, seja como registro desses encontros presenciais ou como objetos pensados especificamente para comporem o acervo de conhecimento do projeto. Este é o nosso ambiente de investigação, em que exploramos de forma descritiva parte de alguns materiais disponíveis para tecer reflexões em torno da pergunta central que orienta nossa investigação.

Adotamos a netnografia como caminho por ser uma estratégia metodológica que contempla o estudo de práticas comunicacionais mediadas por computador (Amaral; Natal; Viana, 2008, p. 35). É uma abordagem muito utilizada no campo da comunicação, bem como no campo do marketing, sendo conhecida também como etnografia virtual ou ainda como etnografia para internet. Nos valemos de elementos que compõem a estrutura da pesquisa netnográfica, assimilando ao mesmo tempo o diálogo como estratégia de ação metodológica a partir da conversa selvagem com Verônica Pinheiro, além dos quadros e imagens elaboradas para compreender o processo da pesquisa e as ações do ciclo.

A netnografia guarda em si aspectos e características da etnografia, sendo esta última um método de investigação proveniente da antropologia, reunindo técnicas que subsidiam quem pesquisa para o “trabalho de observação, a partir da inserção em comunidades para pesquisa” (Amaral; Natal; Viana, 2008, p. 35). A netnografia é aplicada em pesquisa situadas no contexto da internet, em ambiente digital e é compreendida como uma “forma especializada de etnografia” que “utiliza comunicações mediadas por computador como fonte de dados para chegar à compreensão e à representação etnográfica de um fenômeno cultural na Internet”, sendo adequada para os estudos de redes sociais, fóruns, páginas na internet, blogs etc. (Silva, 2015, p. 339). Na etnografia busca-se a descrição densa das práticas sociais de um grupo a partir do mapeamento do campo, do estabelecimento de relações, da seleção de informantes, da elaboração de um diário de campo, de registros visuais etc., somados ao esforço intelectual de quem pesquisa rumo a uma interpretação dessa teia de significações produzida socialmente.

Na netnografia, quem pesquisa deve estar ciente de que a observação que realiza é um recorte comunicacional das ações de uma comunidade virtual, e “não a comunidade em si, composta por outros desdobramentos comportamentais além da comunicação (gestual, apropriações físicas, etc.), sendo esse um dos principais diferenciais entre o processo etnográfico *off-line* e o *on-line*” (Amaral; Natal; Viana, 2008, p. 39), ou seja, entre a etnografia

e a netnografia. Além disto, segundo Amaral, Natal e Viana, a netnografia pensa os “objetos (*games*, chats, plataformas sociais etc.) como dinâmicos e mutáveis frente às atualizações não apenas tecnológicas, mas sobretudo de ordem comportamental e subjetiva” (2008, p. 39). Ou seja, os objetos revelam traços de contextos sociais por serem produzidos por pessoas contextualizadas em suas comunidades.

No *Ciclo de estudos Selvagem* analisamos os produtos que fazem parte de um acervo cuja produção é dinâmica e expansiva, sendo estes produtos o resultado de processos de leitura, de estudos e de debates envolvendo pessoas de diferentes formações e origens. Carregam, por isso, traços de diferentes contextos sociais expressos no conhecimento produzido e disponibilizado na internet, em seu portal. Cristine Hine (2015) entende a internet como um artefato cultural, defendendo a ideia de que “nossas experiências e expectativas sobre as tecnologias são moldadas por processos sociais que colaboram, fazendo essas tecnologias terem sentido para grupos específicos de pessoas” (Hine, 2015, p. 168). Segundo a autora, essa compreensão “funciona como um dispositivo heurístico válido, por nos lembrar de levar em conta tanto o que acontece *on-line*, em seus próprios termos, quanto as amplas circulações e reinterpretações das atividades *on-line* ao longo de outros domínios culturais” (Hine, 2015, p. 168). A internet configura-se como um artefato cultural, como o resultado de um processo de construção social e, portanto, articulada com as ações sócio-políticas da realidade na qual se insere.

A cultura é uma noção fundamental para essa articulação. Segundo Marteleto (1995), cultura é o conjunto de artefatos construídos por nós, sujeitos, vivendo em sociedade: as palavras, as linguagens, as técnicas, as regras etc., que dão sentido à vida a partir dos repertórios simbólicos e materiais produzidos. Funciona como memória capaz de transmitir valores simbólicos através de gerações, especificando e ao mesmo tempo complexificando os grupos sociais. Segundo a autora, o que permite a reprodução dos artefatos culturais é a sua institucionalização na sociedade. Assim, constitui-se uma imensa e complexa rede simbólica, de significados, que orientam a vida em comunidade (Marteleto, 1995).

Entende-se, a partir disso, que os artefatos são culturais porque são criações elaboradas a partir de significações do imaginário social e porque são instituídos socialmente, servindo como fontes externas de informações para os sujeitos e para a sua organização de mundo (Marteleto, 1995). Essa compreensão da internet como um artefato cultural, ligado as práticas sociais e ao processo de construção de sentido simbólico, tornou difícil qualquer suposta justificativa de “separação *a priori* da internet como um espaço independente do campo de pesquisa” (Hine, 2015, p. 196). Isto implica dizer que temos a consciência de que, ao analisarmos os objetos de informação e comunicação oferecidos pelo *Ciclo de estudos Selvagem*, assimilamos uma das

muitas dimensões que envolvem o desenvolvimento do projeto e a construção do conhecimento oferecido.

Entendemos que esse espaço de interação e produção de sentidos, possibilitado pelas tecnologias da informação e da comunicação, é um ambiente onde novas práticas sociais e culturais são elaboradas. De acordo com Fragoso, Recuero e Amaral (2011), o grupo de pesquisa espanhol *Mediaccions (Universitat Oberta de Catalunya)*¹⁸ entende a internet como uma “tecnologia midiática que gera práticas sociais”. Segundo as autoras, a ênfase desta abordagem espanhola

seria pontuada pela convergência de mídias e a construção dos objetos [permitindo] “seguir as práticas e os atores sociais” em suas performances, levando em conta não apenas a dimensão simbólica, mas também a dimensão material no qual o campo é definido durante a pesquisa (2011, p. 43).

Essa abordagem coloca a internet como um espaço onde as práticas dos sujeitos estão articuladas com diferentes formas de produção de conhecimento e sentido, envolvendo “representação (narrativas), práticas (agenciamento) e materialidade (infraestrutura)” (Ardevól et al, 2008, p. 1). O *Ciclo de estudos Selvagem* se estrutura especialmente a partir dessa dinâmica de produção de conhecimento que oferece um tipo de conteúdo fundamentando nas diferentes formas de organização e representação da vida, articulando diferentes narrativas e permitindo a construção de novas práticas sociais por meio dos objetos informacionais e de conhecimento oferecidos.

Portanto, empregamos o uso da netnografia na pesquisa nos apropriando dos seus instrumentos metodológicos, tais como: a observação, a análise de documentos, uma conversa e a análise interpretativa. Realizamos, a partir desse processo netnográfico de engajamento com o campo investigado para coletar os dados da pesquisa, a observação e participação em alguns ciclos de leitura, a análise documental na página do *Ciclo de estudos Selvagem*, a realização de uma conversa e a análise interpretativa das informações levantadas. Segundo Soares e Stengel (2021, p. 2),

assim como toda pesquisa empírica, a netnografia é caracterizada por cinco grandes etapas, que compreendem: definição das questões de pesquisa; identificação e seleção da parcela da internet que será estudada; a entrada no campo, que é marcada pela observação participante ou não, além da coleta de dados; análise e interpretação dos dados produzidos e, por fim, a redação e o relato dos resultados de pesquisa, articulando-os à teoria.

¹⁸ <https://www.mediaccions.net/research/>

Tendo em vista esse cenário de investigação dos materiais a partir das observações e das análises, procuramos responder sobre de que forma o *Ciclo de estudos Selvagem* repensa modos tradicionais do exercício comunicacional e se relaciona com uma comunicação decolonial. Para isto, portanto, estamos investigando e analisando os documentos, as ações educativas e os objetos de informação e comunicação do *Selvagem* destacando como são divulgados esses conhecimentos, visando evidenciar seu caráter decolonial. Além disso, fizemos uso de uma conversa informal realizada com Verônica Pinheiro, coordenadora da comunidade e grupo criança *Selvagem*, em que conversamos sobre a sua experiência no ciclo. Foram utilizados alguns trechos dessa conversa ao longo do texto, a partir de sua autorização via termo de consentimento livre e esclarecido da pesquisa apresentado nos anexos.

Essa análise ocorre também a partir de ferramentas teóricas que nos auxiliam a compreender as características de uma comunicação decolonial, tendo como lente investigativa o pensamento decolonial. Ademais, examinamos na próxima subseção deste capítulo os conceitos de informação e de práticas informacionais como estratégia de análise do exercício informacional localizado no *Ciclo de estudos Selvagem*. Inspirando-nos no modelo de práticas informacionais elaborado por Harlan (2012), destacamos algumas categorias elaboradas pela autora como exercício comparativo e interpretativo dos dados levantados pela análise dos objetos de informação e conhecimento do *Ciclo de estudos Selvagem*.

2.4 Pensando as práticas informacionais: informação e informação indígena

Que tipo de informação se produz no contexto da comunicação decolonial? O que garante a diversidade e a pluralidade dos conteúdos produzidos no contexto do *Ciclo de estudos Selvagem*? Colocamos os conceitos de práticas informacionais, informação e informação indígena como centrais nesse momento, por entendermos que uma das formas de investigar sobre a natureza e atuação do *Selvagem* em relação ao pensamento decolonial é mapear o tipo de informação e de conhecimento que é produzido em sua comunidade.

Abordamos o conceito de práticas informacionais a partir de uma compreensão expandida sobre a experiência informacional, considerando as práticas coletivas e o contexto em que o fenômeno ocorre. Expandem-se o caráter das práticas informacionais com foco individualista, comum dos estudos de comportamento informacional, para uma perspectiva que considera o contexto da vida cotidiana. Segundo Rocha, Duarte e Paula (2016, p. 4) “o contexto é considerado como um elemento constitutivo das ações dos sujeitos e, ao mesmo tempo, por elas constituído a partir de uma relação dialógica”. Na mesma medida em que acionamos nosso

repertório de conhecimento, informações e experiências e com isso reelaboramos a realidade a partir de um dado acontecimento, também somos por essa realidade afetados, nos mobilizando para outras compreensões de determinado acontecimento.

Segundo Harlan (*apud* Rocha; Duarte; Laura, 2016, p. 15), “experiências de informação ocorrem a partir da interação dos sujeitos com a informação, em uma perspectiva na qual a informação é considerada como construída por meio de ações”. Entendida dessa forma, a relação entre informação e os seres humanos, assunto de grande interesse da Ciência da Informação (CI) e da biblioteconomia, dentre outras áreas, ganha novas contribuições no que se refere à perspectiva teórica do fenômeno. Embora os estudos sobre comportamento informacional e sobre práticas informacionais sejam considerados como conceitos guarda-chuva (Savolainen, 2007), pois tratam das questões referentes à relação entre os seres humanos e a informação, ambos guardam características específicas. Para as autoras Rocha, Gandra e Rocha (2017, p. 98),

tais conceitos estão associados a perspectivas teórico-metodológicas distintas, sendo o conceito de comportamento informacional associado ao ponto de vista cognitivo da CI (Savolainen, 2007; Gandra; Sirihal Duarte, 2013; Araújo, 2016), e o conceito de práticas informacionais, à abordagem do construcionismo social, a perspectivas neopragmáticas (da abordagem filosófica de Richard Rorty comentada por Sundin e Johannisson, 2005), e à análise de domínio da CI de Hjørland e Albrethensen (1995), conforme Savolainen (2007).

Estas variações são o resultado do modo como o conceito informação é pensado e representado nos modelos teóricos, trazendo para o campo de debate uma perspectiva de complementaridade. Os primeiros estudos científicos sobre comunidades de usuários foram realizados no campo da biblioteconomia, na Universidade de Chicago, nos Estados Unidos, entre os anos de 1930 e 1940, e priorizava a “interação dos usuários com uma instituição específica”, como a biblioteca, por exemplo. Em 1948 duas importantes pesquisas apresentadas na *Royal Society Scientific Information Conference*, em Londres, inserem a perspectiva informacional ao considerar o “estudo de uma série de ações dos usuários, isto é, suas buscas e consultas junto a bibliotecas, centros de documentação, arquivos e mesmo junto a outros usuários” formando aquilo que ficou conhecido como “colégios invisíveis” (Araújo, 2020, p. 22).

A inserção dessa perspectiva inaugurou novos rumos científicos para a área a partir de pesquisas que buscavam sistematizar o caminho da informação, observando o processo da transmissão, o uso e o armazenamento, além dos fluxos e das estruturas da informação, e ainda

a observação dos diferentes aspectos, tais como o uso dos serviços, pessoas, idiomas etc. (Araújo, 2020). Em 1975, com a criação do *Centre for Research on User Studies* (CRUS) na Universidade de Sheffield, Inglaterra, o campo começa a abordar uma nova forma de investigar a relação entre a informação e os seres humanos fundamentada na premissa cognitiva, ampliando os estudos iniciais, sem necessariamente excluí-los. Segundo Araújo, do

estudo do usuário interagindo com um único sistema, passava-se a estudar o usuário em suas várias ações informacionais, em seus vários momentos de necessidade de informação, seu engajamento em vários processos de busca e interação com diversas fontes, recursos, serviços e sistemas (Araújo, 2020, p. 24).

Estes modelos objetivo e cognitivo entendem a informação como um objeto físico constituído de sinais e símbolos quantificáveis e como um processo de elaboração que exige a capacidade interpretativa para a efetiva experiência do fenômeno. Estes esquemas conceituais, auxiliados por um conjunto de técnicas e teorias relacionados à “eficácia da seleção, coleta, armazenagem, representação, identificação, localização e acesso físico de dados, textos, documentos e objetos”, alicerçam o pensamento de quem estuda, desenvolve e desenha sistemas de informação, armazenagem e sistemas de recuperação de dados, “tendo a informação como objeto físico passível de quantificação, padronização, classificação, controle e certificação. Mas, não a informação construída como prática social” (Nascimento; Marteleto, 2004, p. 2).

Segundo Nascimento e Marteleto (2004), não podemos ignorar o fato de que os processos de produção, tratamento e uso das informações ocorrem no contexto da vida social, em meio às relações sociais, estando assim relacionados aos acontecimentos e ao desenvolvimento da vida em sociedade: “neste cenário, entende-se que as dimensões históricas, culturais, econômicas, tecnológicas, sociais e políticas são pré-condições para o entendimento da informação” (Nascimento; Marteleto, 2004, p. 3).

Segundo Nascimento (1995, n. p.) a “informação diz respeito não apenas ao modo de relação dos sujeitos com a realidade, mas também aos artefatos criados pelas relações e práticas sociais”, inseridos em seus espaços ocupando hierarquias e construindo sentido a partir de seus repertórios. A autora desenvolve as noções de cultura e de informação como fenômenos interligados, em que a cultura é “depositária da informação social”.

Tal abordagem, cujo enfoque prioriza o contexto sociocultural, aciona novos mecanismos de pesquisa nos estudos sobre as relações entre a informação e as pessoas. Savolainen (2007) vai propor, diante destas novidades conceituais, o uso do termo práticas informacionais, em vez de comportamento informacional, indicando uma nova perspectiva para os estudos ao

considerar o “sujeito inserido em relações com outros sujeitos num contexto sociohistórico específico” (Araújo, 2020, p. 25).

Práticas informacionais são “mecanismos mediante aos quais significados, símbolos e signos culturais são transmitidos, assimilados ou rejeitados pelas ações e representações dos sujeitos sociais em seus espaços instituídos [...]” (Marteleto, 1995, p. 91). Isto quer dizer que as práticas informacionais se referem ao circuito informacional de representações e de sentidos que circulam entre os sujeitos em seus espaços de criação de sentido.

Nossa discussão parte do conceito da informação pelo viés da prática social¹⁹. Recuperamos uma apresentação de trabalho realizada no contexto do XVI Seminário Internacional de Mídia, Cultura, Cidadania e Informação, no ano de 2022, onde a autora desta pesquisa pôde compartilhar algumas tentativas de reflexões sobre o conceito de informação na perspectiva das práticas sociais. Revisitamos estas reflexões revisando algumas ideias e considerando as referências teóricas importantes que reúne, para ampliar as questões inicialmente tratadas na ocasião do evento citado.

O conceito de informação tornou-se uma “noção corriqueira, um conceito altamente controvertido” (Capurro; Hjørland 2007, p. 149). Isto se deve, em grande medida, ao uso permanente que fazemos dos dispositivos de conexão que agora nos acompanham gerando o que Santaella (2013) chamou de “hipermobilidade conectada”, isto é, a integração das tecnologias no cotidiano de forma permanente e ininterrupta, promovendo uma presença naturalizada de muita informação e conectividade. Para Bogdan (1994), é motivo de descrença a ausência de uma unanimidade sobre o conceito de informação. Sobre isto, o autor afirma:

meu ceticismo sobre uma análise definitiva da informação deve-se à infame versatilidade da informação. A noção de informação tem sido usada para caracterizar uma medida de organização física (...), um padrão de comunicação entre fonte e receptor, uma forma de controle e feedback, a probabilidade de uma mensagem ser transmitida por um canal de comunicação, o conteúdo de um estado cognitivo, o significado de uma forma linguística ou a redução de uma incerteza. Estes conceitos de informação são definidos em várias teorias como a física, a termodinâmica, a teoria da comunicação, a cibernética, a psicologia, a lógica indutiva e assim por diante (Bogdan, 1994, p. 53).

Segundo o autor, o fato de não haver uma convergência conceitual inviabiliza a constituição de uma “teoria proprietária da informação” (Bogdan, 1994, p. 53). Em geral as teorizações que envolvem o termo informação definem o seu objeto como um artefato de

¹⁹ O texto *O conceito de informação pelo viés da prática social*, de mesma autoria da pesquisadora deste trabalho, integra a pesquisa em andamento e foi publicado nos Anais do XVI Seminário Internacional de Mídia, Cultura, Cidadania e Informação, realizado no ano de 2022. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/1072/o/semic2022_anais-eletronicos.pdf

dimensões quantificáveis e concretas, como um elemento físico informativo, cujo sentido está restrito à ideia de um objeto que pode ser medido. A informação torna-se, nesta perspectiva, uma propriedade.

Dos três modelos teóricos geralmente reproduzidos (informação como objeto, informação como experiência cognitiva e informação no contexto sociohistórico), utilizamos o modelo que considera a informação como uma experiência elaborada socialmente, condicionada à articulação e à relação das “dimensões políticas, econômicas, culturais, jurídicas, tecnológicas e outras das sociedades nas quais os fenômenos informacionais existem e se constituem” (ARAÚJO, 2020, p. 39), já que os processos de produção, transferência e uso das informações são sociais, acontecem na sociedade e em suas relações (Marteleteo; Nascimento, 2004).

Para pensar a informação pelo viés das práticas sociais deve-se considerar a configuração estrutural da sociedade. Desse modo, localizando a informação desde as referências históricas e sociais dos sujeitos e suas ações, ampliamos o seu sentido configurando-a como um fenômeno da ordem cultural e da humanidade (Nascimento; Marteleteo, 2004). Para desenvolver essa ideia lançamos mão das noções de campo social, prática e *habitus* de Pierre Bourdieu (1983), sociólogo francês e um dos mais importantes pensadores do século XX. Buscamos, a partir disso, a compreensão de uma abordagem socioantropológica da informação, uma “apropriação da teoria social para a formulação de questões pertinentes ao campo informacional” (Marteleteo, 2017, p. 29). Segundo Marteleteo,

é nesse terreno simbólico e prático de intensas mediações entre os dispositivos, as mídias de informação e comunicação e os receptores usuários que se quer indagar a respeito dos processos culturais nas sociedades regidas pelo valor e pela centralidade do conhecimento para a vida coletiva, prática e produtiva (Marteleteo, 2017, p. 29).

A construção social dos objetos, dos significados e da informação ocorre no contexto sociocultural. Bourdieu (1983) estabelece uma relação crítica entre teoria e prática e entre sujeito e estrutura, oferecendo uma compreensão do espaço social como “produção subjetiva da vida real diante da coerção de estruturas que existem objetivamente”²⁰ (Oliveira *apud* Nascimento; Marteleteo, 2004). Estas estruturas sociais são mecanismos de controle e dominação que reforçam desigualdades a partir das exclusões que provocam. Significa dizer que, ao contrário do que argumenta a ideia de neutralidade científica, há um jogo explícito de dominação e reprodução de valores que orienta e organiza o funcionamento da vida em sociedade.

²⁰ O autor fundamenta este pensamento a partir das correntes teóricas da Sociologia: do objetivismo, da fenomenologia e do marxismo e da construção sócio-histórica do real (NASCIMENTO e MARTELETO, 2004).

Assim, o que “supostamente são acontecimentos vinculados às subjetividades individuais dos sujeitos sociais”, na verdade representa “uma construção social que se fundamenta numa estrutura de controle e dominação que influencia comportamentos sociais” (Oliveira, 2022, p. 77). As noções de campo, prática e *habitus* partem da observação dos processos sociais onde essa estrutura de controle e de dominação repercute e interfere nos comportamentos. O campo social é um sentido abstrato para se referir ao ambiente social de construção simbólica em que os sujeitos, ou seja, os atores sociais, estão inseridos e atuando a partir de um conjunto de práticas e de relações sociais pré-determinadas. É um espaço estruturado em que as relações são sustentadas por um jogo com orientações e regras específicas de convivência estabelecendo hierarquias e posições entre os atores sociais.

As autoras Nascimento e Marteleto, no texto *A “informação construída” nos meandros da Teoria Social de Pierre Bourdieu* (2004), estabelecem uma correspondência entre a noção de campo em Bourdieu e a noção de comunidades discursivas em Swales (1990)²¹. Assim como o campo, as comunidades discursivas são definidas como os diferentes grupos sociais que participam coletivamente das mesmas estruturas de linguagem, conhecimento, cultura, numa experiência de subjetividade coletiva. Segundo Rampazzo e Aranha,

outro aspecto da comunidade discursiva de lugar é a criação de um léxico específico e um sistema de valor daquilo que pode ser considerado um bom (ou mal) trabalho. Além disso, uma comunidade discursiva de lugar tem ciência de sua história e tenta compartilhar suas tradições a novos membros para que estes saibam como participar apropriadamente de suas práticas discursivas (2019, p. 376).

As comunidades discursivas, para Swales (1990) podem ser identificadas a partir das seguintes características: os sujeitos que constituem esse espaço social/campo/comunidade possuem seu vocabulário específico, objetivos em comum, criam mecanismos de participação e comunicação entre si, avançam e aprimoram sua estrutura e organização a partir de troca de informação objetiva e possuem, dentro do seu conjunto de atores sociais, integrantes que se destacam pelo nível adequado de conhecimento e especialização (Nascimento; Marteleto, 2004, p. 5). Os atores sociais que integram o campo ou a comunidade discursiva, atuam conforme um conjunto de práticas e relações que se configuram como uma “estrutura objetiva que define as condições sociais de produção do *habitus*” (Bourdieu, 1983, p. 65). *Habitus* são os repertórios individuais dos atores sociais e envolve a articulação de capitais de poder econômico, cultural, social e simbólico que determinam o comportamento e a posição das pessoas no campo social.

²¹ SWALES, J. M. **Reflections on the concept of discourse community**. Asp, Bordeaux, v. 69, p. 7-19, 2016.

Capital são os meios ou recursos que representam esse poder simbólico e material, distribuídos de maneira desigual, produzindo uma estrutura hierarquizada que se divide socialmente entre quem tem acúmulo de poder e por isso domínio em relação a quem tem pouco ou quase nenhum poder. Diz respeito àquilo que está “no sujeito, na linguagem, na biografia cultural e na história individual, conformada, essencialmente, pela sua trajetória social dentro da família e de seu sistema de valores (*habitus* primário) e pela herança cultural e formação educacional da escola (*habitus* secundário)” (Nascimento; Marteleto, 2004).

Essa relação socialmente desigual ligada à má distribuição de capital simbólico e material e é naturalizada porque está profundamente interiorizada pelos indivíduos (Marteleto, 2017). Aparenta-se uma normalidade em relação às desigualdades, como se os lugares ocupados pelas pessoas na pirâmide social fossem consequência de seus esforços pessoais e não de uma estrutura objetiva que garante a permanência dos privilégios de alguns a partir da exploração de outros. Bourdieu investiga os processos culturais e sociais das ações humanas a partir de uma leitura crítica da complexidade do mundo social utilizando como ferramenta teórica a noção de prática. Com isso, reflete sobre os acontecimentos nos espaços e momentos próprios de sua produção, opondo-se ao estruturalismo (Marteleto, 2017) que identifica estruturas gerais de um todo examinando suas partes.

Por ser contraditória e incompleta, a prática não pode ser delimitada por um modelo teórico estrutural. A categoria “prática” é o fundamento de outros conceitos de Bourdieu, porque através das práticas observáveis e observadas podemos apreender todo o jogo simbólico e de poder, individual ou coletivo, das classes sociais (Freitas, 2012). Segundo Marteleto, Bourdieu manifesta

uma posição contra o estruturalismo, ao demonstrar que uma prática, que pode ser contraditória, incompleta, imediata, não pode ser contida ou enquadrada pelo modelo teórico que pretende compreendê-la. Trata-se de dar maior espaço aos atores, assinalando que em cada um de seus gestos e comportamentos existe uma extensa parte de impensado, de automático e de não controlado. Cada ator social é assim portador de um *habitus*, ou estruturas pessoais que concebem a prática, o que significa que a prática não é redutível às categorias científicas que é necessário empregar para estudá-la (Marteleto, 2017, p. 31).

Esta noção de prática ajuda a enxergar o campo social como um espaço concebido pela ocupação e pela atuação das pessoas, reconhecendo que se trata de uma estrutura social atravessada por níveis de poder que configuram desigualdades. Esta hierarquização social é determinante na construção subjetiva da realidade onde o fenômeno da informação acontece.

No contexto das práticas sociais a informação torna-se um “fenômeno social de informação coletiva, estruturas de conhecimento e instituições de memória das comunidades discursivas – o *campo* em Bourdieu” (Nascimento; Marteleto, 2004). No *Ciclo de estudos Selvagem* a produção de conhecimento parte de diferentes fontes de informação, e dentre elas destacamos o conhecimento indígena, para fazermos aqui um exercício de compreensão destas noções a partir das ações do projeto.

Para Bourdieu, o campo é este ambiente no qual os atores sociais elaboram a informação como expressão cultural de si, estando posicionados em uma estrutura social à qual pertencem. Voltando às *Escolas vivas*, tomemos como exemplo a produção do livro *Una Shubu Hiwea* – “Livro Escola Viva”, que reúne cadernos de pajés de 26 aldeias margeadas nos rios Jordão e Tarauacá. O livro reúne um conjunto de informações e estudos das plantas do povo *Huni Kuin* com o objetivo de consolidar nesta comunidade a prática da medicina tradicional e a formação de parques medicinais, além de transmitir o conhecimento ancestral às próximas gerações deste povo. A prática informacional que fundamenta a elaboração deste livro ocorre de forma coletiva, por meio de uma estrutura informacional que delimita o conhecimento local e as instituições de memória (*habitus*) dessa comunidade: os pajés.

Neste exemplo identificamos um campo ou uma comunidade discursiva formada por um conjunto de práticas sociais que envolve o domínio de uma língua comum aos atores sociais deste grupo, o conhecimento ancestral da medicina da floresta concentrada na figura dos pajés, práticas e informações que organizam a vida do grupo relacionadas a uma construção subjetiva e coletiva e representada por rituais, cantos e rezas. Forma-se, portanto um “espaço social estruturado pelo conjunto de ações, representações e interações sociais que enfrentam os sujeitos” (Nascimento; Marteleto, 2004), ou seja, segundo Bourdieu (1983, p. 65), “a estrutura objetiva que define as condições sociais de produção do *habitus*”.

Qualificamos o conceito de informação quando consideramos, como no exemplo citado logo acima, as dimensões culturais, sociais e históricas ligadas às práticas subjetivas desse grupo (comunidade) que organizou o livro com um conteúdo que representa um conhecimento decorrente de um processo coletivo e socialmente organizado. Para Hjørland (*apud* Nascimento; Marteleto, 2004, p. 5),

a estrutura e organização do conhecimento, os padrões de cooperação, as formas de linguagem e comunicação, os sistemas de informação, a literatura e sua distribuição, os critérios de relevância, são reflexos dos objetos de trabalho destas comunidades, e, também, dos seus papéis na sociedade. Esta possibilidade de se olhar a ‘informação’ significa a mudança da unidade de estudo de um fenômeno físico da informação como ‘coisa’ ou ‘estado mental

de ideias e opiniões' do indivíduo, para um fenômeno social de informação coletiva.

Trata-se de compreender que as pessoas estão inseridas em condições sociais que se manifestam nas experiências de produção e de consumo da informação, e que isto revela contextos sociais amplos. “As diversas condições sociais de produção do *habitus* e do *capital* de cada sujeito revelam as oposições e conflitos, subjetividades, relações de força e poder, interesses, contradições e tensões que alimentam, historicamente, e progressivamente, o *campo* de conhecimento” (Nascimento; Marteleto, 2004). Portanto, um dos mecanismos de controle social tem relação também com o modo como se produz conhecimento e como entendemos e categorizamos a informação. Reproduzir essa noção instrumental reforça os problemas de desigualdade e nos distancia de uma compreensão concreta da realidade.

Adotamos, portanto, o modelo conceitual que entende a informação como um fenômeno ligado à construção sociocultural e intersubjetiva, resultante dos artefatos criados pelos sujeitos em seus espaços de vínculos e de pertencimento, por meio da língua e da linguagem, pelas memórias, pelas relações sociais construídas coletivamente etc.

Supomos que o conceito de informação, por essa perspectiva, dialoga com o tipo de informação que o *Ciclo de estudos Selvagem* elege para produzir seus objetos de conhecimento. As informações utilizadas na composição das flechas e cadernos são resultado de um conhecimento indígena elaborado a partir das práticas culturais e sociais que se diferenciam de um grupo para outro e que formam subjetivamente seus produtores de conhecimento. Essa informação localizada no interior dos acontecimentos culturais de cada grupo comunica sobre os mundos e inteligências que compõem e conduzem a vida coletiva.

Queremos com isso afirmar que, ao identificar que determinados conteúdos são elaborados, a partir de informações situadas na comunidade, possivelmente essa noção que propomos pensar aqui contempla a experiência do *Ciclo de estudos Selvagem*. Um bom exemplo disto são as *Escolas Vivas*, que trabalham com a formação das crianças a partir dos acontecimentos da comunidade, trazendo um repertório informacional ligado aos costumes, narrativas e saberes que conduzem a vida da comunidade.

Portanto, o campo social e o *habitus* são uma chave para a compreensão dessa pluralidade humana marcada pelas diferentes formas de organização, expressão, língua, memória e outros mecanismos de funcionamento, revelando repertórios particulares dos sujeitos e seus grupos. No caso do *Ciclo de estudos Selvagem* isso fica evidente por se tratar de uma articulação de diferentes conhecimentos: indígena, científico e acadêmico.

Posto isto, propomos agregar ao conceito de informação o conceito de informação indígena, pois tratamos nesta pesquisa sobre um projeto que atua na produção de conhecimento notadamente mobilizada e organizada em torno do conhecimento indígena, em articulação com outros conhecimentos. Os estudos que compreendem a informação a partir dos paradigmas físico e cognitivo (sistema-indivíduo), desconsiderando os sujeitos e seus contextos histórico-culturais, limitam a compreensão da informação indígena como fonte de informação, “posto que o paradigma positivista, ao desconsiderar o sujeito e os contextos histórico-culturais, mostra-se inviável para estudar as narrativas indígenas consideradas como práticas sociais” (Paiva, 2014, p. 63). Sendo assim, seguimos dentro desta premissa conceitual que entende a informação como uma experiência de construção de sentido coletivo, marcado por traços do contexto no qual ocorre.

Os estudos sobre o conceito de informação indígena representam um movimento recente na comunidade acadêmica brasileira no campo da CI. A título de exemplo, realizamos uma busca geral utilizando a expressão “informação indígena” em três bases de dados importantes: na Base de dados referencial de artigos de periódicos em Ciência da Informação (Brapci)²²; no Portal de periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)²³ e na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT)²⁴. Esse mapeamento ilustrativo é um exercício de amostragem que não prevê sistematização de dados, mas sim uma breve contextualização da produção acadêmica sobre o assunto.

Foram recuperados, no total, 18 resultados (Brapci – 9; Capes – 5; BDTD – 4) nos quais os termos “informação” e “indígena” aparecem, não necessariamente conectados. Dentre as pesquisas recuperadas, apenas cinco tratam diretamente da construção conceitual sobre a “informação indígena”, sendo que, dessas cinco, uma mesma pesquisa se repete em duas bases de dados. Dentre as autorias levantadas, figura com maior relevância a pesquisa da autora Eliane Paiva Bezerra (2014, 2016, 2017). Orientamo-nos por sua reflexão. De acordo com Paiva (2014, p. 68), é informação indígena

qualquer tipo de recurso informacional que englobe conhecimento dos indígenas e sobre eles e, ainda, que, a partir da interpretação dos usuários, seja capaz de suprir necessidades informacionais. As narrativas indígenas registradas em qualquer tipo de suporte (impressas, gravadas em vídeo e áudio ou na *Internet*) revelam-se potenciais fontes de informação primárias (são produzidas com a interferência direta do autor), especializadas (referem-se ao

²² [https://brapci.inf.br/?q="informação+indígena"&type=1&year_s=1972&year_e=2023&order=0](https://brapci.inf.br/?q=)

²³ <https://www-periodicos-capes-gov-br.ez49.periodicos.capes.gov.br/index.php/buscaador-primo.html>

²⁴ [https://bdttd.ibict.br/vufind/Search/Results?lookfor="informação+indígena"&type=AllFields](https://bdttd.ibict.br/vufind/Search/Results?lookfor=)

conhecimento indígena) e informais (são geradas a partir de entrevistas).

É curioso notar que fazemos o esforço de encaixar o modo como o conhecimento indígena, marcado por uma pluralidade de formas e compreensões de mundo, organiza suas informações tendo como estrutura e linguagem principais a oralidade. Buscamos encaixar a oralidade como fonte de informação primária e a informação indígena como uma informação especializada e informal, sendo estas categorias definições construídas no campo da biblioteconomia e da CI, sob um conjunto de teorias e paradigmas do pensamento ocidental.

Paiva elabora o conceito de informação indígena buscando no arcabouço teórico da CI brechas e desvios que possibilitam incluir e criar correspondências entre diferentes formas de conhecimento. Apesar de criar essa correspondência ao identificar na informação indígena, categorias criadas no campo da CI, a autora “aborda as narrativas indígenas como fonte de informação considerando os estudos da Ciência da Informação que possibilitam dialogar com a referida teoria”, estabelecendo diálogos com “ciências hermenêuticas, cuja concepção de informação passa, necessariamente, pela interpretação das pessoas” (Paiva, 2014, p. 61).

Embora pareça contraditório o fato de discutirmos uma comunicação decolonial tendo como referência um projeto que conduz sua produção a partir do conhecimento indígena, e, ao mesmo tempo, empregamos em certos momentos o olhar ocidentalizado a partir de teorias, que, mesmo críticas, conformam um arcabouço teórico eurocentrado, vemos que há aí uma tentativa de ruptura com as hierarquizações colocadas pelo modelo hegemônico de conhecimento por meio desse exercício de articulação.

Essa tentativa de ruptura é marcada por um esforço coletivo reunindo pessoas estudiosas de diferentes campos, que se encontram nas discussões decoloniais, contribuindo desde as suas vivências e formações. Isto é observado no próprio *Ciclo de estudos Selvagem*, que nesse reconhecimento das diferentes formas de saberes a partir das correspondências que articula, estabelece uma relação de horizontalidade com o conhecimento científico, utilizando-o como interlocutor nos estudos, pensamentos e diálogo que promove.

Segundo Krenak, em seu discurso de posse como membro da Academia Mineira de Letras (AML) em dia 3 de março de 2023, sua escrita é a oralidade. Krenak conta que foi questionado se agora, como membro da AML, se dedicaria a escrever um livro, ao que respondeu: “minha escrita é pela oralidade (...) pode ser que eu me dedique a falar um livro, porque é assim que eu escrevo” (Nunes, 2023). A informação indígena tem este aspecto de fluidez em relação aos suportes nos quais se encontra, podendo ser tanto um texto escrito, quanto um texto falado (Paiva, 2014). A oralidade comunica a herança identitária de um povo, se constitui como um

artefato cultural estratégico na transmissão e reverência da memória de seus antepassados. Segundo Dodebei,

[...] a memória da produção de conhecimentos para as sociedades do futuro é dependente de um diálogo ético e político entre, de um lado, a dinâmica do lembrar e do esquecer, nos fluxos de sentido da narrativa; e, de outro, as estratégias técnicas de organização da potência criativa dessas memórias, agora representadas por objetos informacionais dispostos em células fragmentárias de memória nos bancos de dados (Dodebei, 2016, p. 242).

A categoria informação indígena é importante porque promove o acesso ao rico acervo de conhecimento indígena que constitui nossa identidade, silenciada pelo saber hegemônico e sua violência epistêmica contra todos os povos indígenas do Brasil. Nesse aspecto, “a memória pode ser (...) concebida enquanto produção de poder, destinada à manutenção dos valores de um grupo” (Achilles; Gondar, 2016, p.175). Trata-se de uma demarcação teórico-territorial que permite, ao mesmo tempo, a reescrita da história indígena pela própria população indígena, o registro e a preservação da memória, da história e do conhecimento indígena e a oportunidade de acesso a uma formação humana mais plural e diversa. Assim, “ao narrarem as histórias, os indígenas visam manter as tradições de seu povo, mas, ao dar a conhecer à sociedade as narrativas, tornam-se fontes de informação” (Paiva, 2014, p. 64).

Vimos até aqui as definições de informação, práticas informacionais e informação indígena. Compartilhamos, para encerrar este capítulo, um modelo de práticas informacionais em que emergem categorias interessantes para analisarmos os materiais do *Ciclo de estudos Selvagem*, buscando mapear informações sobre a natureza do seu conteúdo, além de pistas sobre as práticas informacionais do projeto. Entendemos que, ao analisar os materiais, estamos acessando uma das muitas dimensões que constituem o *Selvagem* e sua atuação enquanto produtor de conhecimento.

Tendo em vista que informação, para nós, é um artefato cultural, resultado de uma construção social, as práticas informacionais tendem a “compreender os processos informacionais influenciados por dimensões socioculturais, bem como pelas relações dialógicas presentes no contexto em que tais práticas ocorrem” (Isah, 2009 *apud* Rocha; Duarte; Paula, 2016, p. 5). Algumas pesquisas se dedicam, a partir dessa compreensão de práticas informacionais, a criar modelos por meio da observação das práticas de determinados grupos, captando dimensões da realidade e criando representações simplificadas (Rocha; Duarte; Paulo, 2016). Savolainen (1995) é um dos pioneiros ao pensar em um modelo de busca de informação na vida cotidiana. Pamela McKenzie (2003) desenvolveu um modelo bidimensional de práticas informacionais, cuja versão foi estendida por Alison Yeoman (2010), e Mary Ann Harlan

(2012) fundamentou o modelo de práticas informacionais de adolescentes criadores de conteúdos digitais. Estes são alguns exemplos de pesquisas que têm desenvolvido modelos de práticas informacionais a partir da observação e investigação junto aos mais diferentes grupos sociais.

Gostaríamos de nos apropriar e nos inspirar em algumas categorias elaboradas por Harlan (2012), ao investigar as práticas informacionais de adolescentes no contexto de produção de conteúdo em ambiente digital. A partir dessas categorias buscamos refletir sobre algumas dimensões dessa experiência de produção de conteúdo no contexto da comunidade *Selvagem*. Em seu modelo de práticas informacionais, Harlan (2012) separou as categorias em dois campos: as experiências de informação e as ações informacionais dos (as) participantes, cuja interseção resulta na experiência de práticas informacionais. Todas essas categorias e significados emergiram do campo de trabalho realizado pela autora. Harlan (2012) afirma que as experiências de informação estão situadas em contextos e abrangem diferentes ações informacionais; assim, práticas informacionais são elaboradas a partir de estruturas sociais da comunidade e dos recursos técnicos disponíveis. As experiências de informação acontecem a partir de cinco formas diferentes nas quais se experimenta a informação:

(1) participação, que resulta da interação social dentro de uma comunidade permeada por regras e normas, com vistas a obter conhecimento sobre a comunidade e suas características; (2) inspiração, experimentada no cotidiano a partir de ideias que surgem por acaso; (3) colaboração, resulta da produção de conteúdo por meio de habilidades e conhecimentos compartilhados; (4) processo, está relacionada ao ato de criar conteúdo, bem como ao conhecimento e domínio de ferramentas disponíveis e (5) artefato, refere-se ao conteúdo produzido, tais como vídeos, músicas, artes visuais, e ao conhecimento abstrato, como regras implícitas da comunidade (Harlan *apud*, Rocha; Duarte; Paulo, 2016, p. 18).

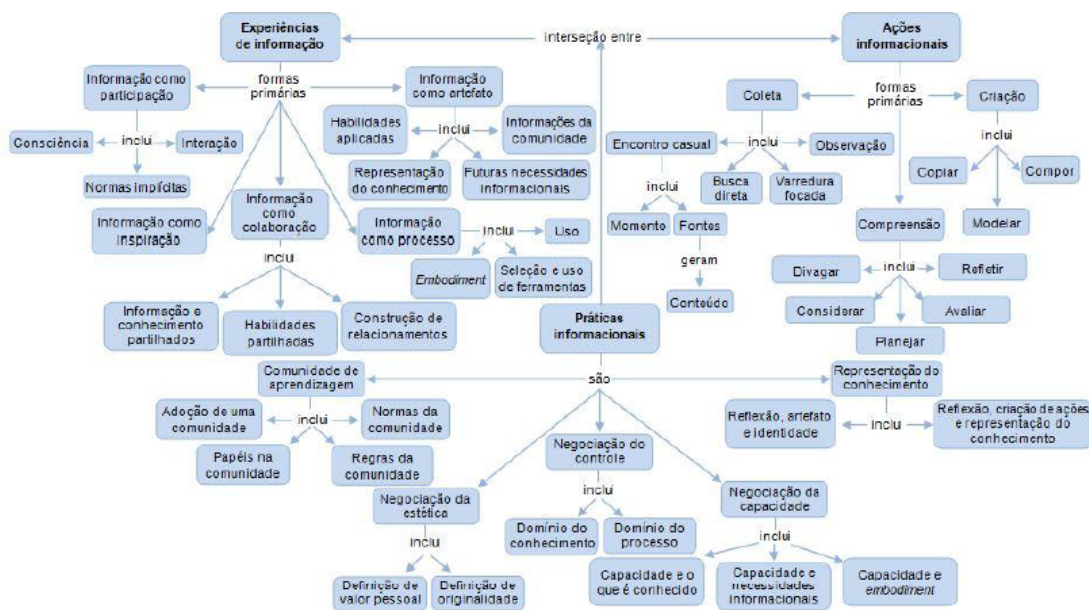
A experiência de informação é o resultado de ações construídas no cotidiano, nas vivências e no encontro das pessoas com as informações que surgem por acaso e que elaboradas a partir das habilidades e repertórios de cada pessoa, constitui-se em novos artefatos informacionais, ou seja, nos objetos de informação e comunicação. No campo das ações informacionais, a autora identifica as categorias de coleta, compreensão e criação. Do cruzamento entre experiências de informação e ações informacionais, Harlan indica cinco práticas informacionais: (1) comunidade de aprendizagem; (2) negociação da estética; (3) negociação de controle; (4) negociação de capacidade e (5) representação do conhecimento. O quadro foi extraído do texto Modelos de práticas informacionais (Rocha; Duarte; Paula, 2016), tendo sido elaborado pelas autoras desta pesquisa a partir dos dados e informações levantadas

por Harlan (2012) em sua pesquisa. Apresenta a síntese das categorias e subcategorias referentes a experiências de informações, ações informacionais e práticas informacionais.

As informações apresentadas no quadro 3, a seguir, representam as categorias identificadas por Harlan em sua pesquisa e suas consecutivas relações e correspondências, conformando um cenário de eventos que convergem no conceito de práticas informacionais. Nosso objetivo não é o de aplicar esta estrutura no *Ciclo de estudos Selvagem*, mas sim destacar algumas categorias que consideramos similares ao processo informacional que se institui no *Selvagem*. Identificamos essas similaridades a partir das definições que a autora atribui às categorias elencadas (Harlan, 2012) e a partir da leitura e interpretação com Rocha, Duarte e Paula (2016), que analisam criticamente alguns modelos de práticas informacionais, dentre eles este no qual destacamos pontos para analisar e dialogar com o projeto *Selvagem*.

Ressaltamos que a aplicação dessas categorias requer um trabalho de campo envolvendo não somente a análise dos materiais produzidos, como fazemos aqui, mas também uma participação representativa das pessoas que integram a comunidade *Selvagem* atuando na produção de conteúdo por meio de entrevistas. Deste modo, alertamos que nossa análise compreende a interpretação de informações retiradas do acervo de materiais do *Selvagem*, a observação da pesquisadora e a conversa com a coordenadora da comunidade e grupo criança *Selvagem*.

Quadro 3 - síntese das categorias e subcategorias referentes a experiências de informações, ações informacionais e práticas informacionais



Fonte: Modelos de práticas informacionais, Janicy Aparecida Pereira Rocha, Adriana Bogliolo Sirihal Duarte, Claudio Paixão Anastácio de Paula, 2016.

Este gráfico foi elaborado pelas pesquisadoras Janicy Aparecida Pereira Rocha, Adriana Bogliolo Sirihal Duarte e pelo pesquisador Claudio Paixão Anastácio de Paula a partir do modelo apresentado por Harlan (2012) em sua pesquisa realizada com jovens produtores de conteúdo no ambiente digital. No gráfico observamos que as práticas informacionais são o resultado da interseção entre o exercício de informação e as ações informacionais apresentando desdobramentos desse processo que compreendem dinâmicas de busca, apreensão, tratamento e produção de informação que são organizadas a partir de uma série de negociações na comunidade investigada. Colocando uma lupa nas categorias que desejamos utilizar como estratégias de observação, análise e interpretação das informações encontradas no *Selvagem*, destacamos no quadro a seguir o campo experiências de informação e as categorias que o compõem a partir de Harlan (2012).

Figura 15 - Experiências de informação e as categorias que a compõem a partir de Harlan (2012)



Fonte: elaborado pela autora a partir de Rocha, Duarte e Paula (2016), 2023.

Empregamos o uso das categorias informação como participação, informação como como inspiração, informação como colaboração, informação como processo e informação como artefato dentro do campo de experiências informacionais porque entendemos que os elementos que as definem, podem dialogar com as informações que temos sobre as práticas informacionais do *Selvagem*. Reiteramos que se trata de um exercício de análise que representa uma interpretação fundamentada na observação das ações e materiais do projeto e em uma conversa com uma das coordenações. Isto quer dizer que não pretendemos abranger o todo e nem esgotar interpretações sobre o fenômeno analisado.

No capítulo *Mapa de navegação*, buscamos acionar alguns elementos informacionais observados a partir das descrições dos materiais e da conversa com uma das coordenadoras do *Selvagem*, que compartilhou sobre o processo de “pensar junto” os conteúdos do projeto. Essa descrição foi importante para identificarmos nas categorias deste exercício de informação de Harlan (2012), as similaridades que ocorrem no *Ciclo de estudos Selvagem* no que diz respeito aos mecanismos de pesquisa e práticas informacionais do grupo que produz conteúdo para o projeto. No capítulo a seguir, *Informa, Comunica e Decoloniza*, trazemos algumas discussões sobre os conceitos de comunicação, pensamento decolonial e comunicação decolonial.

3 INFORMA, COMUNICA E DECOLONIZA

No capítulo anterior discutimos o conceito de informação, informação indígena e práticas informacionais. Trouxemos algumas categorias proveniente de um modelo de práticas informacionais (Harlan, 2012) para observar as ações do *Ciclo de estudos Selvagem*. Observando o circuito informacional que o *Selvagem* promove a partir da sua produção de conteúdo oferecida em sua página na internet, tendo nos produtos oferecidos (relatórios, vídeos, cadernos, ciclos etc.) informações disponíveis para análise, somando à uma observação participante, buscamos na pesquisa responder à seguinte questão: de que forma o *Ciclo de estudos Selvagem* repensa modos tradicionais do exercício comunicacional e se relaciona com uma comunicação decolonial? Para avançar na construção de uma resposta, refletimos neste capítulo sobre o conceito de Comunicação e o pensamento decolonial com a finalidade de compreender as características de uma comunicação cuja prática seja pautada pelo enredo das questões do campo decolonial.

A comunicação é uma área de estudos que reúne em torno de si diferentes interesses de pesquisa provenientes do encontro com outras áreas do conhecimento, o que resulta naquilo que Sodré (2012) chama de “caos criativo”, levando o campo a uma situação de “apuros teóricos”. Campo, segundo Martino (2006, p. 34), têm sido o termo empregado para se referir aos estudos ligados à comunicação e expressa o “conjunto de atividades aí desenvolvidas ou reagrupadas sob o nome genérico de comunicação”, amenizando o desconforto geral da ausência de um corrimão teórico que resolva as muitas designações a si atribuídas.

O significado de campo utilizado na área da comunicação provém da noção de campo (Bourdieu, 1983) como apresentamos na seção anterior, desenvolvida na sociologia, que se refere, de modo geral, ao espaço comum que agrupa agentes sociais ocupando lugares pré-determinados e estabelecendo uma hierarquização social. Trata-se de um universo que se constitui a partir dos agentes sociais e suas “representações e lutas pela construção dos valores e do sentido das coisas, um tipo de análise própria à sociologia das profissões e também à sociologia do conhecimento” (Martino, 2006, p. 36).

Na comunicação os elementos que constituem o seu campo “são as teorias, as escolas, ou seja, ao contrário da acepção que se dirige a uma descrição do elo social, temos como objeto um domínio do conhecimento humano” (Martino, 2006, p. 36). Nossa pesquisa está inserida no campo da comunicação e dentro dele localizamos uma experiência comunicacional específica (*Ciclo de estudos Selvagem*) que nos interessa observar, inclusive para repensar o próprio sentido da comunicação.

Adotamos o termo campo não como uma estratégia de fuga da responsabilidade de posicionamento teórico, mas como um reconhecimento da diversidade de compreensões que o estudo da comunicação agrupa, admitindo que sua natureza é constituída de diferentes estatutos do conhecimento. Trata-se de um campo de estudos cujo desenvolvimento acadêmico é recente, segundo Lang (1989, p. 369), é a partir do século XIX que surgem as primeiras pesquisas ligadas à Comunicação moderna e relacionadas com as transformações sociais decorrentes da Revolução Industrial. Ademais, por seu uma área que se constitui na soma de atributos teóricos interdisciplinares no que se refere à sua identidade, o campo da comunicação gera uma série de divergências quanto à sua definição.

Esta dispersão de sentidos é percebida também quando recorremos ao uso dos dicionários para buscar, na etimologia do termo, o seu sentido de origem. Em geral os significados apresentados para o termo “comunicação” circulam entre os sentidos de informação, mensagem, participação, aviso, transmissão, notícia, passagem, ligação, convivência, relações, comunhão, pôr em comunicação, fazer saber, pegar e transmitir²⁵. Segundo Martino (2007, p. 16), o sentido atribuído à comunicação como noção de mensagem e informação cria uma certa confusão porque para que uma mensagem ou uma informação corresponda a uma comunicação, ela precisa ser efetivamente tomada e apreendida desde a perspectiva do seu conteúdo simbólico. Para uma pessoa que não domina os códigos que determinadas mensagens ou informações carregam, nada ali será lido, interpretado e comunicado. “Para que uma página de um livro se transforme em mensagem é preciso reunir tanto a atividade do leitor, quanto o produto da atividade do escritor” (Martino, 2007, p.16).

Assim, uma mensagem ou uma informação só pode ser comunicação, na perspectiva colocada por este autor, caso ela seja decodificada enquanto conteúdo e não apenas observada enquanto forma ou coisa que admite traços e códigos em sua matéria. É necessário que quem lê esses códigos formatados e organizados como uma informação ou uma mensagem, possa se apropriar dos mesmos de forma consciente e com eles se aproximar da “consciência” (Martino, 2007) de quem os enuncia. Com isso, por meio da tradução de uma informação ou mensagem, chega-se a algo em comum, um mesmo objeto de consciência. Como agora, lendo as reflexões de Martino (2007), podemos nos conectar com as suas percepções e compreender com e a partir dele, as dimensões que compõem o sentido de comunicação por meio dessa consciência compartilhada.

²⁵ "Comunicação", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2021, <https://dicionario.priberam.org/comunica%C3%A7%C3%A3o> [consultado em 26-04-2023].

Embora nos conectemos por essa capacidade de decodificação das informações que o autor coloca, nossa compreensão pode, ainda assim, passar ao largo daquilo que o autor de fato pretende transmitir com as suas palavras. Isto porque a compressão que elaboramos parte dos nossos repertórios individuais, que fundamentam nosso processo interpretativo. Bem como, quem agora nos lê, pode também se conectar com o nosso processo de investigação sobre a comunicação, podendo discordar ou concordar com a dinâmica de ideias que se desenvolvem aqui a partir de seus repertórios pessoais. Isto parece ser uma das condições elementares para o sentido de comunicação: a conexão entre diferentes objetos de consciência mediados por códigos decodificáveis. Esta é uma das possibilidades de compreensão do campo. Segundo Giani (2015, p. 21),

uma das primeiras teorias conhecidas, a teoria hipodérmica, embora bastante precária, rígida e completamente voltada para o emissor - conferindo a esse extrema importância -, lançou as bases para um modelo que, de certo modo, vigora ainda hoje: emissor - mensagem - receptor. Pode-se dizer que o Campo da Comunicação ainda não encontrou uma maneira de superar esse modelo. Em contrapartida, também não se consegue dizer se ele é capaz de explicar a comunicação.

Apesar das divergências em torno da noção colocada pela teoria hipodérmica, e ainda que seja precária no sentido de contemplar uma discussão mais complexa sobre o ato comunicativo, os elementos que a compõe – emissor, mensagem, receptor - são a base de outros modelos que posteriormente surgiram, tendo se consolidado como uma referência que ainda não foi totalmente superada.

Em geral, o conjunto de formas teóricas referenciais para uma configuração específica da comunicação são representados, há muito tempo, por um quadro teórico marcado por uma rota geográfica estadunidense e europeia. Carvalho (2015), em *Autores-referência em comunicação: um levantamento a partir de Propaganda Techniques in the World War*, de Harold Lasswell, apresenta um mapeamento com as referências teóricas indispensáveis no debate sobre a comunicação, naquele período anterior a 1927, presentes na bibliografia da tese de Harold Lasswell. O autor figura entre as maiores referências nos estudos da comunicação, entre adeptos e divergentes, por sua análise do ato comunicativo esquematizado a partir do exame das partes que envolvem esse processo: Quem? Diz o quê? Por qual canal? Com que efeito? Para quem? Aqui notamos que a teoria de Lasswell avança tornando mais complexo o quadro inicial proposto pela teoria hipodérmica.

O mapeamento oferece uma espécie de pré-história da teoria da comunicação e nos interessa porque demonstra e confirma a construção de um pensamento comunicacional

fundamentado por um modelo euro-estadounidense. A autora elabora quadros que mostram a localização e a disciplina de origem da bibliografia utilizada por Lasswell, revelando “uma prevalência de obras europeias, totalizando 44% dos autores citados (...) contra 22% de autores estadunidenses e uma minoria de outros países” (Carvalho, 2015, p. 155). Uma das formas de observar a produção de conhecimento do *Ciclo de estudos Selvagem* passa por essa triagem do conjunto teórico que forma suas práticas informacionais e fundamenta a produção de conhecimento dos objetos que compõem essa experiência de comunicação promovida pelo projeto.

Presumimos que a maior parte das rotas geográficas das bibliografias utilizadas e dos grandes autores que atuaram na constituição do pensamento comunicacional clássico (Paul Lazarsfeld, Marshall McLuhan, Jean Baudrillard, Robert Ezra Park, Louis Althusser, dentre outros) tem sua origem no norte global. De acordo com Lang,

[...] muito do que tem sido definido pelos europeus caracteristicamente como pesquisa americana em comunicação [...] foi introduzido nos Estados Unidos pelo Velho Mundo, em sua maior parte por alemães (o que nesse caso inclui os austríacos) ou por americanos que estudaram na Europa ou foram influenciados por trabalhos desenvolvidos na Europa Central durante o primeiro terço do século 20 (Lang, 1996, p.2).

A visão do campo é marcada por uma série de abordagens que legaram do norte global uma configuração específica para o desenvolvimento do pensamento comunicacional. A crise teórica que afeta o campo da comunicação, segundo Hall (2016, p. 34), é determinada por uma multiplicidade de fatores, dentre eles, o autor chama a atenção para as dimensões internas do problema que estão relacionadas às “bases epistemológicas e teóricas, assim como as metodologias e os procedimentos do paradigma dominante, na medida em que ele é um conjunto de procedimentos intelectuais, de perguntas e respostas, de pressuposições teóricas” que organizam o trabalho intelectual do campo há muito tempo. Esta configuração teórica reproduz uma visão instrumental da comunicação.

Isto porque teoria é o pensamento sistematizado que surge de indagações e o que produz e condiciona a pertinência delas” (Signates, 2012, p. 134). As teorias são desenvolvidas em contextos paradigmáticos, ou seja, a partir de uma determinada estrutura que se torna modelo para determinado pensamento. Os paradigmas representam os diferentes modos de pensar a ciência considerando um conjunto de métodos, valores, práticas e contextos que vão conduzir a pesquisa sobre um determinado campo.

Para certos grupos de pesquisa a comunicação não é considerada como uma ciência já que ela não se fundamenta em princípios ou paradigmas próprios, sendo necessário dispor de modelos teóricos cedidos de outras áreas, embora haja também aqueles (as) que a consideram como uma disciplina. Outros (as) ainda, de modo mais objetivo, entendem a comunicação como um agrupamento de técnicas e habilidades que viabilizam a dinâmica de transmissão de ideias e informações de modo prático e tecnológico, como um mero meio para o transporte de informações (Shepherd *apud* Sodré, Capparelli; Squirra, 2005, p. 10).

Martino (2006, p. 41 - p. 43), a partir de um estudo sobre as principais formas de abordagens da representação do campo comunicacional, traz um panorama de algumas fases do desenvolvimento do pensamento comunicacional, compreendendo as seguintes categorias: pré-científico – anterior a 1920; flerte com a ciência – entre 1920 e 1930; científico – entre 1940 e 1950; cético – entre 1960 e 1970 e interdisciplinar – a partir de 1980. O autor encontra na bibliografia especializada quatro tipos comuns de abordagens em pesquisas que investigam a constituição do campo comunicacional:

1) Redução. A primeira maneira de representar o campo comunicacional é reduzi-lo a uma outra disciplina ou corrente teórica. 2) História. Traçar a história é uma das abordagens mais empregadas para apresentar o campo comunicacional. Seja na forma de um simples guia para a exposição das ideias, seja encadeando as datas de surgimento de teorias ou de instituições, avanços tecnológicos ou acontecimentos sociais relevantes. 3) Conceito, teoria, pesquisa. (...) elaboração de um levantamento das teorias, ou pela discussão de alguns problemas-chave ou pelas pesquisas realizadas. Tenta-se delinear os contornos do campo por meio de sua produção teórico-investigativa. 4) Sociologia da ciência ou análise institucional. (...) muitos pesquisadores têm optado por definir o campo comunicacional não por sua produção intelectual, mas, de forma mais objetiva, menos polêmica, que é a análise de suas instituições, como revistas, jornais, associações, mas principalmente suas instituições de formação, como as faculdades, com seus cursos de graduação e de pós-graduação (Martino, 2006, p. 44 – p. 50)

Os resultados alcançados por meio destas pesquisas, segundo Martino, embora sejam importantes no sentido de conquistar avanços teóricos e de representação do campo, ainda são incapazes de promover a comunicação como um saber, pois a “discussão sobre a natureza mesma do saber comunicacional, sua especificidade e limites, é bastante insuficiente e tem atravessado os diferentes tipos de abordagem do campo e se manifestado neles” (Martino, 2006, p. 52), sem contudo definir o que, em essência, constitui a concepção de análise do ato comunicacional.

Ainda que não sobressaia uma teoria, cuja unanimidade seja reconhecida e que resolva as habituais ambiguidades do campo, grandes autores e autoras (França, 2007; Sodré, 2012, 2014,

2005; Martino, 2006, 2007; Braga, 2010; Ferrara, 2007, Santaella, 2013; Signates, 2012) têm se dedicado permanentemente a essa melindrosa tarefa de constituição epistêmica. Observam questões como a diversidade temática que o campo abrange, sua exogenia e dispersão, a relação com as tecnologias da informação e da comunicação, os processos de financeirização econômica que influenciam a sua performance, a estrutura teórica sociológica na qual cresce e se constitui, dentre outros exemplos, com a finalidade de conferir ao campo uma resolução conceitual atualizada com as dinâmicas do nosso tempo presente e da nova realidade social. Para Sodré,

no que diz respeito à cientificidade do campo comunicacional, o diagnóstico bem pode ser a de um caos. Mas é um caos criativo. A diversidade temática (...) oferece o ensejo para abordagens originais e para a contemplação de objetos importantes para a compreensão do cotidiano, mas geralmente situados fora do crivo disciplinar das tradicionais ciências sociais (Sodré, 2012, p. 7).

Talvez seja neste caos criativo, onde nos deparamos com a abundante multiplicidade de temas importantes para o entendimento da organização social e das relações e interações humanas, a qual menciona Sodré, que poderemos encontrar meios para dialogar e aprofundar na concepção e discernimento em relação ao especificamente comunicacional, mesmo estando estes objetos à parte do exame e da validade disciplinar e científica. Partimos da compreensão, também oferecida por Sodré (2019) em *A Ciência do Comum: notas para o método comunicacional*, para discutir a comunicação como vinculação humana, opondo-se à definição comumente compartilhada de transmissão de informações, compreensão esta que foi largamente propagada pelo modelo teórico dominante criticado por Sodré.

Este modelo teórico dominante ao qual se refere o autor, é a corrente teórica cuja estrutura funcionalista preconizada pela escola da sociologia da comunicação em massa americana, serviu, segundo Sodré, “à indústria da mesma forma que serviu ao governo e atendeu à demanda de pesquisa sobre o conhecimento dos públicos” (2015, p. 121). Mais que complexificar o olhar inquiridor à experiência que se quer compreender, tratava-se de uma iniciativa de investigação vinculada aos interesses particulares representados pelas indústrias e governo que tinham como objetivo principal, o domínio das técnicas e o uso qualificado da comunicação de massa para os seus fins privados e comerciais.

A globalização, as mudanças eletrônicas e tecnológicas, a internacionalização do mercado econômico e sua financeirização, todos estes acontecimentos a nível global provocam “a dissolução de barreiras, a liquefação do mundo” nos levando a pensar a comunicação por um viés menos utilitarista e mais crítico, “não mais como um paradigma funcionalista de emissor

que provoca efeitos e esses efeitos são analisados, mas antes a comunicação como organização das relações sociais” (Sodré, 2015, p. 121). Isto porque os eventos históricos os quais a humanidade tem vivenciado e atravessado ao longo de sua jornada milenar, provocam rupturas e movimentos com os paradigmas que organizam a vida em sociedade, modificando as relações de trabalho, a economia, a cultura, as relações sociais, dentre outros, e conseqüentemente os atributos, performances e especificidades do campo da comunicação.

As narrativas teóricas clássicas que constituem parte do movimento conceitual do campo, abrangem percepções e características de estudos que exploram questões cuja visão mecanicista prioriza a análise de comportamentos, efeitos, conteúdos e estudos psicológicos experimentais da comunicação de massa (Wolf, 2006). Tais abordagens não representam toda a fundamentação teórica clássica que diz respeito ao campo, mas como exemplos teóricos clássicos da Comunicação, seguramente são ou insuficientes ou desatualizados e certamente excludentes de outras realidades concretas.

Apesar da indeterminação epistemológica característica do campo da comunicação e dessa variedade teórica que muitas vezes também se torna contraditória, propomos avançar na seção seguinte na definição de um posicionamento teórico da ação comunicativa adequado ao propósito desta investigação, qual seja, mais uma vez: se ocupar de estabelecer as relações teóricas entre o pensamento decolonial e a comunicação para considerar o exercício de uma comunicação decolonial permitida por práticas informacionais fundamentadas na pluralidade do conhecimento. Este exercício teórico se complementa com a análise das práticas e dinâmicas de produção de conhecimento do *Ciclo de Estudos Selvagem*.

3.1 Que conceito de comunicação fundamenta nossa reflexão?

No contexto das ciências humanas, uma das formas de compreensão do ato comunicativo se refere à experiência da constituição do simbólico. O simbólico compreende “a nossa forma de conhecer o mundo, de pensarmos e nos relacionarmos. Interagimos de forma simbólica entre nós mesmos e com o mundo à nossa volta” (Giani, 2015, p. 25). É por esta direção que buscamos estruturar a noção de comunicação, tendo consciência de que existem muitas possibilidades de abordagens para a representação do campo comunicacional e que esta explicação é uma das possíveis diante de um quadro teórico multiplicado.

Concordamos com um pensamento comunicacional cujo enfoque proporcione um diálogo teórico que esteja associado e que seja fruto das questões e realidades dos diferentes territórios que constituem a América Latina. Durante muito tempo estivemos sob a forte e única influência

de um pensamento comunicacional euro-estadounidense, estrangeiro às nossas próprias questões e realidades e por isso mesmo de filiação epistêmico-teórica constituída por práticas e pensamentos discrepantes do nosso contexto.

Tais teorias ambicionam, por meio da sua incontestável legitimidade científica, a premissa da neutralidade e da universalização do conhecimento. Trata-se de uma visão centralizada na produção de conhecimento euro-estadounidense, cuja promessa ilusória de progresso justifica o apagamento das muitas e das diferentes formas de saberes e práticas que conduzem outras realidades. Saberes estes que promovem um tipo de ciência oposto ao vigente pelo norte global e refutado por grande parte desta comunidade científica.

Olhar para os conteúdos oferecidos por um projeto como o *Selvagem*, nos parece ser uma oportunidade de mapear autores (as), artistas, escritores (as), comunicólogos, (as) cientistas e teóricos (as) indígenas, brasileiros (as), localizados na América do Sul, que estão construindo coletivamente novas formas de pensar a comunicação ao produzir um tipo de conhecimento que prioriza outras formas de conhecimento.

Segundo Freitas (2018, p. 146), existem outras perspectivas de conhecimento e de vida, sobreviventes nas ruínas das sociedades vitimadas pelo poder colonial, que podem ser a base de uma nova compreensão e de novas práticas de conhecimento por meio de uma plataforma teórica projetada pelo pensamento decolonial, tema que será tratado em nossa próxima seção. Ao retomar memórias, línguas, histórias e saberes soterrados pela colonialidade do saber e seus mecanismos de controle, essas novas práticas informacionais e de conhecimentos estão afirmando uma suposta desobediência epistêmica em relação ao eurocentrismo.

Segundo Villanueva (2019), diante desta pretensa universalização teórico-epistêmica, o pensamento teórico crítico desenvolvido na América Latina não só se mostra como uma visão alternativa de compreensão teórica a respeito do campo comunicacional, como também evidencia a inserção e participação latino-americana neste debate. Diversos autores (Atwood & McAnany, 1986; Sodré, 2012; Fuentes, 1991; Beltrán, 2000 e 2007; Marques de Melo, 2007; Gobbi, 2008; Torrico, 2016a) começaram a questionar as ideias e teorias estabelecidas pelos padrões euro-estadounidense, trazendo como contraponto uma elaboração teórica a partir de outros pontos de vista, estabelecendo um enfoque latino-americano fundamentado na realidade destes territórios.

Não se trata de desconsiderar ou cancelar o conjunto teórico que organizou e organiza, até então, o trabalho intelectual do campo da comunicação, mas sim de ampliar a compreensão do campo, respeitando as diferentes territorialidades, conhecimentos e saberes. Suprimir a carência de outras visões de mundo, alargando o nosso entendimento sobre a natureza e o

exercício da comunicação, em busca de horizontes decoloniais. Neste sentido, muito se discute sobre a crise do paradigma dominante da comunicação. Esta noção paradigmática que envolve a área da comunicação, compartilha de características da corrente dominante do pensamento das Ciências Sociais dos Estados Unidos e Europa, canonizados especialmente nas décadas de 1950 e 1960 (Hall, 2016).

Fragilidades epistemológicas e teóricas, situadas no que chamamos de paradigma dominante, são destacadas por Hall, a partir da “persistente tendência desse paradigma cair no naturalismo de um arraigado individualismo (...) Esse individualismo é parte – e por sua vez ajudou a firmar – do naturalismo comportamentalista do paradigma”. O autor se refere “à explicação simplória e redutora que o paradigma dominante tem oferecido com tanta frequência acerca das complexas relações entre o pensamento, o discurso, a prática e a estrutura” (Hall, 2016, p. 35) nos sistemas de comunicação.

Isto quer dizer que o foco e condução das pesquisas no campo da comunicação, no contexto do paradigma dominante, aludem especialmente a aspectos comportamentais do fenômeno comunicativo, reduzindo a complexidade dos temas que atravessam o campo (sentido, discurso, significados, pensamento, linguagem, símbolos etc.) a uma experiência vinculada ao comportamento, o que por sua vez também está relacionada à condição de um natural individualismo.

Este aspecto individualista contradiz “o caráter progressivamente social e coletivo das práticas e instituições comunicativas” (Hall, 2016, p. 35), sob a qual a comunicação deveria ser pensada, como constitutiva e interna à tais estruturas e práticas sociais. Acerca disso Sodré vai afirmar que

a ciência da comunicação se dá, na crise do paradigma vigente das ciências sociais, como uma espécie de «acontecimento» a partir de uma oportuna «intervenção» do pensamento e da pesquisa numa situação que problematize, no interior das mutações culturais da sociedade contemporânea, as contingências da imbricação ou da tensão entre a relação societária e o vínculo comunitário (2007, p. 25).

Para Sodré o objeto da comunicação é a vinculação social, o vínculo entre o eu e o outro que percorre e movimenta os seres humanos à experiência da comunicação e que se dá por meio da coletividade. Na experiência do vínculo, ou seja, dessa participação e construção de si pelo Outro, as pessoas constroem juntas, por meio do diálogo, o ato de pensar e agir. Podemos retomar a discussão da pluralidade aqui, no sentido da ação e do discurso como marcas de chegada ao mundo e de singularidades, experiências que se dão na relação da vida coletiva,

compartilhando espaços em comum. Segundo Sodré, Paulo Freire defendia a centralidade dos processos comunicativos na produção do saber porque entendia a comunicação como “co-participação dos sujeitos no ato de pensar”, estabelecendo uma relação e diálogo (2005, p. 21).

Estamos tratando, aqui, da comunicação como um fenômeno comum à experiência humana, sendo esta uma ambição elementar da humanidade, “em todas as sociedades os seres humanos se ocupam da produção e do intercâmbio de informações e de conteúdo simbólico” (Thompson, 2008, p. 19). Essa possibilidade de compreensão é prontamente compreendida por se tratar de uma prática, de uma capacidade e de um domínio natural à condição humana: o de conversar, trocar ideias, intercambiar informações mediados por códigos comuns entre duas ou mais pessoas.

Para Sodré, “os seres humanos são comunicantes não porque falam (...) mas porque relacionam ou organizam mediações simbólicas (...) em função de um comum a ser compartilhado” (Sodré, 2019, p. 9), é na realidade concreta que o fenômeno da comunicação ocorre. É da natureza humana a ação de realizar processos comunicacionais, estabelecendo por meio de conexões a possibilidade da permuta de ideias e percepções, negociando e compartilhando o comum. Nessa perspectiva, a comunicação da qual falamos está ligada ao estudo dos vínculos e das relações sociais permitidas pela eventualidade do encontro, no contexto de uma reciprocidade interativa em que as mesmas pessoas compartilham a construção de um objeto em comum, desenvolvendo processos de compreensão recíproca. Trata-se da

comunicação, como fenômeno, [que] seria isso que viabiliza, entre seres humanos em sociedade, negociar suas ideias ou percepções “singulares” (de indivíduos ou grupos e setores sociais), em princípio “diferenciadas”, objetivando um padrão de aceitabilidade que permita ao espaço social funcionar, seja para acordar objetivos, seja para fazer valer uns sobre os outros, seja para decidir dos modos adequados de atingi-los (Braga, 2010, p. 47).

Neste acontecimento promovido pelo fenômeno comunicativo, onde ocorre a produção de sentido pela troca simbólica, construção do comum entre as pessoas e continuidade do espaço social, reside a “ação de pôr em comum tudo aquilo que, social, política ou existencialmente, não deve permanecer isolado” (Sodré, 2017, p. 11). Também é comunicação o “modo pelo qual a experiência se torna linguagem, a linguagem se converte em saber e o saber se concretiza em novas experiências, tornando possível o trânsito das ideias e dos sentidos” (Signates, 2012, p. 147). Dessa forma, comunicação é tanto o processo, a ação e o ato de colocar em comum as consciências de quem enuncia e de quem se apropria desta enunciação, quanto os resultados que daí surgem.

Paulo Freire, com as suas contribuições valiosas, trouxe para o campo da comunicação a noção do diálogo ao compreender que a ação comunicativa ocorre a partir de uma relação horizontal, crítica e coparticipativa, e por isso mesmo libertadora. Compreendeu a experiência da comunicação como uma oportunidade de transformar realidades a partir da conscientização, rompendo com a prática de transmissão extensionista de conteúdos para uma ação comunicativa marcada pelo diálogo. Segundo Paiva (2001, p. 6), “se ainda é possível formular alguma teoria de comunicação, esta terá que ter certamente a feição de uma comunicação que inclua as pessoas e não apenas as distraia de suas mazelas quotidianas e do forte processo de exclusão social a que estão submetidas”.

Trata-se, portanto, de pensar a comunicação como uma abordagem que contemple a inclusão da realidade de forma que possamos atuar sobre essa realidade pensando e agindo em conjunto, colocando o comum em jogo para uma construção crítica. Para Freire, o que os meios de comunicação fazem é comunicado e não comunicação. Segundo o autor, o que ocorre é “transferência de dados, que são ideológicos e que partem muito bem vestidos” (Freire, 2003, p. 26), conformando uma visão bancária da comunicação como experiência que deposita e transfere um conteúdo de forma descontextualizada e autoritária, porque é tendenciosa e excludente. Comunicação, para Freire, é essa ação que se dá por meio do diálogo entre sujeitos que, coparticipando desse exercício de compreensão, elaboram significados de forma crítica. O autor explica que

se o objeto do pensamento fosse um puro comunicado, não seria um significado significante mediador dos sujeitos. Se o sujeito “A” não pode ter no objeto o termo de seu pensamento, uma vez que este é a mediação entre ele e o sujeito “B”, em comunicação, não pode igualmente transformar o sujeito “B” em incidência depositária do conteúdo do objeto sobre o qual pensa. Se assim fosse – e quando assim é –, não haveria nem há comunicação. Simplesmente, um sujeito estaria (ou está) transformando o outro em paciente de seus comunicados. A comunicação, pelo contrário, implica numa reciprocidade que não pode ser rompida. Por isto, não é possível compreender o pensamento fora de sua dupla função: cognoscitiva e comunicativa. (...) Na comunicação não há sujeitos passivos. Os sujeitos cointencionados ao objeto de seu pensar se comunicam seu conteúdo (Freire, 2020, p.45).

Isto quer dizer que um puro comunicado não contém em si significados significantes nos quais seja possível tecer sentidos entre pessoas interlocutoras. Se não há, neste objeto, dimensão e espaço para o pensamento e a interpretação ativa destas pessoas, não há efetivamente comunicação no sentido colocado por Freire. Ou, se há uma relação unilateral em que parte orienta compreensões e parte admite sem parcela alguma de contribuição nessa construção de sentido, também não há aqui ação comunicativa no sentido freiriano. A comunicação pensada

dessa forma, ultrapassa qualquer noção técnica ou objetificada, pois prioriza uma relação com a intersubjetividade humana como instituidora dessa noção. Dessa forma, reorienta-se a noção de comunicação para uma “revalorização do universo cultural e do cotidiano dos sujeitos como mediadores dos sentidos produzidos no campo da recepção das mensagens dos meios massivos. Suscetíveis de múltiplas interpretações, essas mensagens são polissêmicas e seus sentidos ou significados ‘negociados’ na esfera da recepção” (Ribeiro, 2013, p. 82). Sendo assim, comunicação é a experiência da vinculação humana mediada por um objeto comum, que, lido, acessado e interpretado em todas as suas dimensões a partir das consciências compartilhadas, resulta em ação e consciência.

A comunicação entendida como essa experiência de vinculação humana entre pessoas que compartilham o comum nos interessa para observar a comunidade do *Ciclo de estudos Selvagem* como um espaço que se organiza por meio da ação e do discurso, construindo de maneira coletiva o conhecimento que compartilha, priorizando a pluralidade humana. Por meio desse entendimento, acessamos os conteúdos do projeto para analisar como acontece a experiência da comunicação nesta importante rede de estudos, pensamentos e diálogos que demonstra ser o *Ciclo de estudos Selvagem*.

3.2 O que os estudos decoloniais promovem?

Os estudos decoloniais marcam uma mobilização teórica que reposiciona o pensamento latino-americano no campo das Ciências Sociais a partir da crítica ao colonialismo, repercutida em nosso tempo presente como uma forma de herança colonial. Repaginada por novos mecanismos de controle, como o epistêmico (do saber) ou os marcadores de raça e gênero por exemplo, a modernidade segue reproduzindo desigualdades “em nome da razão e do humanismo”, excluindo “de seu imaginário a hibridez, a multiplicidade, a ambiguidade e a contingência das formas de vida concretas” (Castro-Gómes, 2005, p. 80).

O uso do termo decolonial em detrimento de descolonial, justifica-se pela compreensão de que ao investigar as ações do *Ciclo de estudos Selvagem* buscando uma relação entre sua atuação e a experiência de uma comunicação decolonial, estamos nos guiando por um “movimento contínuo de tornar pensamentos e ações cada vez mais dissociados da colonialidade” (Gonzaga, 2021, p. 116), isto porque sabemos que o conteúdo apresentado pelo *Selvagem* destaca o conhecimento indígena em diálogo com outros tipos de conhecimento.

O termo descolonial, com “s”, refere-se aos rompimentos histórico-administrativos entre metrópoles e colônias, ou seja, diz respeito ao processo de independência dos territórios,

sendo a colonização esse período histórico marcado pela dominação e exploração a partir do extermínio de povos, do extrativismo e do controle dos recursos, do trabalho escravizado, do apagamento de culturas, do roubo de terras etc., cuja administração estava centralizada nas metrópoles. O colonialismo, portanto, é mais antigo. “No entanto a colonialidade provou ser, nos últimos 500 anos, mais profunda e duradoura que o colonialismo. Porém, sem dúvida, foi forjada dentro deste, e mais ainda, sem ele não teria podido ser imposta à intersubjetividade de modo tão enraizado e prolongado” (Quijano, 2007, p. 93). O movimento decolonial almeja um horizonte de libertação da colonialidade, ou seja, “da mentalidade discriminatória herdada do tempo colonial que classifica hierarquicamente os povos e as pessoas e constitui uma das bases da desigualdade que o capital requer” (Torrico Villanueva, 2020, n. p.).

Intelectuais da América Latina formaram, no final dos anos 1990, o grupo Modernidade/Colonialidade, cujo movimento teórico fundamentou e propôs uma reparação teórica por meio de uma crítica em torno do pensamento científico no campo das Ciências Sociais. O grupo propõe a releitura histórica, problematizando velhas e novas questões para o continente e defende a opção decolonial do ponto de vista epistêmico, teórico e político, como resposta à colonialidade do poder (Ballestrin, 2013).

O pensamento decolonial é importante para essa pesquisa na medida em que problematiza o modelo hegemônico de produção de conhecimento, pretensamente universal e neutro, orquestrado por uma estrutura colonial do poder, do ser e do saber. Segundo Walsh, Oliveira e Candau (2018, p. 3), “graças à colonialidade, a Europa pode produzir as ciências humanas com um modelo único, universal e pretensamente objetivo na produção de conhecimentos, além de deserdar todas as epistemologias da periferia do ocidente”.

A partir da falsa ideia de que o conhecimento é resultado de uma prática neutra e imparcial, sob a qual foram estruturados pensamentos paradigmáticos que conduzem o pensamento e a pesquisa no mundo, tem-se o controle dos critérios de validação da produção de conhecimento. Esse tipo de poder, conhecido também como colonialidade do saber, marginaliza e exclui determinados grupos sociais em razão das suas formas de pensar e viver o mundo a partir de culturas e modos de organização social diferentes do esperado.

Walter D. Mignolo (2021, p. 25), ao propor uma ruptura com essa lógica de controle a partir da desobediência epistêmica (Quijano, 1992), explica que

houve uma época em que os estudiosos supunham que se você “vem” da América Latina, você precisa “falar sobre” a América Latina; que, nesse caso, você deve representar sua cultura. Essa expectativa não surge se o autor “vem” da Alemanha, França, Inglaterra ou dos Estados Unidos. Em tais casos, não se supõe que você deva falar sobre sua cultura, mas que possa atuar como uma

pessoa de mentalidade teórica. Como sabemos: o primeiro mundo tem conhecimento, o terceiro mundo tem cultura; os nativos americanos têm sabedoria, os anglo-americanos têm ciência (Mignolo, 2021, p. 25).

A colonialidade criou categorias de importância e validade dos saberes por meio da “instrumentalização da razão” que “produziu paradigmas distorcidos de conhecimento” (Quijano, 1992, p. 19), atribuindo diferentes importâncias, hierarquizando os mecanismos de pesquisa e subalternizando os sujeitos a partir dessa estrutura de controle representado pela colonialidade do saber. Tal mecanismo mantém um modelo de conhecimento universal que legitima o pensamento eurocêntrico como superior, servindo de justificativa para invisibilizar qualquer forma de pensamento que escape de sua medida de legitimidade.

Essa legitimidade está fundamentada, dentre outras coisas, na noção de uma suposta imparcialidade ou também designado como “ponto zero”, pelo filósofo colombiano Castro-Gómez. Segundo o autor, o ponto zero marca a transcendência científica presumida pela neutralidade absoluta configurando o conhecimento científico ocidental como “a mais pura estrutura universal da razão” (2005, p. 14). Representa, a partir disso,

uma filosofia na qual o sujeito epistêmico não tem sexualidade, gênero, etnia, raça, classe, espiritualidade, língua, nem localização epistêmica em nenhuma relação de poder, e produz a verdade desde um monólogo interior consigo mesmo, sem relação com ninguém fora de si. Isto é, trata-se de uma filosofia surda, sem rosto e sem força de gravidade. O sujeito sem rosto flutua pelos céus sem ser determinado por nada nem por ninguém (...). Será assumida pelas ciências humanas a partir do século XIX como a epistemologia da neutralidade axiológica e da objetividade empírica do sujeito que produz conhecimento científico (Grosfoguel, 2007, p. 64-65).

Essa promessa enganosa de um fazer científico dissociado de uma realidade ou de um contexto, que prega uma isenção, se configura como estratégia de dominação de um sistema de “decisões universalistas etnicamente orientado, desde o século XV, pela fantasia cristã-colonialista de uma unidade absoluta de sentido e refratário à admissão de uma ecologia mundial de saberes” (Sodré, 2012, p. 20). A rejeição a outros tipos de conhecimento é uma forma de hierarquizar valores e com isso definir as posições das pessoas na estrutura social, mantendo os privilégios de alguns e a exploração de muitos.

Emprega-se, nesta tarefa, o uso da violência física e epistêmica – saque, domínio e extermínio do Outro - sob o pretexto de um modelo de civilização ocidental que persegue o avanço e o progresso da humanidade. Ao desqualificar outras formas de conhecimento elegendo um padrão universal, têm-se o controle da exploração de recursos e da mão-de-obra escravizada e isto ocorre porque autoriza-se o genocídio e também o epistemicídio de tudo aquilo que difere

do padrão colonial de poder, realizando uma espécie de “higienização” de tudo que se torna uma força contrária ao empreendimento colonial/moderno, um obstáculo ao curso do desenvolvimento e do progresso no contexto de produção capitalista. É graças à colonialidade, que a Europa pôde “produzir as ciências humanas com um modelo único, universal e pretensamente objetivo na produção de conhecimentos, além de deserdar todas as epistemologias da periferia do ocidente” (Walsh; Oliveira; Candau, 2018, p. 3).

O epistemicídio, ou seja, o extermínio a partir da morte política e cultural de um povo em virtude de suas formas de saberes sustentadas por práticas sociais consideradas estranhas (Santos, 1999) é uma ferramenta de trabalho da colonialidade do saber. Mecanismos herdados do colonialismo e atualizados pela lógica colonial vigente que lança mão de estruturas universais de conhecimento hegemônicas para extinguir certos tipos de conhecimentos. A exemplo disto, Sodré (2012) narra a história da destrui o de mais de sete mil nios de história da civiliza o asteca. O espanhol Juan Zumárraga, bispo do México em 1529, reuniu na praça do mercado de Tlatelolco o que havia sobrado dos acervos confiscados dos astecas. Durante três dias o incêndio queimou os registros históricos astecas, apagando de forma definitiva um tipo de conhecimento. Apagou-se também uma outra história étnica:

o grupo humano invasor e dominante obriga-se sempre a rejeitar visceralmente qualquer outra  tnia, posto que a expansão colonizadora implica a transforma o de um território estatal de partida em um território étnico, presumidamente capaz de abranger e a absorver outras configura es espaciais e históricas (Sodré, 2012, p. 20).

Podemos olhar para a nossa própria trajetória escolar, buscando nos livros didáticos as narrativas que constituíram nossa forma o humana. Onde estavam e estão as vozes indígenas? Trata-se aqui também de um epistemicidio orquestrado por uma lógica de ensino que prioriza um currículo oficial marcado pelo modelo eurocentrado de conhecimento. Segundo Gonzaga, o conhecimento científico divulgado ao longo dos séculos na Am rica Latina excluiu os povos indígenas da História, reproduzindo convic es que permaneceram e permanecem sustentando a narrativa de que são povos históricos encarados de maneira “idílica e animalesca”, numa reprodu o que chega até o nosso tempo presente a partir destes velhos fantasmas mentais (Gonzaga, 2021, p. 146).

O perigo de uma história única (Adichie, 2019) consiste na reprodu o de estereótipos, na calúnia e na difama o que levam   exclusão ou ao extermínio de um povo, de suas práticas e formas de conhecimentos e de organiza o social. A invasão cultural conduz   “inautenticidade do ser dos invadidos” (Freire, 2005, p. 143), esvaziando-lhes de seus pertencimentos e vínculos

e tornando-os invadidos e oprimidos por uma cultura na qual nada lhes ressoa ou significa. Assim, “aos invasores, na sua ânsia de dominar, de amoldar os invadidos a seus padrões, a seus modos de vida, só interessa saber como pensam os invadidos em seu próprio mundo para dominá-los mais” (Freire, 2005, p. 87). A violência epistêmica, portanto, corresponde ao bloqueio deliberado da validade de mecanismos de pesquisa e produção de conhecimento diferentes dos ocidentais.

Muitas vezes as epistemologias não-hegemônicas são consideradas insuficientemente elaboradas e ingênuas, além de provincianas ou específicas, sem valores universalizáveis, sendo relevantes no máximo para a compreensão de fenômenos locais. Essa atitude resulta no não reconhecimento de reflexões que não se adéquem ao padrão instituído. Ao negar a determinada produção um espaço de reconhecimento, além de manter leituras hegemônicas há o impedimento de que sejam reconhecidas leituras autônomas produzidas na periferia (Silva; Baltar; Lourenço, 2018, p. 71).

A colonialidade do saber, essa ferramenta de poder colonial, margina o que não cabe em seu modelo de conhecimento científico, excluindo as pessoas por meio de hierarquizações, e destituindo-as de seus lugares de origem e pertencimento. Segundo Krenak, “a modernização jogou essa gente do campo e da floresta para viver em favelas e em periferias, para virar mão de obra em centros urbanos”. As pessoas foram desvinculadas de seus grupos sendo arremessadas nesse “liquidificador chamado humanidade. Se as pessoas não tiverem vínculos profundos com sua memória ancestral, com as referências que dão sustentação a uma identidade, vão ficar loucas neste mundo maluco que compartilhamos” (Krenak, 2020, p. 85).

A decolonialidade é a resposta que se coloca diante desse sistema-mundo marcado por uma experiência epistêmica pensada no singular, por uma forma monocultural de realidade e de pensamento que é oriunda, especialmente, do norte europeu. O saber único reprime a diversidade escondendo diferentes realidades, reprimindo “práticas sociais baseadas em conhecimentos populares, conhecimentos indígenas, conhecimentos camponeses, conhecimentos urbanos” avaliados como desimportantes ou sem rigor científico (Santos, 2007, p. 29).

O pensamento decolonial é uma estratégia de desobediência epistêmica e é a lente pela qual olhamos, nesta pesquisa, a experiência articulada do *Ciclo de estudos Selvagem*. *Selvagem* têm pensando uma produção de conhecimento criando correspondências entres os diferentes tipos de saberes, constituindo redes de estudos, pensamentos e diálogos marcados por diferentes mecanismos de pesquisas, numa ação coletiva que convoca xamãs, artistas, cientistas, lideranças, antropólogos (as) escritores (as) etc. ao exercício de agir e refletir sobre o mundo a

fim de modificá-lo (Freire, 2005). Com isso, oferece um conjunto de objetos de informação e comunicação resultantes desse processo de estudo e pesquisa coletivo. Trata-se de uma ação, conforme relembra bell hooks sobre Paulo Freire, em seu livro *Ensinando a transgredir*, que está conectada com a necessidade de “tornar real na prática o que já sabemos na consciência” (hooks, 2017, p. 68). Diz da necessidade de entendermos a conscientização como um processo fundamental que se soma à uma prática significativa, uma ação que produz mudanças, que movimenta e mobiliza pensamentos e atitudes.

Neste mesmo rumo, Quijano afirma sobre a importância de construirmos uma crítica ao paradigma europeu da racionalidade/modernidade, mas que o caminho para isto consiste não na pura e simples negação às suas categorias, ao seu discurso, às suas ideias, mas fundamenta-se numa atitude de rompimento das relações da racionalidade/modernidade com a colonialidade e por fim com todo o poder que não seja constituído na livre decisão de povos livres (Quijano, 1992).

A decolonialidade, portanto, a partir do seu conjunto de categorias cuja finalidade é a de criticar a modernidade/colonialidade, não se restringe somente ao processo de conscientização dessa estrutura colonial herdada do colonialismo e reproduzida entre nós por meio de práticas e discursos que interferem na organização e no imaginário social. Parte-se desta conscientização para uma ação que pretende ultrapassar a discussão teórica. Emprega-se as categorias que constituem o pensamento decolonial, para, na prática, combater o racismo epistêmico, transgredir a lógica de produção do conhecimento, ampliar as formas de compreensão da realidade, repensar mecanismos de pesquisa, imaginar formas diferentes de viver e se relacionar com o mundo etc.

A partir disto, temos o pensamento decolonial como uma ação de desobediência epistêmica, uma lupa que nos oferece fundamentação teórica para analisarmos as ações do *Ciclo de estudos Selvagem*, podendo refletir sobre a forma como sua atuação colabora para repensarmos práticas comunicativas engajadas na construção de uma comunicação decolonial. Buscamos conjugar o verbo da esperança, nos inspirando em Freire. Como um sentido de ação construído na coletividade, esperar

é um verbo, é ação. Ele não tem o sentido do sentimento que paira nos nossos corações; tem um efeito de ação, de política. Tanto para Bell Hooks quanto para Paulo Freire, o ‘esperançar’ tem efeito coletivo – ou seja, é a possibilidade e condição de se estabelecer uma comunidade que reaja à violência e à humilhação de um sistema opressor baseado nas demandas de um grupo que sempre foi favorecido pelo colonialismo e pelo escravismo (CENPEC, 2021).

Buscamos nessa discussão a fundamentação de que o conhecimento plural é a condição para a desobediência epistêmica. A prática de uma ação comunicativa que fundamenta sua pesquisa na articulação entre diferentes formas de conhecimento, mobilizando uma comunidade de pessoas de procedências culturais e sociais distintas, e criando um ambiente de diálogo e conteúdo contextualizado com essas diferentes realidades, pode ser uma forma de “esperançar” e repensar modos tradicionais de se fazer comunicação.

3.2.1 A Comunicação Decolonial como estratégia de resistência

A comunicação é um campo de estudos orientado por paradigmas das ciências ocidentais, como vimos no começo desta seção, e por isso mesmo, reproduzidor de mecanismos eurocentrados de produção de conhecimento. Considerando isto, propomos pensar a ação comunicativa pelo viés do pensamento decolonial como estratégia de desobediência epistêmica perante a lógica hegemônica herdada do colonialismo e repaginada em comandos de controle epistêmico, como a colonialidade do saber, por exemplo. Trazemos, para isso, algumas características sobre o que seria uma comunicação decolonial.

Trata-se de uma perspectiva latino-americana de estudos que lança um olhar crítico ao campo da comunicação dando ênfase no “caráter humano e coletivo do processo e na dimensão inter-relacional e dialógica da produção de sentido” (Dias, 2020, p. 57) atribuindo uma perspectiva subalterna. Nos parece que não se trata somente de conceituar o que é uma comunicação decolonial, mas sim que, ao olhar para os estudos comunicacionais tendo como fundamento crítico o pensamento decolonial, essa lente de aumento transgressora, alcançamos por consequência uma experiência de comunicação que corresponde ao movimento decolonial.

Estamos conscientes de que discutir sobre uma comunicação nesses termos nos coloca diante de um paradoxo, identificado antes por Dias (2020, p. 49), que se refere ao fato de que a comunicação é um campo de estudos concebido e pensado dentro deste circuito hegemônico do conhecimento. Ao empregarmos ferramentas teóricas críticas do pensamento decolonial para pensar a comunicação desde outras perspectivas, “poderia parecer, no máximo, o ajustamento ou instrumentalização dessas outras formas de conhecer em função de um objetivo que segue vinculado à modernidade/colonialidade”.

Embora essa contradição de fato exista, nosso objetivo não é o de invalidar um conhecimento em detrimento de outro, mas sim de identificar ações que estejam avançando no sentido de promover pequenas brechas e movimentos de resistência diante da lógica colonial de produção do conhecimento, como fazem no *Ciclo de estudos Selvagem*. Para isto, lançamos

mão das ferramentas disponíveis pelo pensamento decolonial. Entendemos que a decolonialidade é esse exercício de transgressão, de movimento e de desajuste dessa lógica monocultural, epistêmica e cosmogônica do poder colonial (WALSH, 2009). É na esteira dessa pequena transgressão, ao mapearmos e identificarmos práticas que rompem com essas colonialidades, que nos propomos pensar a comunicação na perspectiva decolonial.

Acionamos até aqui a compreensão de que o pensamento decolonial é uma resposta que vem sendo elaborada por pessoas que pensam, em sua maioria desde a América Latina, modos de romper com a violência colonial. Modos que se dão a partir de categorias teóricas combativas como a desobediência epistêmica, bem como propostas pedagógicas como a interculturalidade crítica (Walsh, 2009), convocando conhecimentos silenciados e marginalizados, numa “postura insurgente diante das amarras do binômio Modernidade/Colonialidade” (Joaquim; Oliveira, 2021, p. 915). Parte-se assim, de uma postura crítica decolonial com o objetivo de construir uma reinterpretação não eurocêntrica dos processos comunicacionais, deslocando a comunicação dessa atuação passiva e unilateral para a compreensão de uma comunicação marcada por processos de “interação social democrática que se baseia na troca de símbolos pelos quais os seres humanos compartilham voluntariamente suas experiências em condições de acesso livre e igualitário, diálogo e participação” (Beltrán, 2007, p. 30).

Paulo Freire é um dos autores que se destaca por trazer elementos que, antes mesmo de se consolidar um campo de estudos sobre o pensamento decolonial, como o vemos hoje, trazia reflexões pontuais e contundentes sobre elementos que constituem o campo de estudos da decolonialidade. Em obras como *Extensão ou Comunicação?* (1969), o autor analisa a relação entre camponeses e agrônomos, no final dos anos de 1960 no Chile, em contexto de reforma agrária. Freire atuava junto ao *Instituto de Desarrollo Agropecuario* (Indap) do país, cuja função era a de orientar a organização sindical camponesa, promovendo também formações, como a que Freire acompanhou resultando na obra *Comunicação ou Extensão?*

O processo de formação estabelecido entre agrônomos e camponeses se deu, segundo Freire, de forma mecânica, esvaziada e manipuladora. Conforma o que o autor denominou como ação extensionista, em que há uma atuação de transmissão de um conteúdo descontextualizado àquela realidade, a partir da imagem messiânica do agrônomo salvador que vai, além do muro da universidade, oferecer o conhecimento “correto” e “normalizado” para ajustar os seres inferiores e ignorantes (Freire, 1983), sem nenhuma relação dialógica neste processo. A partir dessa análise, o autor destaca alguns elementos críticos dessa experiência que, hoje vemos, estão presentes no pensamento decolonial, quais sejam a “crítica a suposta neutralidade científica; invasão cultural como ação de silenciamento e reificação do ser humano oprimido;

hierarquização do saber e preconceito epistêmico; e conscientização social como estratégia de transformação (Joaquim; Oliveira, 2021, p. 915).

Como oposição à ação extensionista, marcada pela transmissão de conteúdo, ausência de diálogo, objetificação do sujeito etc., Freire sugere a comunicação em seu sentido dialógico. Para o autor, “comunicar é comunicar-se em torno do significado significante” (1983, p. 45), ação mútua de vinculação humana (Sodré, 2014), “proceso social de interrelación significante” (Torrico Villanueva, 2016, p. 95) numa construção do pensar e do agir co-intencionados, construindo uma conscientização como processo para uma prática significativa.

O sujeito pensante não pode pensar sozinho; não pode pensar sem a co-participação de outros sujeitos no ato de pensar sobre o objeto. Não há um “penso”, mas um “pensamos”. É o “pensamos” que estabelece o “penso” e não o contrário. Esta co-participação dos sujeitos no ato de pensar se dá na comunicação. O objeto, por isto mesmo, não é a incidência terminativa do pensamento de um sujeito, mas o mediatizador da comunicação (...). Desta forma, na comunicação, não há sujeitos passivos. Os sujeitos co-intencionados ao objeto de seu pensar *se comunicam* seu conteúdo. O que caracteriza a comunicação enquanto este comunicar comunicando-se, é que ela é diálogo, assim como o diálogo é comunicativo (Freire, 1983, p. 45).

Freire apresenta elementos que são centrais para o pensamento decolonial, colaborando ativamente na constituição de uma noção de comunicação decolonial marcada por um “sentir/pensar” (Fals-Borda, 2008). Isto ocorre quando o autor considera a comunicação como essa experiência radicalmente dialógica, de natureza horizontalizada e co-participativa. Decoloniza a comunicação pensada dessa forma, como uma construção coletiva do pensamento e da ação, em que se realizam processos de intercâmbio social “suleados” pelo reconhecimento e legitimidade de diversos saberes e uma ativa apropriação do diferente.

Em nossa última subseção que compõe este capítulo, apresentada logo a seguir, compartilhamos exemplos de projetos e ações que atuam na consolidação de uma experiência comunicacional marcada pelo trabalho e pesquisa com as informações indígenas, com o pensamento decolonial e com o compromisso de expandir as culturas e memórias tradicionais apagadas pela mídia hegemônica. São iniciativas que, desde a década de 1970, estão apresentando alternativas possíveis para uma comunicação que rompe com a lógica hegemônica de produção de informação, incluindo por meio de processos dialógicos e horizontais, dimensões culturais, sociais, políticas, artísticas etc., dos diferentes povos que constituem o nosso país.

3.3 Iniciativas etnocomunicativas

O conceito de etnocomunicação abrange as diferentes formas de comunicação realizadas e presentes em contextos étnicos. A etnocomunicação indígena é uma dessas dimensões da etnocomunicação que contribuem para uma prática comunicacional decolonial. Torna-se uma flecha combativa lançada contra a estrutura hegemônica que dita as regras do pensamento teórico e prático do campo comunicacional. Trata-se de uma “estratégia e tática política de reivindicar e de ocupar esse espaço desde uma dimensão de comunicação que faça sentido para os povos indígenas das mais diversas etnias” (informação verbal)²⁶. Isto significa dizer que, no contexto destas experiências etnocomunicativas, diferentes formas de realizar a comunicação emergem das cosmovisões e das dimensões do sentir/pensar (Fals Borda, 2010) que guiam modos de viver dos mais diferentes grupos, colaborando para que o fazer comunicacional atravesse as fronteiras do colonial.

O sentir/pensar é uma transgressão epistêmica elaborada por Orlando Fals Borda, que entende que “a intuição e o coração podem ser tanto ou mais definitivos para a tarefa científica e educacional do que a razão e o cérebro” (Fals Borda, 2010, p. 365). O sentir, o pensar e o agir estão articulados e fundamentam a vida em comunidade, representando, segundo Borda (2010), os princípios da sabedoria ancestral.

A partir disto, entendemos que sujeitos etnocomunicacionais trazem para sua prática as vivências e sabedorias de sua ancestralidade, diversificando esse espaço de comunicação monocultural porque oferece, nos conteúdos que produz, “saberes comunicativos que compõe ensinamentos e cosmovisões – filosofias originárias – que fundamentam todo um viver, uma identidade formada na partilha e na escuta, que nos afasta das rotinas mecânicas de uma sociedade inundada das necessidades materiais do capitalismo” (Nascimento, 2020, p. 66). Em entrevistas concedidas a Nascimento, (2020) para sua pesquisa “Etnocomunicação indígena como prática de liberdade decolonialista e ancestral na formação comunicativa da Webrádio Yandê”, sujeitos indígenas produtores de conteúdo da Rádio Yandê compartilharam com a pesquisadora suas visões acerca do sentido de etnomídia, uma das dimensões da etnocomunicação.

Segundo Valdevino Cardoso, “a etnomídia nada mais é que um instrumento que viabiliza o protagonismo indígena, desconstrói estereótipos e preconceito ocasionado pela falta de informação em veículos de comunicação indígenas” (Nascimento, 2020, p. 140). Para Renata

²⁶ Fala da professora Leila Lima de Sousa em banca de qualificação da pesquisa “O Ciclo de estudos Selvagem e a comunicação decolonial”, do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Goiás, em 05 de julho de 2023.

Tupinambá, etnomídia “é comunicar com sua identidade étnica, filosofia e cosmovisão. No caso da etnomídia indígena, ela se adequa como ferramenta de acordo com o povo que dela se apropria” (Nascimento, 2020, p. 72) e é ainda uma “nova forma de pensar a comunicação para comunidades”, segundo Pablo Perez (Nascimento, 2020, p. 143). Para Idjahure Kadiwel,

etnomídia são os meios de comunicação modernos e tradicionais a favor da expressão indígena, de sua perspectiva cultural e política. É a apropriação das tecnologias ocidentais ou modernas por índios, sem a admissão de que isto desvincule os sujeitos de suas próprias histórias, mas ao contrário, valorizando e transformando o próprio conceito de comunicação (Nascimento, 2020, p. 137).

A partir destas entrevistas concedidas na pesquisa acima citada, percebemos que estas pessoas indígenas, comunicadoras do pensamento e da cultura de diferentes povos indígenas, estão construindo a noção de etnocomunicação tendo como referência a informação indígena, os seus valores e os seus costumes, aquilo que praticam em seu cotidiano e em sua comunidade, fundamentados num sentido de mobilização e militância em nome da história dos povos indígenas. Por isso essas iniciativas se tornam experiências únicas de comunicação, porque estão atravessadas por muitas singularidades e porque atuam de forma coletiva, expressando outras formas de comunicação. Assim, segundo Tupinambá (Nascimento, 2020, p. 136), “comunicar é também sonhar, é cantar, é educar, todos processos passam pela comunicação”.

Entendemos que as iniciativas etnocomunicacionais marcam um caminho de confronto em relação à colonialidade dos saberes e fazeres comunicacionais, representando uma das frentes de luta e movimento de resistência de diferentes povos que se apropriam desta experiência tanto para a construção de um diálogo entre si e sociedade, quanto para a reivindicação de seus direitos. A resistência dos povos indígenas é ancestral, pois há mais de 500 anos muitas formas de luta e estratégias de sobrevivência foram desenvolvidas. A comunicação, em nosso tempo presente, é uma dessas flechas de guerra que permite aos povos indígenas contar suas histórias em primeira pessoa, empregando para isso suas oralidades, seus cantos, suas memórias, suas rezas, decolonizando a comunicação tecnocrata e mercadológica com ações que transpõem o sentido teórico em iniciativas perpassadas por suas vivências.

Para Renata Tupinambá, jornalista e coordenadora da Rádio Yandê, iniciativas etnocomunicacionais enfatizam uma comunicação que compartilha e expressa o conhecimento e a cultura nativa. Segundo a jornalista, “o objetivo de descolonizar os meios não é apenas na forma de usar essas ferramentas ou produzir notícias de temática indígena, mas também mudar pensamentos reproduzidos por anos nelas” (Tupinambá, 2016). Trata-se da ocupação de um

espaço de produção de sentido cuja visibilidade é fundamental para destacar o conhecimento indígena e outras formas de conhecimento marginalizadas e excluídas.

A etnocomunicação, então, diz respeito a esse movimento criativo e cultural de resistência de diferentes povos nativos, que usam dimensões da experiência da comunicação para expressar seus conteúdos, se apropriando de forma estratégica das linguagens comunicacionais para traduzir práticas da oralidade como os cantos e as rezas, por exemplo. Essa reapropriação nos aponta caminhos para repensar modos tradicionais do fazer comunicacional, já que pressupõe a ativação de experiências culturais específicas e outros tipos de informação, como a indígena. Trata-se de um movimento que vem sendo construído desde meados da década de 1970 e que ganha força e se multiplica com o uso das recentes tecnologias da informação e da comunicação.

Os exemplos de iniciativas etnocomunicacionais apresentados a seguir representam um recorte dessa realidade maior de luta e resistência na construção de uma comunicação decolonial que vem sendo levada a cabo desde as décadas de 1970 e 1980. O movimento indígena se apropria da comunicação como um aliado da luta e daí surgem projetos importantes como os jornais “Luta indígena” (1976) e “Jornal Indígena” (1984) e ainda o programa de rádio “Programa de índio” (1985). Antecedem as práticas comunicacionais recentes que empregam tecnologias diferentes daquelas permitidas pelo sistema de rádio ou pela publicação de jornais. A Hemeroteca indígena²⁷ reúne um acervo inédito com registros de jornais, boletins, informes e outros documentos produzidos por comunicadores (as) indígenas de diferentes épocas.

As redes sociais, os programas de áudio (podcast), as rádios da web, os dispositivos e mecanismos de registro e edição de imagem, vídeo e som etc., tudo isto é incorporado neste novo cenário que vem se abrindo para uma comunicação decolonial que tem como protagonistas artistas, escritoras (es), filósofas (os), cineastas, antropólogas (os), fotógrafas (as), poetas e comunicadoras (es) indígenas: Adrieli Guarani, Benicio Pitaguary, Cauã Wirapayé, Daniel Munduruku, Txai Suruí, Katú Mirim, Daiara Tukano, Kena Marubo, Tukumã Pataxó e outras (os).

Os exemplos apresentados a seguir nos dão uma ideia de como a atuação de determinados grupos – e aqui convergimos nossos exemplos em torno de sujeitos indígenas – se apropriam das ferramentas do campo comunicacional elaborando espaços de poder por meio da articulação de informação e conhecimento sobre suas diferentes realidades. Estas práticas midiáticas são fundamentais, conforme afirma Milton Santos, para a constituição e organização de poder na

²⁷ Disponível em:

<https://www.docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=HemeroIndio&pesq=LUTA+INDÍGENA&pesquisa=Pesquisar&pagfis=0>

contemporaneidade, transformando territórios a partir de uma dupla atuação entre sujeitos e meios de comunicação (SANTOS, 2006).

Nossa intenção é apresentar uma ideia geral da atuação de alguns grupos, que não representam, obviamente, tudo que tem sido produzido neste sentido, no Brasil e na América Latina, mas revelam o engajamento e a articulação política mobilizada por essas ações comunicativas.

3.3.1 Programa de Índio

Uma tentativa estratégica de comunicação, anterior à criação do *Programa de Índio*, foi realizada a partir da publicação do *Jornal Indígena*, em 1984, cujo editorial apresentava relatos e informações sobre as mobilizações políticas lideradas pela militância de diferentes povos originários em defesa dos seus direitos básicos junto ao poder público. A edição do jornal foi assinada por Ailton Krenak, com redações de Álvaro Tukano, Biraci Brasil e José Apollônio Xocó. O jornal desta edição (ano I, nº 2, 1984²⁸) trazia relatos e informações sobre: a participação de lideranças na Reunião da Organização das Nações Unidas (ONU) em Genebra/Suíça; a mobilização da Assembleia Indígena no Acre; a realização da Reunião da Ação Guarani Indígena; o I Congresso Indígena Mineiro; a VI Assembleia Geral dos Povos Indígenas pelo Conselho Mundial dos Povos Indígenas; notícias gerais, cartas, além de uma seção intitulada *Denúncias*, destinada à divulgação de uma série de violências, perseguições e assassinatos contra os povos indígenas.

Notamos, com a descrição deste editorial, o quanto a militância indígena originária de diferentes povos, aguerrida e resistente, ao longo de décadas vem construindo o movimento político da luta por meio da realização e da participação em eventos internacionais, nacionais e regionais. Também buscaram formas de tornar todas essas notícias e informações públicas, desenvolvendo estratégias comunicativas para a divulgação e o diálogo interno entre os povos, além da tentativa de pautar e inserir o tema do movimento indígena na agenda midiática nacional.

Embora a publicação do *Jornal Indígena* (1984) tenha inaugurado uma experiência em comunicação importante, por ser uma produção notadamente indígena voltada para a repercussão das informações sobre o movimento, a sua continuidade não foi possível em virtude dos custos que envolviam edição, impressão e distribuição dos exemplares, além das limitações

²⁸ Disponível em: <http://www.cpvsp.org.br/upload/periodicos/pdf/PJINDSP091984002.pdf>

da linguagem escrita entre povos de cultura oral e de muitas línguas (Pappini, 2021). A partir disso,

o rádio, já usado como forma de comunicação entre pessoas e aldeias na Amazônia, surge como resposta às necessidades do movimento indígena nesse momento. A escolha se deve às características básicas do veículo, que de forma empírica os indígenas já sabiam identificar: o baixo custo e facilidade na produção, a abrangência de um grande público, a linguagem oral e a possibilidade de usar outros idiomas na comunicação, de gravar os programas em fitas cassete e distribuí-los às aldeias, ampliando o tempo de vida do programa, e de recorrer a outras linguagens na comunicação, como as histórias, as narrativas tradicionais, a música, os sons naturais das aldeias (Pappini, 2021, p. 378)

Os desafios de manutenção de produção, impressão e distribuição do *Jornal Indígena* inviabilizou a sua continuidade e fez com que a apropriação do rádio como estratégia de comunicação fosse mais eficiente e acessível, permitindo a produção de conteúdo por meio da linguagem sonora. O uso deste recurso trouxe, por sua vez, a oportunidade de percorrer a cultura oral dos povos indígenas podendo acessar suas narrativas orais, músicas, além das outras informações narradas por muitas lideranças.

*Programa de Índio*²⁹ foi o nome dado ao programa de rádio produzido pelo Núcleo de Cultura Indígena³⁰, veiculado pela rádio da Universidade de São Paulo (USP) e apresentado por Ailton Krenak (Minas Gerais), Álvaro Tukano (Amazonas) e Biraci Yawanawá (Acre), entre os anos de 1985 até 1990. A transmissão do programa também foi concedida a emissoras educativas e comerciais de outros estados que atuaram na sua divulgação, tais como a Rádio Efei (MG), a Rádio Universidade de Santa Maria (RS) e a Rádio Caiuás (MS), entre outras (PAPPINI, 2021).

A concepção do programa priorizou uma comunicação informal, como uma “conversa ao pé do fogo”, compartilhando notícias, informações, comunicados e uma extensa programação cultural abrangendo músicas, ritos e narrativas. O programa inaugurou, por meio desta iniciativa, a abertura de espaços para o protagonismo indígena na comunicação, em que a produção de conteúdo sobre o pensamento e a cultura dos diferentes povos era realizada pelos próprios indígenas. Segundo Pappini (2021, p. 377), esta foi a primeira experiência de uma produção de um programa de rádio realizado exclusivamente por integrantes de nações

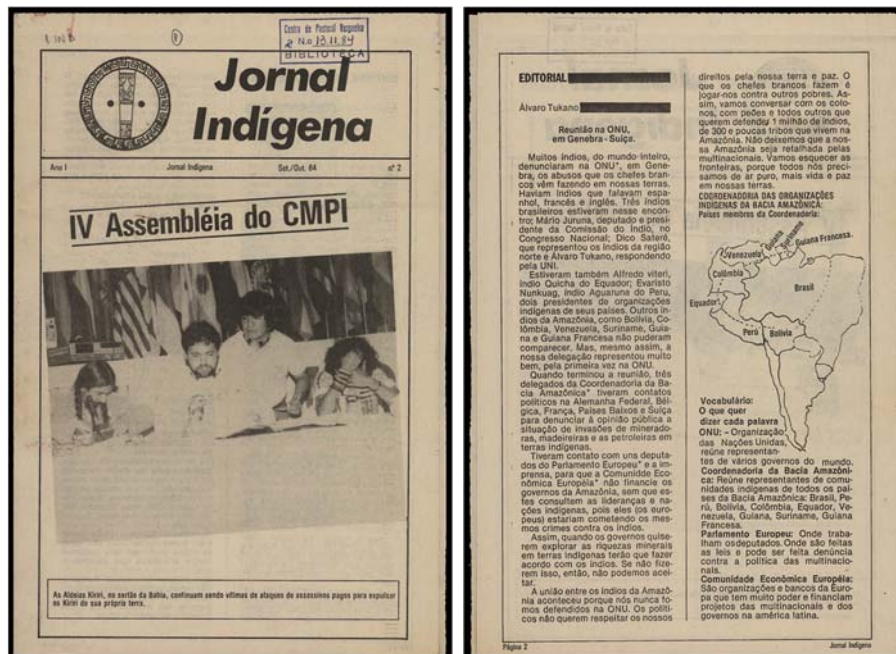
²⁹ No ano de 2009 foi criado o site do Programa de Índio, disponibilizando um acervo de cerca de 200 programas realizados entre os anos de 1985 e 1991. Disponível em: <http://ikore.com.br/programa-de-indio/>

³⁰ O Núcleo de Cultura Indígena é uma organização não governamental, criada no ano de 1985, que teve como objetivo a promoção de novas formas de organização e mobilização para o enfrentamento e superação dos conflitos existentes, para a afirmação e valorização do pensamento e da cultura dos povos indígenas e para a luta pela garantia dos seus direitos básicos.

indígenas do Brasil – uma iniciativa do Núcleo de Cultura Indígena, braço oficial da União das Nações Indígenas (UNI).

Os episódios do programa ofereciam aos/às ouvintes informações sobre os diferentes territórios indígenas, suas culturas, modos de organização coletiva, festividades, notícias sobre o governo, sobre as crises e conflitos políticos e sobre a sociedade brasileira. Abria-se o espaço para o protagonismo das pessoas indígenas, lideranças, homens e mulheres das aldeias, pajés, jovens estudantes, professores, e eventualmente recebia os aliados, políticos, pensadores, estudiosos que contribuía com o movimento (Pappini, 2021). O *Programa de Índio*, tornou-se, portanto, uma ferramenta política que aproximava as diferentes nações indígenas a partir da comunicação, com foco na divulgação de informações importantes, além de oferecer à população não indígena um conteúdo exclusivo em relação à grande mídia e aos veículos de informação daquele período. As imagens das figuras 16 e 17, a seguir, mostram os registros dos dois programas de grande importância na história da consolidação de uma comunicação decolonial: o Jornal Indígena e o Programa de índio.

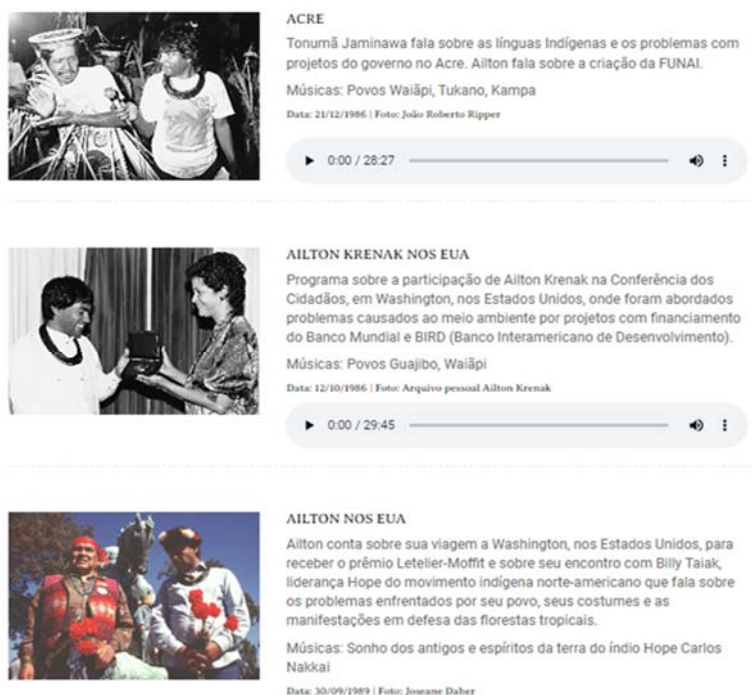
Figura 16 - Segunda edição do Jornal Indígena publicado em 1984



Fonte: disponível em

<http://www.cpvsp.org.br/upload/periodicos/pdf/PJINDSP091984002.pdf> (2023)

Figura 17 - Registro da página Inicial da *web site* do Programa de Índio



ACRE
Tonumã Jaminawa fala sobre as línguas indígenas e os problemas com projetos do governo no Acre. Ailton fala sobre a criação da FUNAI.
Músicas: Povos Waiãpi, Tukano, Kampa
Data: 21/12/1986 | Foto: João Roberto Ripper

AILTON KRENAK NOS EUA
Programa sobre a participação de Ailton Krenak na Conferência dos Cidadãos, em Washington, nos Estados Unidos, onde foram abordados problemas causados ao meio ambiente por projetos com financiamento do Banco Mundial e BIRD (Banco Interamericano de Desenvolvimento).
Músicas: Povos Guajibo, Waiãpi
Data: 12/10/1986 | Foto: Arquivo pessoal Ailton Krenak

AILTON NOS EUA
Ailton conta sobre sua viagem a Washington, nos Estados Unidos, para receber o prêmio Letelier-Moffitt e sobre seu encontro com Billy Taiak, liderança Hope do movimento indígena norte-americano que fala sobre os problemas enfrentados por seu povo, seus costumes e as manifestações em defesa das florestas tropicais.
Músicas: Sonho dos antigos e espíritos da terra do índio Hope Carlos Nakkai
Data: 30/09/1989 | Foto: Joziane Daher

Fonte: <http://ikore.com.br/programa-de-indio/>, (2023).

3.3.2 Rádio Yandê

Yandê quer dizer nós em tupi. Trata-se da primeira webrádio indígena brasileira, fundada em novembro de 2013, sob a coordenação conjunta de Anapuáká Tupinambá, Renata Machado Tupinambá e Denilson Baniwa. Anapuaka Muniz Tupinambá Hãhãhãe, da etnia Tupinambá, é comunicador e responsável por vários projetos de comunicação indígena, tendo experiência com mídias analógicas e digitais. É coordenador e idealizador da Web Brasil Indígena, idealizador da Rede de Cultura Digital Indígena, articulador de Políticas Públicas para População Indígena, co-fundador do Movimento Agora e idealizador da Casa Yandê, um centro cultural indígena itinerante. Renata Machado é jornalista, produtora, poeta, consultora, curadora, roteirista e artista visual, da etnia Tupinambá, atuante na difusão das culturas indígenas a partir de projetos de etnocomunicação. Atua no projeto Levanta Zabelê, é co-fundadora da Rádio Yandê, fundadora da produtora indígena Originárias Produções e criadora do Podcast Originárias, além de colaboradora da transmídia Visibilidade Indígena. Denilson Baniwa, pertencente ao povo Baniwa, é artista, curador, design, ilustrador, comunicador e ativista dos direitos indígenas. A partir da criação artística e de sua atuação como comunicador, Denilson coloca em pauta as questões que envolvem os direitos dos povos indígenas, suas

diferentes identidades culturais, abrindo caminho para o debate decolonial por meio do uso de tecnologia digital, mídias digitais, performance, desenhos e projeções visuais

Atualmente a rádio conta com a participação de Daiara Tukano, artista, ativista, educadora e comunicadora que atua como correspondente em Brasília. Além desta coordenação, a rádio recebe o apoio de uma rede composta por indígenas de diferentes etnias, o que possibilita uma abrangência temática, cultural e informacional na produção dos conteúdos oferecidos pela rádio, produzidos inteiramente de e para indígenas. A figura 18 mostra a logomarca da Rádio Yandê, assimilando e reunindo simbologias que remetem à ideia de navegação e conectividade.

Figura 18 - logomarca da Rádio Yandê



Fonte: <https://agenciajovem.org/yande-e-a-primeira-web-radio-indigena-do-brasil/>, (2023).

Inspirados pelo Programa de Índio realizado por Ailton Krenak entre nos anos de 1985 e 1991, além de outras inspirações do campo da comunicação indígena na América Latina³¹, a rádio Yandê propõe uma comunicação marcada pela noção da etnomídia indígena, construindo uma “comunicação mais humana, social, comunitária, inclusiva e democratizante, na promoção do diálogo e da escuta de seres, espíritos, valores, saberes, narrativas de culturas ancestrais”. Trata-se de um “veículo multimidiático de resistência que luta contra os processos hegemônicos de exclusão social” (Carneiro, 2019, p. 91), representando um caminho alternativo aos modos de dominação reproduzidos por mecanismos coloniais de poder que marginalizam e reduzem o conhecimento e a cultura divergentes de seu roteiro eurocentrado.

³¹ Em *Sujeitos comunicacionais indígenas e processos etnocomunicacionais: a etnomídia cidadã da Rádio Yandê* (2019), de Raquel Gomes Carneiro, podemos encontrar um mapeamento das principais iniciativas de comunicação indígena na América Latina, nas páginas 140 – 144. Disponível em: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/8195>

A Rádio Yandê promove uma programação cultural baseada no compartilhamento de conteúdos que valorizam a formação oral de seus povos, reivindicando o respeito a diversidade, se constituindo e se reconhecendo, deste modo, como um veículo de comunicação decolonial que valoriza e promove seus modos de ser e existir. Segundo a coordenação da Rádio Yandê, em relato compartilhado na página oficial da Rádio na internet, o objetivo deste veículo de comunicação é o de difundir

a cultura indígena através da ótica tradicional, mas agregando a velocidade e o alcance da tecnologia e da internet. Nossa necessidade de incentivar novos “correspondentes indígenas” no Brasil, faz com que possamos construir uma comunicação colaborativa muito mais forte, isso comparada às mídias tradicionais de Rádio e TV (...) Estamos certos, de que uma convergência de mídias é possível, mesmo nas mais remotas aldeias e comunidades indígenas, e que isso é uma importante forma de valorização e manutenção cultural (Machado Tupinambá, [s.d]).

Notamos que a Rádio prioriza a produção de conteúdo na perspectiva da coletividade, investindo na construção de uma rede de comunicadores indígenas cuja proposta é a de educar e formar para a diversidade. A Web Rádio Yandê atua também nas redes sociais e em plataformas como o *Youtube*, *Spotify*, *Instagram* e *Soundcloud*, com isso possui uma audiência internacional, sendo acompanhada em mais de 80 países, ampliando sua rede de ouvintes e alcançando também o público não indígena. Nas ondas virtuais da rádio, quem ouve acessa um rico repertório que apresenta o trabalho musical dos mais variados estilos, de artistas de diferentes etnias, além de notícias do movimento indígena nacional e internacional, textos, denúncias, divulgação de projetos, exposições, eventos e outras ações, todas relacionadas ao efervescente cenário cultural, político e social de aproximadamente 350 etnias indígenas (IBGE, 2022) que constituem o Brasil e suas mais de 170 línguas faladas. Isto nos dá dimensão da grandiosidade cultural e subjetiva que forma a população indígena brasileira.

Além de estabelecer uma comunicação entre as nações indígenas, a rádio proporciona informação e educação para não indígenas quando apresenta as diferentes realidades desses povos, desconstruindo estereótipos e preconceitos reproduzidos pelos mecanismos de poder colonial – colonialidades do ser, do saber e do poder – veiculadas por uma mídia corporativa centrada numa lógica de produção de conteúdo hegemônico do norte global. Os conteúdos produzidos pela Rádio Yandê podem ser encontrados em sua página na internet (<https://radioyande.com>) e na nas seguintes mídias sociais e plataformas de *streaming*:

Instagram (@radioyande), *YouTube* (canal Rádio Yandê), *Spotify* (Rádio Yandê Podcasts), *Soundcloud* (Rádio Yandê).

3.3.3 Mídia Indígena

A Mídia Indígena é um veículo de comunicação que surgiu no ano de 2017, fundada por três jovens: Erisvan Guajajara, Edvan Guajajara e Flay Guajajara. Atualmente a equipe que coordena a Mídia Indígena é composta por doze jovens oriundos de diversas etnias (Guajajara, Terena, Tapajoara, Kaingang, Pataxó, Paiter Suruí, Uru Eu Au Au) com formações e atuações nas áreas de fotografia, cinema, mídias e design. O grupo trabalha com o planejamento de projetos e campanhas, produzindo conteúdo para as suas redes e recebendo, assim como os demais exemplos anteriormente citados, o apoio de uma rede de comunicadores indígenas de diferentes povos, contando até o momento cerca de 100 colaboradores. Segundo Erisvan Guajajara (Ocorre Diário, 2020), em entrevista³² concedida à plataforma de comunicação popular *Ocorre diário*, a dinâmica de produção de conteúdo da Mídia Indígena é organizada a partir de reuniões semanais para que coordenadores e colaboradores possam compartilhar informações sobre os diferentes povos e suas principais pautas, além de estabelecer importantes articulações políticas e colaborativas com organizações como a Articulação dos Povos Indígenas (APIB) e a Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (COIAB).

Os primeiros trabalhos realizados pela Mídia Indígena foram o de registro das festividades tradicionais de alguns povos, com o objetivo de apresentar à população não indígena a história que a mídia corporativa, em sua maioria, não conhece, pela qual não se interessa e que não compartilha em suas pautas. O projeto ganhou força e reconhecimento nacional também por fundamentar a produção do seu conteúdo a partir de diálogos estabelecidos diretamente com seus correspondentes, nos diferentes territórios indígenas do país, consolidando uma estratégia de verificação das notícias por meio do contato estabelecido com as bases colaborativas envolvidas. Assim, a comunicação torna-se uma estratégia política que proporciona o empoderamento da juventude indígena, entendendo este espaço como uma oportunidade para o reconhecimento, valorização e multiplicação dos saberes e conhecimentos dos povos originários.

³² Entrevista de Erisvan Guajajara disponível em: <https://ocorrediarario.com/demarcando-as-telas-e-ocupando-as-redes-erisvan-guajajara-participa-de-circulo-de-saberes-e-conta-sobre-midia-india/>

O reconhecimento do trabalho realizado vem também por meio de prêmios como o que foi concedido pela Fundação Casa América Catalunya, na Espanha. O XIX Prêmio Joan Alsina de Direitos Humanos³³ destacou a valiosa contribuição da Mídia Indígena no que se refere à divulgação e ao conhecimento da realidade dos povos indígenas da Amazônia brasileira, especialmente em um momento em que sua sobrevivência foi e é gravemente ameaçada pela pandemia de Covid-19, por intensificadas mudanças climáticas e contínuas agressões ambientais em um cenário de recentes retrocessos nas ações e políticas de proteção e garantia dos direitos dos povos indígenas (Casa Amèrica Catalunya, 2020). Na figura 19, a seguir, compartilhamos a logomarca da Mídia Indígena, representada por um olhar atento que busca dar voz aos povos.

Figura 19 - Logomarca da Mídia Indígena.



Fonte: <https://www.midiaindigena.org> (2023).

Apropriando-se das diferentes linguagens tecnológicas e artísticas, como a fotografia e o cinema, estes (as) jovens comunicadores (as) também atuam na denúncia de exploração do meio ambiente, especialmente em relação à extração ilegal de madeira em territórios indígenas. Comunicam as diferentes realidades e consolidam coletivamente este espaço de expressão, denúncia e informação para indígenas e não indígenas. Segundo Erisvan,

usar a comunicação como ferramenta de luta é mostrar para o mundo as nossas riquezas e a nossa resistência. Precisamos mostrar que os nossos indígenas estão sendo afetados. Estamos conseguindo denunciar esses ataques que são feitos contra a gente. Vamos lançar um app (...) que é o Alerta Amazônia que tem o objetivo de denunciar os ataques os povos indígenas. Nesse aplicativo mesmo sem você ter internet a pessoa que estiver estará salvo (Santos, 2020).

³³ Para saber mais sobre esta premiação, acesse: <https://www.americat.barcelona/es/midia-india-xix-premio-joan-alsina-de-derechos-humanos->

Este é um trabalho, como podemos perceber pelas falas de um dos fundadores do projeto, que abre caminhos para a conquista de direitos e de espaços na produção de informação e conhecimento, feitos por comunicadores (as) indígenas, para toda a população brasileira. Trata-se de uma oportunidade qualificada para acessarmos conteúdos que informam sobre as pautas indígenas e temas transversais à causa. Os conteúdos produzidos pela Mídia Indígena podem ser encontrados em sua página na internet (<https://www.midiaindigena.org>) e nas seguintes mídias sociais: *Instagram* (@midiaindigenaoficial), *Twitter* (@MidiaIndigena) e *YouTube* (canal TV Mídia Indígena).

3.3.4 Mídia Guajajara

A Mídia Guajajara foi criada por um grupo de jovens indígenas do território Rio Pindaré (Maranhão), da etnia Guajajara, no primeiro ano da pandemia de Covid-19, com o objetivo de informar a sua comunidade a respeito da gravidade sanitária que representava a pandemia. Havia também o interesse em, além de repercutir informações pontuais em relação aos cuidados necessários para evitar a contaminação do vírus, combater as falsas notícias (*fake news*) que circulavam entre a população Guajajara e que causavam muita desinformação, agravando, por exemplo, situações de contágio entre as pessoas.

Atualmente a Mídia Guajajara conta com uma equipe de profissionais indígenas que atuam em diferentes áreas: Cristiano Guajajara Júnior (comunicador, cineasta, artista visual, fotógrafo e engenheiro da computação), Djelma Guajajara (comunicadora e estudante do curso de Administração na Universidade Estadual do Maranhão), Rairiza Guajajara (estudante de Licenciatura Intercultural na Universidade Estadual do Maranhão), Genilson Guajajara (fotógrafo), Leila Guajajara e Vitor Guajajara. A partir deste encontro de interesses, e reunidos (as) pelo desejo de contar as suas histórias através da linguagem audiovisual e textual, estes e estas jovens promovem a produção de conteúdos sobre o movimento indígena brasileiro, as diferentes manifestações culturais, as mobilizações políticas que envolvem a pauta indígena, bem como a divulgação de eventos e de formações ligadas à defesa dos direitos indígenas. Com isto, nos oferecem conteúdo de qualidade, tornando visíveis a luta e a realidade dos povos indígenas e contribuindo para a desmistificação de estereótipos e preconceitos sistematicamente reproduzidos pela mídia corporativa.

Para conhecer os conteúdos produzidos pela Mídia Guajajara, basta acessar o seu perfil oficial no endereço @midiaguajajara disponível na mídia social *Instagram*. A figura 20, apresentada a seguir, mostra o protagonismo de duas pessoas indígenas munidas de câmeras fotográficas, registrando algum acontecimento. Revela a presença da voz, do olhar, do corpo e

da história das pessoas indígenas na produção do conhecimento e da informação, sendo narradas em primeira pessoa e apresentadas a partir de suas perspectivas.

Figura 20 - Logomarca da Mídia Indígena.



Fonte: plataforma Instagram @midiaindigena (2023)

Apresentamos nesta seção, um recorte com informações básicas a respeito de algumas iniciativas de produções no campo da comunicação que atuam de forma alternativa em relação à mídia corporativa. Notamos, nesses exemplos, que o princípio de produção de informação e conhecimento segue um modelo de construção coletiva entre comunicadores (as) e colaboradores (as) indígenas. Todas essas iniciativas buscam criar espaços de conexão e diálogo entre a própria população indígena, distribuída em mais de 300 etnias, e diminuir a desinformação e os preconceitos em torno da vida política, cultural e social dessas comunidades em relação à população não indígena. Para esta tarefa, são utilizados linguagens e recursos do campo da comunicação, da arte, do cinema, da literatura e da cultura e pensamento indígenas.

São dignas de nota outras iniciativas, como os Índios Online³⁴, o Centro de Referência Virtual Indígena³⁵, a Hemeroteca Indígena³⁶ e o Ikorê³⁷, que juntas com as iniciativas citadas anteriormente, além de outras ações que não foram apresentadas aqui, criam um movimento midiático que abre espaços de representação priorizando outras formas de conhecimento, de informação e de expressão da vida. Na perspectiva de Santos (2006), essas representações comunicacionais elaboradas por meio da mídia são fundamentais na fundação das territorialidades, ou seja, da percepção das dimensões física e simbólica que os indivíduos possuem dos territórios que habitam.

³⁴ <http://www.indiosonline.net>

³⁵ <https://armazemmemoria.com.br/centros-indigena/>

³⁶ <http://www.docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=HemeroIndio&pagfis=55520>

³⁷ <http://ikore.com.br/>

Neste sentido, apresentamos o último capítulo que chamamos de *Mapa de Navegação*, trazendo reflexões sobre as *Escolas vivas* e as ações do *Selvagem* como exemplo de ressignificação do exercício comunicacional. Notamos que a ação *Selvagem* incorpora experiências comunicativas anteriores, atualizando sua performance de acordo com as ferramentas tecnológicas disponíveis, mantendo presente as experiências da oralidade, do pensar junto, da conversa ao pé do fogão.

4 MAPA DE NAVEGAÇÃO

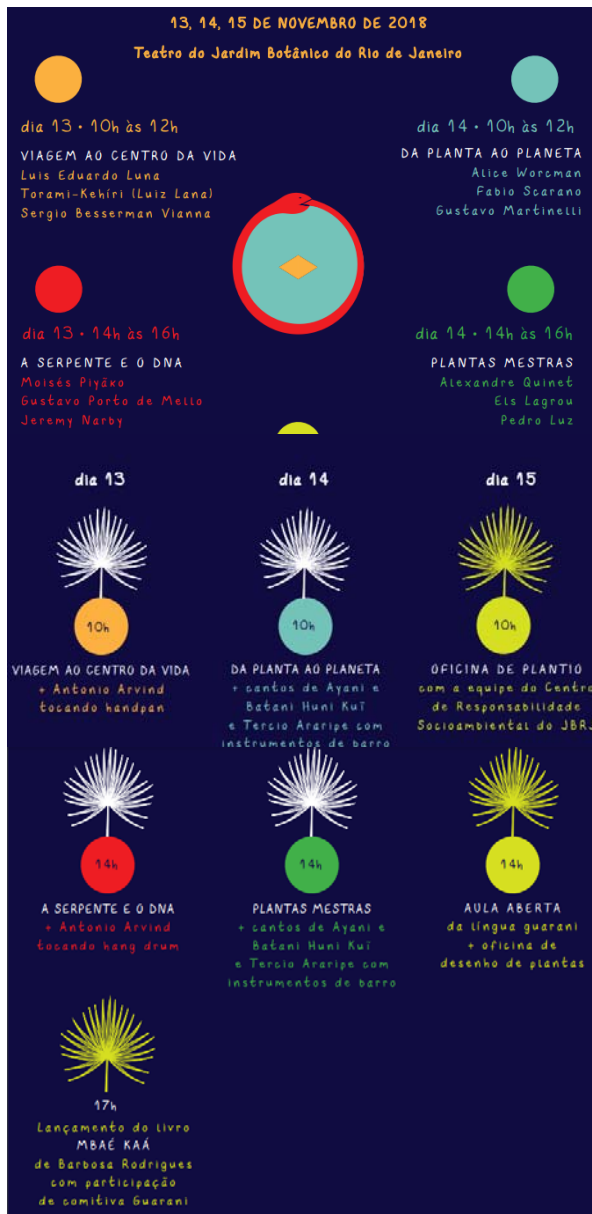
Em nosso *Mapa de Navegação*, último capítulo deste texto, nos dedicamos a navegar pelas *Escolas Vivas* tendo em consideração as reflexões sobre o pensamento decolonial. Além disso, apresentamos uma seleção de objetos aos quais nos dedicamos a descrever, mapeando e sistematizando alguns dados, tendo como critério o levantamento de informações como o eixo temático, as autorias, a origem do caderno (família) e os conhecimentos articulados. Recuperamos o recorte do modelo de práticas informacionais proposto por Harlan (2012) para identificar, na conversa realizada com Verônica Pinheiro (coordenadora da comunidade e do grupo criança no *Selvagem*), relações com o exercício de informação proposto por Harlan. Costuramos estas experiências investigativas transitando entre os conceitos, o trabalho de observação, a descrição dos materiais, a reflexão sobre modelo de práticas informacionais e uma conversa informal.

O *Mapa de Navegação*, no *Ciclo de estudos Selvagem*, é um menu que reúne a memória do projeto desde o ano de 2018, em que as primeiras ações foram realizadas. À pessoa navegante que acessa este mapa, estão disponíveis listas de vídeos dos encontros presenciais, grupos de estudos, fotografias, conversas, relatórios, os programas com as ações realizadas e as “cartas de navegação” que situam o (a) navegante dos caminhos percorridos pelo *Selvagem* naquele determinado ano. Cada pessoa navega escolhendo o próprio percurso sem a exigência de uma sequência obrigatória para compreender a dinâmica do ciclo. Assim como a fluidez das águas e o seu navegar livre, o *Ciclo de estudos Selvagem* também se comporta expandindo-se, sendo um objeto vivo que diariamente se desdobra em novas criações. Isto quer dizer que apresentamos aqui dimensões de um todo em movimento permanente.

Adentrar neste espaço que pensa a existência de forma sensível, aciona na pessoa que navega um cruzamento de sensações, numa experiência sinestésica entre sons, imagens, cheiros e memórias. Percorremos as ações e acessamos os objetos do ciclo como quem trança os fios de um tapete, sobrepondo camadas de informações e memórias num circuito de conexão entre um objeto e outro, em círculos que se complementam. Isto quer dizer que um objeto é sempre o resultado de uma ação dentro do ciclo, que leva a discussões e reflexões, resultando, novamente, em novos outros objetos. Um exemplo disto são os ciclos de leitura que, em geral, se tornam cadernos. Outros ciclos e cadernos fundamentam a produção das flechas (vídeos). A produção das flechas, por sua vez, compreende a dinâmica de compostagem de imagens e a articulação com esse processo de pesquisa, de leitura e de estudos coletivos, resultando também em roteiros que se tornam novos cadernos.

Na figura 21, a seguir, compartilhamos a divulgação do primeiro evento do *Ciclo de estudos Selvagem*, o qual já descrevemos com algum detalhe na seção em que apresentamos o *Selvagem*. Chamamos a atenção para a diversidade de formações das pessoas que compõem as rodas de conversas e as demais ações dessa programação realizada em 2018.

Figura 21 - Divulgação da programação do primeiro *Ciclo de estudos Selvagem* realizado em 2018



Fonte: imagem retirada do material de divulgação do primeiro Ciclo de Estudos Selvagem, disponível na página *Selvagem*

Formam a roda de debate artistas, professores (as), economista, antropólogos (as), filósofos, anciões indígenas, astrofísico, xamãs, engenheiro, botânicos, artesãs, lideranças indígenas. Em torno dos temas “Viagem ao centro da vida”, “Da planta ao planeta”, “A serpente e o DNA” e “Plantas mestras”, essas pessoas constroem uma conversa marcada por suas diferentes perspectivas de conhecimento, das narrativas indígenas às narrativas científicas, criando uma rede de estudos, pensamentos e diálogos sobre a vida.

Segundo Verônica Pinheiro, coordenadora da comunidade e do grupo criança *Selvagem*, em uma conversa para esta pesquisa no dia 16 de julho de 2023, “o *Selvagem* pensa que não há hierarquia entre pensamentos (...) não existe uma única forma de ser e estar no mundo”. Esta forma de pensar o conhecimento se reflete na forma como o *Selvagem* organiza os seus ciclos de estudos.

Não há uma apresentação e leitura formal de currículos e todas as pessoas possuem o

mesmo tempo de fala, independentemente de sua formação ou vínculo institucional. A oralidade, os rituais e o canto têm especial importância nos encontros e ganham destaque na

programação. Na figura 22, apresentada a seguir, compartilhamos algumas imagens realizadas nos ciclos de 2018 e 2019.

Figura 22 – Público e palestrantes do *Ciclo de estudos Selvagem* realizado em 2018



Fonte: colagem de imagens feita pela autora. As imagens foram retiradas da seção Mapa de Navegação, disponíveis em: <https://photos.google.com/share/AF1QipNOFeY3W4GFYWlqGnzIqagkcRxRBvJYTMzNIZwa0CsPMvI91x4QXo-53lca9lZUBw?key=MTBZT2ZoQ0RYcTJBTzJSVDE0aGJCMGE5NCInNFB3>

Seguindo a sequência das imagens, da esquerda para a direita, vemos o público que acompanhou o evento, em seguida Ayani, Batani, Shikuani e Bunke Huni Kuin e a violoncelista Nana Carneiro, o escritor, filósofo e liderança indígena Ailton Krenak como mediador das conversas, o astrofísico Gustavo Porto de Mello, a antropóloga Els Lagrou e a artista Daiara Tukano. Na figura 23, a seguir, apresentamos outras pessoas que compuseram as rodas de conversa, nos ciclos de 2018 e 2019.

Figura 23 - Público e palestrantes do *Ciclo de estudos Selvagem* realizado em 2018 e 2019



Fonte: colagem de imagens feita pela autora. As imagens foram retiradas da seção Mapa de Navegação, disponível em: <https://photos.google.com/share/AF1QipNOFeY3W4GFYWlqGnzIqagkcRxRBvJYTMzNIZwa0CsPMv191x4QXo-53lca9lZUBw?key=MTBZT2ZoQ0RYcTJBTzJSVDE0aGJCMGE5NC1nNFB3>

Nesta segunda colagem aparecem, da direita para a esquerda: o Pajé Dua Busê e Ibã Sales Huni Kuin, o antropólogo Jeremy Narby, o botânico Alexandre Quinet, a artista Iole de Freitas, Tõrãmü Këhíri ou Luiz Gomes Lana, o botânico Gustavo Martinelli, a liderança indígena Moisés Piyãko Ashaninka e o antropólogo Luís Eduardo Luna.

Os ciclos promovem uma espécie de avivamento da experiência coletiva marcada pela oralidade e destacam a pluralidade dos saberes ao reunir numa mesma roda diferentes dimensões e perspectivas de pensamento em torno de um objeto em comum. “Os sujeitos co-intencionados ao objeto de seu pensar *se comunicam* seu conteúdo. O que caracteriza a comunicação enquanto este comunicar comunicando-se, é que ela é diálogo, assim como o diálogo é comunicativo” (Freire, 1983, p. 45, grifos no original). O encontro entre o conhecimento indígena e o conhecimento científico se dá por uma dinâmica de articulação e de estabelecimento de correspondências entre essas narrativas, criando um pensamento sem hierarquias, marcando um reposicionamento na forma de pensar a comunicação e a produção de conhecimento. São conteúdos que alargam as fronteiras do pensamento por oferecer novas versões sobre temas importantes para a formação humana.

Segundo Verônica Pinheiro³⁸, o *Selvagem* é formado por uma “constelação”, onde não há destaque para uma ou outra pessoa, em que os temas são desenvolvidos de forma orgânica, num movimento de “pensar junto”. Segundo a coordenadora da comunidade e grupo criança *Selvagem*, não há uma reunião de pauta formal onde os temas são debatidos e definidos, não há uma estrutura de trabalho concebida e gerenciada nos moldes empresariais, mas sim encontros como um almoço, um café, “um tomar sol” juntos, em que as ideias vão surgindo e são conversadas coletivamente, no dia-a-dia. Uma vez que estas ideias são concebidas, Ailton Krenak é o orientador que “vai pensar a existência de forma muito sensível junto desse processo”.

Dentro do modelo de práticas informacionais proposto por Harlan (2012), uma das dimensões que compõem o que a autora chama de “Experiências de informação” é a categoria “informação como inspiração”. As experiências de informação “ocorrem a partir da interação dos sujeitos com a informação, em uma perspectiva na qual a informação é considerada como construída por meio de ações” (Rocha; Duarte; Paula, 2016, p. 15). Assim, segundo Harlan (2012), a “informação como inspiração” é experimentada no cotidiano com ideias que surgem por acaso. Podemos inferir, que uma das dimensões das práticas informacionais que sustentam

³⁸ PINHEIRO, Verônica. Entrevista concedida a Cássia Oliveira. 17 de julho 2023 [via plataforma *Google Meet*].

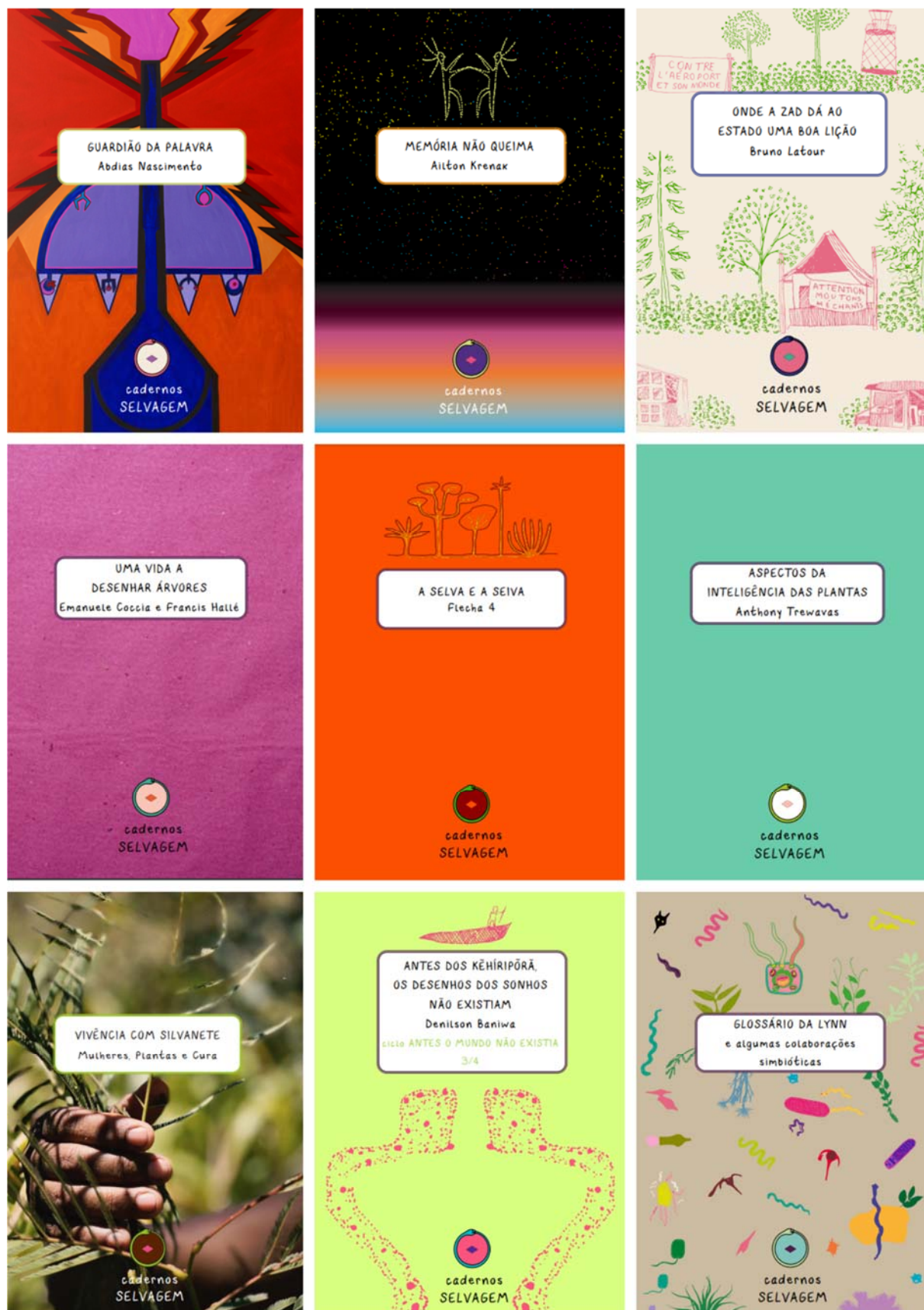
a produção de conhecimento oferecida pelo *Selvagem*, se dá por esta experiência informacional cotidiana, marcada pelo encontro, pelo diálogo e pela imaginação.

Os ciclos de leitura e de estudos, junto com as conversas, as palestras e este processo interno de “pensar junto” os temas, resultam nessa experiência de produção de conhecimento que vemos expressa nos objetos de informação e comunicação disponíveis na plataforma *Selvagem*: flechas, cadernos, biblioteca Ailton Krenak, livros, relatórios e os próprios ciclos que se tornam materiais de estudo disponíveis para pesquisa gratuita no canal *Selvagem* na plataforma *YouTube*. Observamos que o ciclo transforma informação em artefato, ou seja, a partir da informação um conteúdo é produzido, contemplando outra categoria das experiências de informação elaborados por Harlan (2012) em seu modelo de práticas informacionais.

Vemos aqui a importância de qualificar o conceito de informação considerando as práticas culturais e sociais nas quais ela ocorre, sendo a informação o resultado dessas significações construídas no campo do imaginário social, tornando-se – conforme já discutido na seção sobre informação junto com Marteleto (1995) – fontes externas de informações para os sujeitos e para a sua organização de mundo. Os cadernos disponibilizados para pesquisa se tornam um desses objetos de informação, um artefato de informação, oferecidos pelo ciclo e que serve como fonte externa para os sujeitos que se interessam e se orientam por essa proposta criativa de pensar o conhecimento. Nesse sentido, apresentamos a seguir uma amostragem dos cadernos do ciclo, destacando algumas informações importantes para pensarmos nesse exercício de informação, cujo processo se dá pela participação e pela colaboração das pessoas que formam a comunidade.

Por se tratar de um objeto vivo e dinâmico, no qual as ações e materiais do ciclo são pensadas dentro de um fluxo ininterrupto de diálogo, pesquisa e produção, apresentamos a descrição de alguns cadernos com o objetivo de ilustrar essa articulação entre os conhecimentos em um processo de práticas informacionais fundamentadas no cotidiano, na participação e na colaboração. Apresentamos, na figura 24 a seguir, as imagens das capas dos cadernos que destacamos aqui na construção desse exemplo. Essas imagens foram retiradas do menu *Cadernos* na plataforma *Selvagem*. Além dos cadernos aqui citados, recuperamos também os exemplos descritos na seção *Cadernos*. Queremos destacar nessa observação as autorias, os conhecimentos, eixos temáticos e as origens dos cadernos.

Figura 24 – capas dos *Cadernos Selvagem*



Fonte: colagem feita pela pesquisadora a partir das imagens retiradas dos *Cadernos Selvagem*. 2023

Destacamos estes exemplares do acervo *Cadernos Selvagem* porque contemplam a diversidade de temas e áreas do conhecimento, confirmando a natureza do trabalho desenvolvido pelo projeto, ao se propor articular conhecimentos oriundos de diferentes campos de atuação. As imagens e ilustrações que dialogam com o conteúdo contemplam a produção visual de artistas indígenas e não indígenas, criando um universo de simbologias que transitam entre as representações de diferentes povos indígenas e perspectivas científicas por meio dos desenhos, pinturas, fotografias e pesquisas iconográficas. No quadro abaixo, trazemos as informações dos três primeiros cadernos descritos na seção *Cadernos*, seguidos dos demais exemplos que apresentamos agora.

Quadro 4: Descrição com informações gerais dos *Cadernos Selvagem*

1	<p>Caderno: O mundo está sendo parido o tempo inteiro Autores: Ailton Krenak, Álvaro Tukano, Daiara Tukano, Francy Fontes, Idjahure Kadiwel Origem: caderno produzido a partir do último encontro do ciclo de estudos <i>Antes o mundo não existia</i> Transcrição das falas: Lu Kawa Produção editorial: Mariana Rotili e a Isabelle Passos Co-edição: Idjahure Kadiwel Desenho da capa: Tõrãmü Kêhíri Eixos temáticos: Memória ancestral, Narrativas de origem do mundo, Tradição oral, povos desana (AM) Formação dos (a) autores(a): Artistas, Antropólogos (as), Poetas, Sociólogos (as)</p>
2	<p>Caderno: Escolas vivas Autora: Cristine Takuá Origem: transcrição da fala de Cristine Takuá, em diálogo com Anna Dantes e Ailton Krenak, na Conversa Selvagem de 21/03/22. Transcrição das falas: Natália Amarinho e Katlen Rodrigues Editores: Isabelle Passos Revisão: Sâmia Rios Desenho da capa: Maira Silva e Cristine Takuá Eixos temáticos: Educação, Escolas vivas, Bem viver Formação da autora: Filósofa, Rezadeira, Parteira, Educadora e Artesã indígena</p>
3	<p>Caderno: O abraço do beija-flor e a viagem da Educação Autor: Muniz Sodré Origem: registro escrito da fala de Muniz Sodré, no encontro presencial <i>O beijo do beija-flor</i>, realizado no dia 14/05/2022. Transcrição das falas: Victoria Mouawad Editores: Isabelle Passos Revisão: Madeleine Deschamps Eixos temáticos: Educação, Diversidade, Descolonização das redes Formação do autor: Jornalista, Sociólogo e Escritor</p>
4	<p>Caderno: Guardiã da palavra Autor: Abdias Nascimento Origem: Discurso de Abdias Nascimento pronunciado em 18 de novembro de 1998 no Senado Federal, em homenagem a Zumbi dos Palmares Editores: Isabelle Passos. Apresentação: Veronica Pinheiro Eixos temáticos: Abdias Nascimento, Zumbi dos Palmares, Dia da consciência Negra</p>

	<p>Formação do autor e da apresentadora: Ator, Poeta, Escritor, Dramaturgo, Artista plástico, Professor universitário, Político e ativista dos direitos civis e humanos das populações negras brasileiras / Artista e professora da rede pública de ensino.</p>
5	<p>Caderno: Memória não queima Autor: Ailton Krenak Origem: fala de Ailton Krenak na Vigília da Oralidade – Memórias Ancestrais, que aconteceu da noite do dia 15 ao raiar do dia 16 de abril de 2023, nos jardins do Museu Nacional do Rio de Janeiro Transcrição das falas: Mariana Rotili Editoração: Isabelle Passos Revisão: Daniel Grimomi Eixos temáticos: Memória, corpo-território, corpo-memória Formação do autor: Ambientalista, Filósofo e Poeta</p>
6	<p>Caderno: Onde a ZAD dá ao estado uma boa lição Autor: Bruno Latour Origem: Bruno Latour escreveu este ensaio, publicado na antologia “Éloge des mauvaises herbes: ce que nous devons à la ZAD” [Louvor às ervas daninhas: o que devemos à ZAD] (2018), organizado por Jade Lindgaard. Tradução: Soleni Biscouto Fressato Desenhos: Isabelle Passos Revisão: Renier Silva Resumo: A ZAD (Zona a Defender) Notre Dame des Landes foi uma ocupação na França contra um projeto novo de aeroporto entre 2008 e 2018. A ZAD tornou-se uma zona de experimentação com a vida em sociedade não mercantil e várias outras experiências sociais e abriga mais de 200 pessoas até hoje. A visão proposta por Latour de que “uma ação pode ser professora” nos interessa particularmente. Formação do autor: Antropólogo, Sociólogo e Filósofo</p>
7	<p>Caderno: Uma Vida a Desenhar Árvores Autor: Emanuele Coccia e Francis Hallé Origem: Entrevista com Francis Hallé por Emanuele Coccia Transcrição das falas: Tradução: Silvia Naidin Editoração: Isabelle Passos Revisão: Luisa Morais Eixos temáticos: Botânica, Ecologia Formação dos autores: Filósofo e Botânico</p>
8	<p>Caderno: a selva e a seiva – flecha 4 Autor: Ciclo de estudos Selvagem Origem: Roteiro da flecha Selvagem Consultoria: Dua Busë e de Cristine Takuá Fundamentação teórica: Una Isi Kayawa – Livro da Cura (Dantes, 2014) reúne o profundo conhecimento das plantas e as práticas medicinais do povo indígena Huni Kuin / Carta Psiconáutica (Dantes, 2015) do antropólogo e etnobotânico Pedro Luz / Roça Barroca (Cosac Naify, 2011), da poeta e tradutora Josely Vianna Baptista Eixos temáticos: Plantas mestras</p>
9	<p>Caderno: Aspectos da Inteligência das Plantas Autor: Anthony Trewavas Origem: Tradução do artigo Aspects of Plant Intelligence publicado em julho de 2003 na revista Annals of Botany Editoração: Isabelle Passos Tradução e Revisão: Deborah Rebello, Natalia Amarinho e Marcos Moraes 2º revisão: Fábio Scarano Eixos temáticos: Botânica, Plantas, Evolução Formação do autor: Biólogo</p>
10	<p>Caderno: Vivência - Mulheres, Plantas e cura</p>

	<p>Autoras (articuladoras e mediadoras da vivência): Marília Nepomuceno e Ana Paixão de Carvalho Origem: II CICLO MULHERES, PLANTAS E CURA Eixos temáticos: Plantas, Medicina natural, Formação do autor e das colaboradoras: Educadora popular, Produtora Cultural, Técnica em Agroecologia e artista, Cineasta, Técnica em agroecologia e Educadora popular</p>
11	<p>Caderno: Antes dos kēhripōrã, os desenhos dos sonhos não existiam Autor: Denilson Baniwa Origem: Ciclo de Leitura do livro Antes o mundo não existia 3/4 Apresentação: Idjahure Kadiwel Coordenação editorial: Mariana Rotili Editoração: Isabelle Passos Co-edição: Idjahure Kadiwel Eixos temáticos: Narrativas de criação do povo Baniwa, Artes Visuais, Desenhos Formação do autor e do apresentador: Artista, Poeta e Antropólogo</p>
12	<p>Caderno: Glossário da Lynn e algumas colaborações simbióticas Autor: Escola Botânica em parceria com Selvagem Origem: caderno foi publicado no âmbito do Ciclo de Leitura Planeta simbiótico Coordenação editorial: Mariana Rotili Editoração: Isabelle Passos Revisão técnica: Anderson Santos Contextualização dos termos: Daniel Grimoni Eixos temáticos: Glossário de biologia Formação dos colaboradores: Botânica, Biologia</p>

Fonte: elaborado pela autora. 2023.

A partir dessa seleção de exemplares observamos algumas questões em relação à natureza do trabalho realizado na produção dos cadernos. Há uma prática comunicacional marcada pelo diálogo que resulta no reconhecimento da pluralidade humana e da diversidade de conhecimentos. Isto se confirma pela valorização das narrativas orais que são transformados em artefatos informacionais, ou seja, uma palestra, fala ou discurso que se torna um registro, resultando no produto caderno, tais como “Memória não queima” de Ailton Krenak, “Guardião da palavra” de Abdias Nascimento, ou ainda “O abraço do beija-flor e a viagem da Educação”, de Muniz Sodré.

Outros cadernos abordam sobre os mesmos temas, oferecendo a quem lê, visões e percepções que dialogam e se completam, mas representam mecanismos de pesquisa e conhecimento distintos, tais como os cadernos “Vivência - Mulheres, Plantas e cura”, das educadoras populares Marília Nepomuceno e Ana Paixão de Carvalho e “Aspectos da Inteligência das Plantas”, do biólogo Anthony Trewavas.

São objetos conectados com as ações do projeto: oralidades, discursos, cursos, teorias, histórias, saberes e práticas que encarnam no objeto livro representado pelo nome *Caderno*, o conhecimento produzido pela escuta, pelo diálogo e pela correspondência. A produção das flechas gera a elaboração de um roteiro que também se torna caderno, convidando a pessoa

navegante à uma leitura que articula imagens, vídeos, poesias, informações indígenas e científicas. Os temas dos cadernos são o resultado de um exercício informacional da comunidade *Selvagem*, que mapeia ideias e que, a partir da orientação sensível de Ailton Krenak, produz um criativo e generoso acervo de objetos que se vinculam em hiperlinks, articulando ações de estudo, diálogo e pesquisa com objetos concretos de informação.

Como vimos no quadro acima, a autoria dos cadernos apresentados demonstra o compromisso do *Selvagem* em criar esse espaço de interlocução entre conhecimento indígena e conhecimento científico. Isso se confirma pela descrição das autorias do quadro acima: Ailton Krenak, Álvaro Tukano, Daiara Tukano, Francly Fontes, Idjahure Kadiwel, Cristine Takuá, Muniz Sodré, Abdias Nascimento, Bruno Latour, Emanuele Coccia, Francis Hallé, Dua Busë, Anthony Trewavas Marília Nepomuceno, Ana Paixão de Carvalho e Denilson Baniwa.

O *Selvagem* se autodenomina como um ciclo de estudos sobre a vida e isso se confirma na análise dos materiais disponíveis no *site*, observando os eixos temáticos dos cadernos, assistindo as flechas ou visitando algum item da biblioteca Ailton Krenak, uma biblioteca de falas que agrupa as muitas conversas e palestras desta figura história que representa ser Ailton Krenak. Desse modo, notamos que os principais temas giram em torno da experiência da vida na terra a partir das muitas vozes que configuram modos diferentes de viver essa terra, pensando juntos sobre ecologia, biologia, memória, física, botânica, história, território, educação, artes, medicina natural, plantas, curas, rituais, narrativas de origem, dentre outros temas.

Observamos que há um fluxo muito dinâmico na produção dos materiais e que as práticas informacionais dessa comunidade se orientam especialmente pela coletividade, estabelecendo processos informacionais organizados pela participação e colaboração das pessoas. No quadro a seguir, apresentamos um exercício de reflexão algumas dimensões e perspectivas das práticas informacionais que organizam a comunidade *Selvagem* na sua produção de conhecimento. Esse exercício se baseia na compreensão das categorias apresentadas por Harlan (2012), na descrição dos materiais do *Selvagem* e na conversa informal que realizamos com a coordenadora da comunidade e grupo criança *Selvagem*.

Figura 25 – Exercício sobre as experiências de informação do Selvagem a partir de categorias de Harlan (2012)



Fonte: elaborado pela autora a partir de Rocha, Duarte e Paula (2016). 2023.

Observamos que o acervo de ações e objetos do ciclo é fruto de uma organização comunitária que se agrupa em torno de um tema e um objetivo comum, realizando alguns exercícios informacionais que se assemelham às categorias colocadas por Harlan. Encontramos nos documentos do projeto informações sobre a composição da equipe que atua com a produção das flechas, dos cadernos, das coordenações de ações como as *Escolas Vivas*, o grupo criança, a Biblioteca Ailton Krenak, etc. Segundo Verônica, existe um pensamento comum entre todas as pessoas que atuam na equipe de trabalho, a ideia de que não existe uma única forma de ser e estar no mundo. Durante a conversa realizada, Verônica Pinheiro compartilhou um pouco sobre a equipe de trabalho, ficando evidente, para nós, algumas semelhanças com as categorias do exercício informacional utilizado como referência nessa pesquisa. Segundo Verônica,

A comunidade Selvagem articula muitos outros movimentos sagrados, memórias de vida, de existência. Não há uma lógica muito simples de como os temas surgem. Uma vez que eles aparecem, começamos a falar sobre eles. O Ailton é o nosso orientador, então é a pessoa que vai pensar a existência de forma muito sensível junto desse processo. No caso do grupo criança eu tive bastante autonomia para pensar sobre como vai acontecer. Sobre a comunidade geral: a Ana é a pessoa que dirige e o Ailton orienta, dirigindo mais dentro dessas questões de perspectivas e sugestão de convidados, temática. A Madelaine cuida da parte da produção, então a gente vai sonhando e alguém ajuda a pensar aquilo, ajuda a trazer para a realidade. Comunicações e textos, é a Mari Rotilli que também é artista. O Daniel Grimoni fica na parte de produção junto com a Madelaine. E eu fico em contato/cuidado com a comunidade, com quem chega nessas articulações mais internas. A Madelaine é uma articulação mais externa. A Bruna é da biblioteca do Ailton, que é uma das coisas, para mim, mais mágicas, que é uma biblioteca que faz barulho. Para mim é uma das coordenações mais delicadas e Isabelle ajuda a Ana na parte visual e gráfica. A Ana é aquela pessoa que sabe um pouco de tudo e muito de um monte de coisa. Então ela

desenha, edita, ela que monta as flechas, que tem a respiração das flechas. Então, no geral, é ela a pessoa que está ali em todos os espaços (VERÔNICA PINHEIRO, 2023).

Este relato demonstra o caráter comunitário da equipe que participa de uma iniciativa na qual acredita, atuando por meio do diálogo, tendo como orientação a sabedoria de uma pessoa como o Ailton Krenak, e ao mesmo tempo a genialidade de Anna Dantes que compartilha e aplica suas diferentes habilidades com o grupo para produzir uma série de objetos, criando correspondências e articulações fantásticas entre narrativas indígenas, narrativas científicas, memórias ancestrais, conhecimentos tradicionais etc. Articulam-se nesse exercício de informação, a inspiração, a participação e a colaboração comunitária criando artefatos informacionais que povoam a plataforma *Selvagem*, abrangendo um conteúdo fundamentado em informação indígena articulado com diferentes formas de conhecimento.

Percebemos que a forma como o *Selvagem* atua produzindo conhecimento a partir de aberturas de espaços para o decolonial, parece indicar caminhos para repensarmos essa comunicação que se orienta pela lógica hegemônica de produção de conhecimento e construção da realidade. Por isso, apresentamos na próxima seção, algumas reflexões sobre as *Escolas Vivas*, entendendo que esta é uma ação *Selvagem* que ajuda a pensar os fundamentos de uma comunicação pautada pela decolonialidade do saber.

4.1 Escolas vivas decolonizam a comunicação?

No capítulo 2 – *Ginga de ideias*, na seção em que apresentamos o *Ciclo de estudos Selvagem*, trouxemos algumas reflexões sobre as *Escolas Vivas* que retomamos agora, no sentido de repensar a comunicação desde as práticas realizadas no contexto dessa proposta, tendo como referência esta ação. Como exemplo dos desdobramentos que os estudos do ciclo promovem, faremos uma reflexão partindo da *Conversa Selvagem*³⁹ com Ailton Krenak, Cris Takuá e Anna Dantes, passando pelo *Caderno Escolas Vivas* e chegando à articulação entre a atuação das *Escolas Vivas* e a sua importância como fundamentação e inspiração para o Ciclo e para um exercício de comunicação decolonial.

A *Conversa Selvagem* foi uma atividade de abertura de novas ações dentro projeto, incluindo transformações na plataforma, o acesso gratuito aos ciclos, marcando o início de processos mais colaborativos e o movimento de uma rede de apoio às *Escolas Vivas*. Como vimos, as *Escolas Vivas* estão presentes, até o momento, em quatro territórios indígenas: Huni Kuin, Maxakali, Guarani e Tukano. Elas nutrem os estudos do ciclo, sendo também uma

³⁹ Conversa Selvagem: <https://www.youtube.com/watch?v=mXWWoRqt6sA>

oportunidade de comprometimento, participação e colaboração para existência desses espaços (DANTES, 2021). Segundo Krenak (2021), esse vínculo entre *Selvagem e Escolas Vivas* é uma ponte de fluxo ativo entre essa interface que se apresenta na plataforma *Selvagem*, ou seja, os conteúdos e ações, e as atividades que continuam acontecendo nesses territórios, representando um trânsito entre a experiência editorial e a experiência acontecida nas *Escolas Vivas*, cuja coordenação é de Cris Takuá.

Takuá fala de uma escola viva que seja circular, reconfigurando a educação como em geral nós a conhecemos hoje, marcada pela ordem, pelo controle e pela obediência, cuja finalidade mercadológica nos prepara para o trabalho técnico a partir de competências básicas do saber ler, escrever e contar. Segundo a autora, “os saberes e fazeres brotam da nossa própria mão, que é uma flor. Essa flor nos possibilita produzir muita coisa: um cesto, um tecido, uma panela. As mãos não produzem só letras e números” e a escola é em geral este lugar de formação que se restringe somente a letras e números. Isso faz com que “as crianças percam, não totalmente, mas que percam a memória da criatividade, da potência criativa. O fazer as coisas adormece dentro delas”, de modo que o “próprio diálogo sobre as narrativas, o produzir desenhos, praticar outras formas, ficam adormecidos quando é obrigatório saber ler, escrever e contar números” (Takuá, 2022, p. 2).

As *Escolas Vivas* são projetos para fazer acordar essa potência criativa. E elas fazem isto tendo como fundamento o diálogo com outras formas de sabedoria que o conhecimento ocidental não costuma acessar, porque utiliza referências e instrumentos formatados por um rigor científico padronizado para os seus fins. Tradicionalmente, o conhecimento científico lançou mão de ferramentas da colonialidade, como a violência epistêmica, apagando e excluindo tudo o que não se encaixava. Na fôrma do conhecimento científico não tem havido espaço para a pluralidade de conhecimento e as muitas formas de viver, as cosmovisões, memórias ancestrais e saberes de toda a natureza.

Segundo Takuá, precisamos estabelecer uma interlocução com “esse modelo e esse processo de educação dentro das comunidades, que dialoga, na verdade, mais com o sábio, e não só com pessoas” (2022, p. 5). As *Escolas Vivas* estão acordando as suas memórias e o seu conhecimento organizando essa matéria viva do saber em ações pedagógicas dentro dos seus territórios, partindo do conhecimento dos mais velhos numa relação dialógica e horizontal de comunicação. Essa construção se dá de forma muito contextualizada, guardando as especificidades de cada território e tendo como objetivo comum a manutenção e a transmissão dos conhecimentos e das cosmovisões dos diferentes povos indígenas entre as suas gerações.

Assim, temos que as *Escolas Vivas* representam uma fonte de inspirações e ensinamentos indígenas sobre outras formas de pensar e produzir conhecimento a partir de uma relação com a natureza, com as suas memórias e com a ancestralidade. Isto se expressa com ênfase nas falas de Dantes e Krenak na *Conversa Selvagem* e em outras ocasiões. Também se confirma na fala de Verônica Pinheiro⁴⁰ que conta sobre sua experiência no *Ponto de Cultura Mbya Arandu Porã*, na Aldeia Guarani, localizada na Terra Indígena Ribeirão Silveira. Trata-se de um dos territórios das *Escolas Vivas*, coordenado por Carlos Papá e Cristine Takuá. Segundo informações na página⁴¹ do *Ciclo de estudos Selvagem*, nesta *Escola Viva* se

desenvolvem atividades de fortalecimento cultural junto à comunidade, principalmente os jovens. O objetivo essencial é proteger a memória ancestral, cuidando dos saberes e fazeres tradicionais através do incentivo de práticas espirituais de cura e cantos, danças, contação de histórias, oficinas de pinturas, audiovisual, fotografia, arquitetura tradicional Guarani, estudos sobre plantas medicinais, com cultivo e manejo de um viveiro de mudas, caminhadas na floresta para reconhecimento de espécies nativas frutíferas e medicinais, intercâmbio entre aldeias e povos para trocas de experiências e fortalecimento, rodas de conversa com os anciãos, estudo sobre os direitos dos povos indígenas no que se refere à educação escolar indígena, saúde indígena, território e busca pelo bem-viver (Mbya Arandu Porã, s.d.).

Esse conjunto de ações e práticas dessa *Escola Viva*, contextualizado no território Guarani, conduzem as formações de jovens indígenas. Vemos novamente que a concepção deste espaço formativo está enraizada no conhecimento indígena dessa comunidade. Constitui-se um espaço de diálogo com os mais velhos, numa experiência de coparticipação e construção de compreensão contextualizada com a realidade, elaborando um processo comunicativo marcado por uma “ação mútua de vinculação humana” (Sodré, 2014). Julgamos, pelo que expomos, que as *Escolas Vivas* têm muito a ensinar à área de comunicação. Referimos não às *Escolas Vivas*, mas o que subjaz a esta ação, o que a fundamenta, são as culturas, os conhecimentos e as memórias dos povos.

Retornando à história narrada por Verônica Pinheiro, em conversa concedida para esta pesquisa, observemos nessa experiência como o espaço do aprender é algo fundamentalmente construído pela coletividade e pela horizontalidade no processo de compartilhar o conhecimento. Verônica conta que apresentou seu método de pintura em painel a um grupo de cinco artistas indígenas dessa *Escola Viva* da aldeia Guarani. Os (a) artista (s) tinham como

⁴⁰ PINHEIRO, Verônica. Conversa com Cássia Oliveira. 17 de julho 2023 [via plataforma *Google Meet*].

⁴¹ *Ponto de Cultura Mbya Arandu Porã*: <https://selvagemciclo.com.br/escola-mbya-arandu-pora/>

objetivo pintar dois quadros da Nhe'ery (mata atlântica): a Nhe'ery do passado, da memória, aquela que os avós falavam, e a Nhe'ery de hoje.

Segundo Verônica Pinheiro, quando o painel é muito grande, ela faz as marcações com figuras geométricas. Depois, com uma régua, mede os limites entre os objetos. Verônica narra ao grupo que para em frente à tela e fica esperando o desenho aparecer e o desenho realmente aparece porque a artista já teria em mente na imaginação aquilo que queria desenhar, de modo que vai visualizando e traçando até que o desenho salte na tela. Ela explicou esse processo ao grupo e mostrou os seus desenhos. Os (a) artista (s), após essa dinâmica, conversaram entre si e foram riscando na tela em branco, e, com um fio improvisado, mediram as distâncias, parando em frente à tela, conforme orientado, como que esperando o desenho aparecer. Ficaram ali alguns instantes sob o olhar de Verônica, que imaginava que eles estivessem realmente esperando que o desenho surgisse. Um dos artistas saiu e pegou um violão. O outro, que viu este com o violão na mão, saiu e pegou uma rabeca. Outros dois pegaram maracás e uma menina começou a dançar. Eles ficaram ali por volta de uns 15 minutos cantando para a tela em branco, chamando a Nhe'ery da memória a partir do canto, ao que ela, então, deu-se a ver e assim começaram a pintá-la.

Tateando uma interpretação desse evento narrado por Verônica, e sem a pretensão de falar em seu próprio nome ou de traduzir seu ponto de vista sobre essa vivência, propomos uma reflexão que dialoga com os objetivos dessa pesquisa. Ao se estabelecer um aprendizado recíproco, mais horizontalizado, marcado pelo diálogo, na abertura de Verônica, como quem chega para compartilhar algo, ela também aprende com um modo outro de aceder o mundo, quando presencia os (a) jovens artistas invocando Nhe'ery a partir de uma outra imaginação. Concordamos com Freire, quando diz:

quero dizer que ensinar e aprender se vão dando de tal maneira que quem ensina aprende, de um lado, porque reconhece um conhecimento antes aprendido e, de outro, porque, observado a maneira como a curiosidade do aluno aprendiz trabalha para apreender o ensinando-se, sem o que não o aprende, o ensinante se ajuda a descobrir incertezas, acertos, equívocos (Freire, 2001, p. 259).

O processo que o grupo de artistas ativa para apreender o que Verônica compartilhou, ensina à Verônica sobre formas possíveis de aprender aquele conteúdo. Há um objeto em comum, o conteúdo, que colocam as partes interessadas envolvidas num exercício de diálogo, imaginação e participação para acessar a sua compreensão, numa dinâmica de transgressão e emancipação. O pensamento decolonial, as práticas decoloniais no campo da comunicação e a própria reflexão sobre o conhecimento dos povos originários são estudos que marcam um

movimento recente no ambiente acadêmico. A pluralidade melhora a universidade, melhora a ciência, melhora a comunicação.

Em nosso percurso teórico e expositivo apresentamos até aqui algumas ações e objetos produzidos no *Selvagem*, pontuando algumas especificidades do seu modo de pensar as correspondências entre os conhecimentos, trouxemos compreensões sobre a informação como artefato cultural, numa abordagem que admite a relação entre indivíduo e informação considerando a dimensão sociocultural e intersubjetiva como constituintes desse fenômeno. Isto também se expressa nas categorias apresentadas no modelo de práticas informacionais. Também pensamos sobre as características da informação indígena, aprendendo com comunicadores (as) indígenas que atuam na construção de uma experiência etnocomunitiva, as definições que marcam essa ação de resistência e luta criativa entre povos indígenas, como os exemplos citados nesta última seção deste capítulo.

Entendemos ainda, a partir do pensamento decolonial e as ferramentas teóricas que oferece, que a comunicação decolonial se dá diante de uma estrutura horizontal e dialogada de produção de conhecimento, na qual a co-participação das pessoas no ato de pensar marca a possibilidade de uma maior pluralidade de pensamentos, ideias e conhecimentos. Retomando o que dissemos no capítulo *Ginga de ideias*, essa condição de pluralidade humana permite que ao agirmos possamos nos tornar biograficamente identificáveis, porque nos compreendemos como iguais enquanto humanos habitantes desse mundo, embora únicos, enquanto indivíduos que expressam singularidades. Uma comunicação para ser decolonial precisa conter essa dimensão da pluralidade. Chegamos à seção de conclusão da nossa pesquisa, e nele, pretendemos articular algumas reflexões a partir desse percurso realizado até aqui.

CONCLUSÃO

Nesta pesquisa descrevemos e investigamos algumas ações e objetos de informação e comunicação do *Ciclo de estudos Selvagem*, com o objetivo de evidenciar seu caráter decolonial. Vimos que o *Selvagem* é um percurso livre de estudos sobre a vida que articula conhecimento indígena e científico criando correspondências entre estas diferentes perspectivas. *Selvagem* projeta em sua plataforma uma série de ações e materiais como resultado desse processo de diálogo e pesquisa estabelecido entre as diferentes formas de conhecimento.

Nosso trabalho buscou entender e explicitar a forma como o *Ciclo de estudos Selvagem* repensa modos tradicionais do exercício comunicacional e se relaciona com uma comunicação decolonial. Para pensar no exercício de uma comunicação decolonial, nos perguntamos sobre que tipo de informação se produz no contexto da comunicação decolonial e o que garante a diversidade e a pluralidade dos conteúdos do *Selvagem*, no sentido de repensarmos modos tradicionais de ensinar e se comunicar, tendo como exemplo o projeto analisado nesta pesquisa.

Percorremos um caminho de investigação marcado por discussões sobre os aspectos teóricos que caracterizam o conceito de informação, conectados à experiência decolonial no campo comunicacional. Buscamos compreender a dinâmica de produção de conteúdo do *Ciclo de Estudos Selvagem* a partir do mapeamento de alguns materiais oferecidos pelo projeto, identificando as práticas decoloniais no processo de produção dos múltiplos objetos comunicacionais de transmissão de saberes oferecidos.

Pudemos observar que a ação *Selvagem* se constitui a partir de práticas que não são necessariamente aplicações de teorias decoloniais. São práticas fundadas na utilização de ferramentas e de dispositivos comunicacionais tendo como pano de fundo as próprias culturas dos diferentes povos indígenas, articulando-as com outras formas de conhecimento. É decolonial precisamente porque não é tutelada nem mesmo pelo pensamento decolonial. Não parece, para nós, que o *Ciclo de estudos Selvagem* reflita a preocupação com ser uma vertente de pensamento. Eles mesmos estão tateando os conhecimentos, estão experimentando.

Ao garantir a pluralidade de seus conteúdos, *Selvagem* ajuda a repensar modos tradicionais da comunicação porque promove a divulgação do conhecimento e da informação indígena, fundamentando-se por meio de práticas informacionais como a oralidade, por exemplo. Vemos que os objetos de comunicação apresentados demonstram que há uma experiência de vinculação social que vai se constituindo como metodologia, conduzindo o processo de construção do conhecimento. Isto quer dizer que são estabelecidas relações de

vínculo e pertencimento entre as pessoas que promovem os conteúdos, porque há uma experiência de participação e construção de si pelo (a) outro (a), a partir da ideia do “pensar junto (a)”. As pessoas constroem na coletividade, por meio do diálogo, o ato de pensar e agir, e isto se materializa em produtos e ações de informação e conhecimento.

A pluralidade de pensamento que circula entre os espaços de conhecimento e comunicação do *Selvagem* é garantida pela presença de xamãs, autores (as), artistas, escritores (as), poetas, lideranças, antropólogos (as), professores (as), cineastas etc., indígenas de diferentes grupos, que atuam coletivamente compartilhando seus conhecimentos a partir da oralidade, dos rituais, do silêncio, do canto, da reza. Essa pluralidade também é garantida porque existe um grupo de pessoas não indígenas que atuam colaborando com suas habilidades e com os seus conhecimentos e estão com disponibilidade para o silêncio, para a escuta e para um tipo de aprendizagem que se orienta pela partilha. O repensar a comunicação passa pela garantia da pluralidade, das diferentes formas de pensar e viver o mundo.

Vimos que as *Escolas Vivas* se orientam a partir do conhecimento ancestral, compartilhado pelos pajés, para pensar e organizar o futuro das suas comunidades. Com isso buscam garantir, ao mesmo tempo, o registro da memória e a continuidade de sua história e cultura. A escola é a própria comunidade e os conteúdos que compõem seu “currículo” são as informações e os conhecimentos que correspondem à realidade local, priorizando uma formação contextualizada. Dessa forma, rompem com a lógica de ensino ocidental que se baseia naquilo que Paulo Freire chamou de educação bancária. Há uma evidente oposição ao ensino tecnicista por trazer para a sala de aula o conhecimento local fundamentado pelas memórias ancestrais dos pajés que conduzem o planejamento e as ações nas escolas. O campo da comunicação pode aprender com as *Escolas Vivas* na medida em que considera esse exercício de contextualização, ao compreender que cada pessoa representa uma realidade social complexa e diversa e que generalizações reproduzem preconceitos.

Na comunicação decolonial, espera-se uma prática de produção e veiculação de informações e conhecimentos que desconstruam narrativas dominantes, descentralizando o conhecimento, reconhecendo a pluralidade e engajando as pessoas para o exercício da valorização e da memória das comunidades as quais pertencem. Observamos que o *Selvagem* apresenta, neste sentido, um processo de reificação da memória ancestral ao criar objetos concretos de conhecimento, conferindo à informação oral o seu valor cultural. É por meio das histórias que contamos sobre nós, por meio das nossas memórias, que revelamos quem somos e que garantimos nossas singularidades diante das demais pessoas. A constituição de si e a

efetivação de uma condição humana marcada pela experiência da pluralidade, passa pelo exercício de uma elaboração subjetiva que se dá por meio do discurso.

O projeto oferece à sociedade um conteúdo marcado pela pluralidade humana porque valoriza a memória ancestral presente no conhecimento indígena, criando um espaço público de debate cultural, político e artístico que se abre à existência de outras formas de viver. Isto quer dizer que o *Selvagem* reconfigura o fazer comunicacional ao reconhecer e valorizar o conhecimento ancestral, as narrativas e as memórias de determinados grupos socialmente excluídos. Demarca o território do conhecimento reescrevendo com seus objetos a história da humanidade, contada por uma comunidade que representa diferentes perspectivas de compreensão do mundo.

A comunidade do projeto, produtora do conhecimento compartilhado, é formada por uma diversidade de indivíduos sociais, portadores de *habitus* ou estruturas pessoais que concebem as práticas. O fato de termos um grupo de colaboradores que atuam na construção dos conteúdos mediados por práticas informacionais específicas e cujas origens e formações são diversas, permite, por si só, a inclusão de diferentes visões de mundo, produzindo um conteúdo marcado por essa pluralidade humana. O *Selvagem* está construindo um trabalho de produção e divulgação do conhecimento, fruto de diferentes mecanismos de pesquisas e áreas do saber, um tipo de comunicação que vai na contramão do que é comumente compartilhado pela mídia tradicional. Se configura assim como uma mídia alternativa que elabora o exercício de uma comunicação decolonial.

O *Ciclo de estudos Selvagem*, repensa o espaço do conhecimento ao reconhecer e valorizar novas simbologias. Trata-se de uma estratégia de reconfiguração do conhecimento para a sobrevivência do mundo. A forma como são construídos os cadernos, vídeos, ciclos etc., mostra uma comunidade que se vincula em nome de algo em comum, isto se confirma com a fala de Verônica Pinheiro sobre o grupo que atua na construção *Selvagem*. As pessoas deste grupo comungam do mesmo pensamento: a ideia de que não existe uma única forma de ser e estar no mundo. Há uma conduta coletiva de compartilhar as habilidades garantindo uma abundância criativa de reificação do conhecimento indígena em articulação com o conhecimento científico. São estabelecidos vínculos sociais e de pertencimento.

Diante dessas reflexões finais, confirmamos a nossa hipótese de que o *Selvagem* repensa modos tradicionais do exercício comunicacional porque reconfigura a lógica de produção de conhecimento ao admitir em sua rede de pensamentos e diálogos a presença da pluralidade humana. Isto se confirma nas ações que o ciclo promove ao convidar xamãs, biólogos e artistas para discutirem algum tema, por exemplo. Ou ainda quando elabora, nas narrativas visuais das

flechas, as diferentes concepções de origem de mundo mesclando narrativas indígenas e narrativas científicas. O acervo dos cadernos mostra tanto essa abrangência temática quanto a capacidade de transmitir e traduzir memórias ancestrais comunicadas pela oralidade: estão no acervo ao mesmo tempo, Muniz Sodré falando sobre a educação utilizando a imagem poética do beijo do beija-flor e a educadora Cristine Takuá apresentando as *Escolas Vivas* numa proposta outra de educação. A biblioteca Ailton Krenak que se constitui de falas, uma biblioteca que faz barulho, nos convocando à experiência da escuta.

O que garante, portanto, essa diversidade e pluralidade de conteúdos oferecidos pelo *Ciclo de estudos Selvagem* são suas práticas informacionais que estão orientadas pelas experiências do cotidiano, pelo diálogo, pela colaboração, pela inspiração e motivação coletiva comum de acreditar numa prática de “pensar junto” conteúdos que ativam nas pessoas as suas memórias ancestrais. O que garante essa diversidade e pluralidade é ter como orientador geral do projeto uma figura histórica, política e cultural como Ailton Krenak, que consegue “pensar junto (a)” de forma sensível, convidando os seus parentes para construir coletivamente essa ação.

O modo como o *Selvagem* produz conhecimento e alimenta essa experiência de comunicação, cheia de referências decoloniais, é o próprio repensar dos modos tradicionais de comunicar e ensinar. Isto quer dizer que ao agir com a consciência de que existem muitas formas de conhecimento, ensinam sobre esse agir. Isto se expressa em seus objetos de informação e comunicação (artefatos culturais), nas relações articuladas e correspondidas dos conhecimentos, no modo como se movimentam coletivamente e, especialmente, olhando para o mundo não como um ser deslocado e externo, mas como uma continuidade de algo que começou antes de si e que seguirá quando partirmos.

A importância do *Ciclo de estudos Selvagem* se consolida quando pensamos na necessidade de desobedecer de forma epistêmica o conhecimento hegemônico, promovendo conhecimentos periféricos como forma de incentivar relações sociais menos desiguais e violentas, reconhecendo na experiência do ensino e do aprendizado a possibilidade da transgressão, e na comunicação, a oportunidade da vinculação humana por meio da construção de sentido e da relação de pertencimento.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACHILLES, Daniele; GONDAR, Jô. A memória sob a perspectiva da experiência. **Morpheus**: revista de estudos interdisciplinares em memória social, Rio de Janeiro, v.9, n. 16, p. 174-196, ago./dez. 2016. Disponível em: <http://www.seer.unirio.br/index.php/morpheus/article/view/6055/pdf>. Acesso em: 01 jul. 2023.
- BELTRÁN, Luis Ramiro. “Adiós a Aristóteles: la comunicación ‘horizontal’”. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**. n.º 7. ALAIC. São Paulo, 12-36. 2007.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- AMARAL, Adriana; NATAL, Geórgia; VIANA, Lucina. Netnografia como aporte metodológico: da pesquisa em comunicação digital. **Sessões do imaginário – Comunicação cibernética**. Porto Alegre, v. 13, n. 20, p. 34 - 40, 2008. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/famecos/issue/view/341>. Acesso em: 07 jul. 2023.
- ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Os estudos em práticas informacionais no âmbito da Ciência da Informação. In: ALVES, Edvaldo Carvalho... [et al.] (orgs.). **Práticas informacionais: reflexões teóricas e experiências de pesquisa**. João Pessoa: Editora UFPB, 2020.
- ARDÈVOL, Elisenda., et al. **Media practices and the Internet: some reflections through ethnography**. 2008. In: Simposio del XI congreso de antropología de la FAAEE, Donostia, 10-13 de septiembre de 2008. Disponível em: <http://www.slideshare.net/Estalella/towards-an-ethnography-of-newmedia-practices-reflections-through-field-experience-presentation?src=embed> Acesso em: 05 jun. 2023.
- ARENDT, Hannah. **A condição humana**. São Paulo: Forense universitária, 2022.
- BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, n. 11., p. 89-117, mai./ago. 2013.
- BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito da história. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 5 ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2009
- BOURDIE, Pierre. **Esboço de uma teoria da prática**. In: Ortiz, R. (org.) Pierre Bourdieu: *sociologia*. São Paulo: Ática, 1983
- CAPURRO, Rafael; HJORLAND, Birger. O conceito de informação. **Perspectiva em Ciência da Informação**, v. 12, n. 1, p. 148-207, jan/abr. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pci/a/j7936SHkZJkpHGH5ZNYQXnC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 02 jun. 2023.
- CARNEIRO, Raquel Gomes. **Sujeito comunicacionais indígenas e processos etnocomunicacionais: a etnomídia cidadã da Rádio Yandê**. 2019. Dissertação (Mestrado em

Ciência da Comunicação) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Rio Grande do Sul, 2019. Disponível em:
<http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/8195> Acesso em: 15 abr. 2023.

CARVALHO, Rafiza Luziani Varão Ribeiro. Autores-referência em Comunicação: um levantamento a partir de Propaganda Techniques in the World War, de Harold Lasswell. **Comunicologia - Revista De Comunicação Da Universidade Católica De Brasília**, Brasília, v. 7, n. 1, p. 141-172, jan./jun. 2015. Disponível em:
<https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RCEUCB/article/view/5636> Acesso em: 15 mai. 2023.

CASA Amèrica Catalunya. **La plataforma de comunicaci3n digital indigena de Brasil 'Mídia India'**, XIX Premio Joan Alsina de Derechos Humanos. 2020. Disponível em:
<https://www.americat.barcelona/es/midia-india-xix-premio-joan-alsina-de-derechos-humanos->
Acesso em: 25 mar. 2023

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2003.

_____. **A sociedade em rede**. A era da informação: economia, sociedade e cultura. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTRO-GOMES, Santiago. Ciências sociais, violência epistêmica e o problema da “invenção do outro”. In: LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais**. Perspectivas latinoamericanas. Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina: CLACSO, 2005. (Colección Sur Sur).

_____. **La hybris del punto cero: ciencia, raza e ilustración en la Nueva Granada (1750-1816)**. Bogotá: Editorial Pontificia Universidad Javeriana, 2005.

CENPEC. Paulo Freire e Bell Hooks: esperar, humanizar e criar uma comunidade de aprendizagem. Reportagem de Stephanie Kim Abe. 30 nov. 2021. Disponível em: <https://www.cenpec.org.br/tematicas/bell-hooks-paulo-freire>. Acesso em: 30 mai. 2023.

CHAUÍ, M. **O que é ideologia**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

COCCIA, Emanuele. **Metamorfoses**. Rio de Janeiro: Dantes, 2021.

COMUNICAÇÃO. In: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, 2008-2021. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/comunica%C3%A7%C3%A3o> Acesso em: 26 abr. 2023

COORDENADORIA de Assuntos Comunitários / UFMG. **Tempos presentes: a negação da ciência com Ailton Krenak**. Youtube, 17 ago. 2020. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=9TOvKwQV-Ss> Acesso em: 02 jun. 2023.

DENNIS, Everette E; WARTELLA, Ellen. **American Communication Research: the remembered history**. Mahwah, NJ: Routledge, 1996.

DODEBEI, Vera. Ensaio sobre memória e informação. **Morpheus: revista de estudos interdisciplinares em memória social**, Rio de Janeiro, v.9, n. 15, p. 227-244, 2016

FALS BORDA, Orlando. **Una sociología sentipensante para América Latina (antología)**. Bogotá, Colombia: Siglo del Hombre, 2008.

_____. Pesquisa-Ação, Ciência e Educação Popular nos anos 90. In: STRECK, Danilo R. (Org.). **Fontes da Pedagogia Latino-Americana: uma antologia**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

FERRARA, Lucrécia D'Alessio. Entre meios: o lugar da Mídia. In: FERREIRA, Jairo et al (orgs). **Midiatização, Polarização e Intolerância** (entre ambientes, meios e circulações). Santa Maria: FACOS-Universidade Federal de Santa Maria, 2020.

FRAGOSO, S.; RECUERO, R; AMARAL, A. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011

FRANCO, Carolina. Rádio Yandé, um “etnomídia” pelo “protagonismo indígena”. **Revista Shifter**. [s.d.]. Disponível em: <https://shifter.pt/2021/08/radio-yande-pelo-protagonismo-indigena/>. Acesso em: 01 jun. 2023.

FREIRE, Paulo. Carta de Paulo Freire aos professores. **Estudos Avançados**, vol. 15, n. 42, 2001.

_____. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020

_____. **Pedagogia do oprimido**. Petrópolis: Vozes, 2005.

FREITAS, Altieri Dias de. Notas sobre o contexto de trabalho do grupo modernidade/colonialidade - Universidade, horizontes utópicos e desafios teóricos. **Realis**, v.8, n. 02, jul./dez. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/realis/article/view/241453/32409> Acesso em: 10 mai. 2023.

FUNDAÇÃO Nacional dos Povos Indígenas. **Dados compartilhados pela Assessoria de Comunicação da Fundação Nacional dos Povos Indígenas** (FUNAI), a partir do último censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2022. Acesso em 24 jan. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/funai/pt-br/assuntos/noticias/2022-02/ultimo-censo-do-ibge-registrou-quase-900-mil-indigenas-no-pais-dados-serao-atualizados-em-2022#:~:text=Último%20censo%20do%20IBGE%20registrou,Fundação%20Nacional%20dos%20Povos%20Indígenas>

GIANI, Yuri Manzi. **Epistemologia da comunicação**: uma discussão sobre a dupla natureza do objeto comunicacional a partir de uma fenomenologia da comunicação. 2015. Dissertação (Mestrado em Mídia e Cultura) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2015. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tede/4980/5/Dissertação%20-%20Yuri%20Manzi%20Giani%20-%202015.pdf> Acesso em: 01 mai. 2023.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2007.

GONZAGA, Alvaro de Azevedo. **Decolonialismo Indígena**. São Paulo: Matrioska Editora, 2021.

GOMES, Pedro Gilberto. **Dos meios à midiatização**: um conceito em evolução. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2017.

GROSFOGUEL, Ramon. Descolonizando los universalismos occidentales: el pluri-versalismo transmoderno decolonial desde Aime Cesaire hasta los zapatistas. In: CASTRO-GOMEZ, Santiago; GROSFOGUEL, Ramon (coords.). **El giro decolonial**: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporaneos, Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007.

HAESBAERT, Rogério. **O Mito da Dessertorialização**: do fim dos territórios à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HALL, Stuart. A ideologia e a teoria da comunicação. **MATRIZES**, São Paulo, vol. 10, n.3. 2016. p. 33-46. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v10i3p33-46> Acesso em: 12 fev. 2023.

HARLAN, Mary Ann. **Information practices of teen content creators**: the intersection of action and experiences. A Grounded Theory study. 2012. Thesis (Doctor of Philosophy) - School of Information Systems, Science and Engineering Faculty, Queensland University of Technology, Queensland, Austrália, 2012.

HESIODO. **Teogonia**: a origem dos deuses. Tradução Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras, 1996.

HINE, Cristine. Por uma etnografia para a internet: transformações e novos desafios. Entrevista concedida a Bruno Campanella. **MATRIZES**, São Paulo, V.. 9, n. 2, p. 167-174, jul./dez. 2015.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade: São Paulo, Martins Fontes, 2017.

_____. **Erguer a voz**: pensar como feminista, pensar como negra. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

ILHARCO, Fernando. **Filosofia da informação**: uma introdução à informação como fundação da acção da comunicação e da decisão. Lisboa: Universidade Católica, 2003.

INSTITUTO Socioambiental. **Povos indígenas no Brasil**: Ashaninka. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Ashaninka>. Acesso em: 15 jan. 2023.

JAPIASSU, Hilton. **O mito da neutralidade científica**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1975.

JOAQUIM, Bruno dos Santos; OLIVEIRA, Lucila Maria Pesce de. Paulo Freire na genealogia da pedagogia decolonial: uma leitura de extensão ou comunicação? **Inter-ação**, Goiânia, vol. 46, n. ed. Especial, set. 2021.

KIENTZ, Albert. **Comunicação de Massa**: análise de conteúdo. Rio de Janeiro: Editora Eldorado. 1973.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

_____. **Somos índios, resistimos há 500 anos**. Fico preocupado é se os brancos vão resistir. Entrevista concedida para Portal Expresso em 10 de outubro de 2018. Disponível em: <https://expresso.pt/internacional/2018-10-19-Somos-indios-resistimos-ha-500-anos.-Fico-preocupado-e-se-os-brancos-vaao-resistir#:~:text=Durante%20o%20período%20da%20ditadura,estamos%20resistindo%20há%20500%20anos>. Acesso em: 14 jul. 2023.

_____. **O amanhã não está à venda**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LANG, Kurt. Communications Research: origins and development. In.: BARNOW, Erik et al (orgs.). **International Encyclopaedia of Communication**. Nova Iorque, Oxford, Oxford University Press, vol. 1, 1989, p. 369.

MARTELETO, Regina Maria. Cultura informacional: construindo o objeto informação pelo emprego dos conceitos de imaginário, instituição e campo social. **Ciência da Informação**, [S. l.], v. 24, n. 1, 1995. DOI: 10.18225/ci.inf.v24i1.613. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/613>. Acesso em: 5 jun. 2023.

MARTINO, Luiz. Abordagens e representação do campo comunicacional. **Comunicação, mídia e consumo**. v. 3 n.8 nov. 2006. Disponível em: <https://revistacmc.espm.br/revistacmc/article/view/79> Acesso em: 13 abr. 2023.

MARTINS, Edilson. **Chico Mendes: um povo da floresta**. Rio de Janeiro: Garamound, 1998.

MÍDIA INDÍGENA. **Site oficial**. Disponível em: <https://www.midiaindigena.org>

MIGNOLO, Walter D. Desobediência epistêmica, pensamento independente e liberdade decolonial. **Revista X**, v. 16, n. 1, p. 24-53, 2021.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. (Org.). **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14. ed. Rio de Janeiro: Hucitec, 2014. 408 p

NARBY, Jeremy. **O primeiro ciclo Selvagem**. Rio de Janeiro: Dantes Editora Biosfera, 2020. (Cadernos Selvagem). Disponível em: https://selvagemciclo.com.br/wp-content/uploads/2020/11/CADERNO_2_NARBY.pdf Acesso em 30 de mai. 2023.

NASCIMENTO, Denise Morado; MARTELETO, Regina Maria. A informação construída nos meandros dos conceitos da Teoria Social de Pierre Bourdieu. **DataGramZero – Revista de Ciência da Informação**. V. 5, n. 5, Out. 2004. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/5679> Acesso em: 02 jun. 2023.

NASCIMENTO, Letycia Gomes. **Etnocomunicação indígena como prática de liberdade decolonialista e ancestral na formação comunicativa da Webrádio Yandê**. 2020. Dissertação (Mestrado em Mídia e Cotidiano) - Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano, da Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/14483>. Acesso em: 08 jul. 2023.

NERY, Carmen; BRITTO, Vinícius. Internet já é acessível em 90,0% dos domicílios do país em 2021. **Agência IBGE Notícias**, Rio de Janeiro, 16 set. 2022. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/34954-internet-ja-e-acessivel-em-90-0-dos-domicilios-do-pais-em-2021>. Acesso em: 20 jan 2023.

MOTA NETO, João Colares da. Paulo Freire e Orlando Fals Borda na genealogia da pedagogia decolonial latino-americana. **Folios – Revista de La Facultad de Humanidades**, Bogotá, n. 48, p. 3-13, 2018. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/pdf/folios/n48/0123-4870-folios-48-00003.pdf>. Acesso em: 20 jan 2023.

NUNES, Mônica. **Ailton Krenak toma posse na Academia Mineira de Letras**: “Minha escrita é a oralidade”. Conexão planeta: inspiração para ação, 2023. Disponível em: <https://conexaoplaneta.com.br/blog/ailton-krenak-toma-posse-na-academia-mineira-de-letras-minha-escrita-e-a-oralidade/#fechar>. Acesso em 10 jul 2023.

OLIVEIRA, Cássia. O conceito de informação pelo viés da prática social. In: **Anais do Seminário Internacional de Mídia, Cultura, Cidadania e Informação**. Goiânia : PPGCOM, 2022.

PAIVA, Eliane Bezerra. Conceituando fonte de informação indígena. **Informação & Sociedade: Est.**, João Pessoa, v.24, n.1, p. 61-70, jan./abr. 2014.

PAIVA, Raquel. **A comunicação como projeto social**. In: Anais do IV ENDICOM. Montivedeo: 2001.

PAPPINI, Angela. “Programa de Índio” para “Amansar” Branco. In: PONTES, Ana Lúcia de Moura Pontes et al. **Políticas antes da política de saúde indígena**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2021.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad y Modernidad/Racionalidad. **Revista del Instituto Indigenista Peruano**. Vol. 13, n. 29, 1992.

_____. Colonialidad del poder y clasificación social. In: **El giro decolonial. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá: Universidad Javeriana-Instituto Pensar, Universidad Central-IESCO, Siglo del Hombre Editores, 2007.

QUINTAL da ciência. **A ciência indígena na era da inteligência artificial**. Ailton Krenak e os jovens mediadores. YouTube, 2021. Disponível em: <https://bibliotecaailtonkrenak.notion.site/Biblioteca-do-Ailton-Krenak-BAK-cd46ab5c7c4448ffb3111f3c9ef833d9?p=ed24654fbb1b44cfa3c945caa33b8051&pm=c> Acesso em: 01 mai. 2023.

RÁDIO YANDÊ. **A rádio**. Disponível em <http://radioyande.com/> Acesso em: 25 mai. 2023.

RAMPAZZO, Laura; ARANHA, Solange. Revisitar o conceito de comunidade para discutir sua aplicação a contextos Telecolaborativos. **Alfa**, São Paulo, v.63, n.2, p.373-396, 2019.

Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/11446/8488> Acesso em: 02 jun. 2023.

RIBAS, CLÁUDIA S. da Cunha; ZIVIANI, Paula. Redes de informação: novas relações sociais. **Revista Eletrônica Internacional de Economia Política da Informação, da Comunicação e da Cultura**, v. 10, 2008. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/153837> Acesso em: 30 maio 2023

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte (MG): Letramento; Justificando, 2017.

RIBEIRO, Fernanda Pereira. Paulo Freire na Comunicação e os meios “comunicados”. **Rizoma**, Santa Cruz do Sul, v. 1, n. 2, dezembro, 2013.

ROCHA, Janicy Aparecida Pereira; DUARTE, Adriana Bogliolo Sirihal; PAULA, Claudio Paixão Anastácio de. Modelos de práticas informacionais. **Em Questão**, Porto Alegre, Online First, 2016

RODRIGUES, Alison. **Decolonização comunicacional**: entrevista com Erick Torrico. Teorizadah, 2020. Disponível em: <https://medium.com/@teorizadah/decolonização-comunicacional-entrevista-com-e-45de2c2852c6>. Acesso em 15 jul. 2023.

SALGADO, Tiago Barcelos Pereira.; MATTOS, Maria Ângela. Índícios de colonialidade nas abordagens comunicacionais brasileiras: o primeiro quadriênio dos anais do Encontro Compós (2000-2003). **Intercom, Rev. Bras. Ciênc. Comun.**, São Paulo, v. 45, 2022. doi: <https://doi.org/10.1590/1809-58442022103pt>.

SANTAELLA, Lucia. **Comunicação ubíqua**: repercussões na cultura e na educação. São Paulo: Paulus, 2013.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Pela mão de Alice**: O social e o político na Pós-modernidade. São Paulo: Cortez, 1999.

_____. **Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social**. São Paulo: Boitempo, 2007, p. 29.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Edição padrão, 2006.

SANTOS, Sarah F.; LEITE, Gustavo. Demarcando as telas e ocupando as redes; Erisvan Guajajara participa de Círculo de Saberes e conta sobre Mídia Índia. **Ocorre Diário** 22 de julho de 2020. Disponível em: <https://ocorrediarario.com/demarcando-as-telas-e-ocupando-as-redes-erisvan-guajajara-participa-de-circulo-de-saberes-e-conta-sobre-midia-india/>. Acesso em 12 jan. 2023.

SAVOLAINEN, R. Information Behavior and Information Practice: Reviewing the "Umbrella Concepts" of Information-Seeking Studies. **Library Quarterly**, Chicago, v. 77 n. 2, p. 109-132. 2007.

SIGNATES, Luiz. Epistemologia e comunicabilidade: as crises das ciências, ante a perspectiva da centralidade do conceito de comunicação. **Comunicação & Informação**, v. 15, n. 2, p. 133-148, jul./dez. 2012.

SILVA, Fabricio Pereira da; BALTAR, Paula; LOURENÇO, Beatriz. Colonialidade do Saber, Dependência Epistêmica e os Limites do Conceito de Democracia na América Latina. **Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas**. Vol.12, n. 1. 2018.

SEIXAS, Rogério Luiz da Rocha. Ação plural, singularidade e poder em Hannah Arendt. **Intuitio**, vol. 2 n. 1, 201–216. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/intuitio/article/view/5226> Acesso em: 23 mai 2023.

SELVAGEM. **Conversa Escola Viva - GUARANI MBYA** - Cris Takuá e Carlos Papá. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-oSytZaDOnU&list=PLYysvnBmz4S3rCTECsbvXYm8vWtNcdh1X&index=2> Acesso em: 15 fev. 2023.

SELVAGEM. **Shubu Hiwea** - Escola viva Huni Kuin. [s.l]: Selvagem, [s.d]. Disponível em: <https://selvagemciclo.com.br/escola-shubu-hiwea/> Acesso em: 31 mai. 2023.

SELVAGEM. **Flecha Selvagem**. [s.l]: Selvagem, [s.d]. Disponível em: <https://selvagemciclo.com.br/flecha/> Acesso em 01 jun. 2023.

SELVAGEM. **Metamorfose: flecha 3**. Rio de Janeiro: Dantes Editora, 2021.

SODRÉ, Muniz; CAPPARELLI, Sérgio; SQUIRRA, Sebastião (orgs.). **Livro da XIII Compós: A Comunicação revisitada**. Porto Alegre: Sulina, 2005.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede**. Petrópolis (RJ): Editora Vozes, 2002.

_____. Comunicação: um caos criativo. **A Cientificidade da Comunicação: Epistemologias, Teorias e Políticas**. vol.19, n. 2, jul./dez. 2012. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/logos/issue/view/426/showToc> Acesso em 10 jan. 2023.

_____. **Claros e escuros: identidade, povo e mídia no Brasil**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

_____. A Comunicação Eletrônica é Epistemóloga. Entrevistador: Rafael Grohmann. **Revista Parágrafo**. v3, n. 1, p. 120-128, jan./jun. 2015. Disponível em: <https://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/289> Acesso em: 15 abr. 2023.

_____. Sobre a episteme comunicacional. **MATRIZES**. vol. 1 n. 1 out. 2007

_____. **Reinventando a educação: diversidade, descolonização e redes**. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

_____. A interação humana atravessada pela midiaticização. Entrevistadora: Graziela Wolfart. **Revista do Instituto Humanitas Unisinos**. São Leopoldo, v. 289, abr. p. 7-8, 2009. Disponível em: <https://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/2476-muniz-sodre> Acesso em 08 mar. 2023

SHEPHERD, Gregory Shepherd. Building a discipline of communication. **Journal of Communication**, vol. 45 n. 3. 1993. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.1460-2466.1993.tb01279.x> Acesso em: 12 fev. 2023.

SILVA, Suelen de Aguiar. Desvelando a Netnografia: um guia teórico e prático. **Intercom – RBCC**. São Paulo, v.38, n.2, p. 339-342, jul./dez. 2015.

SOARES, Samara Sousa Diniz; STENGEL, Márcia. Netnografia e a pesquisa científica na internet. **Psicologia USP**, vol. 32, 2021. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/psicousp/article/view/202617> Acesso em: 05 jun. 2023

SOUTER, Anna. Wild Arrows. **Where the leaves fall**. Entrevista com Anna Dantes. Disponível em: <https://wheretheleavesfall.com/explore/article-index/wild-arrows/>. Acesso em: 02 mai. 2023.

STAVENHAGEN, Rodolfo. Las organizaciones indígenas: actores emergentes en América Latina. **Revista Cepal**, n. 62. 1997. Disponível em: <https://repositorio.cepal.org/handle/11362/12060> Acesso em: 23 jan. 2023

TAKUA, Cristine. Teko Porã, o sistema milenar educativo de equilíbrio. **Rebento**, São Paulo, n. 9, p. 5-8, dez. 2018. Disponível em: <https://www.periodicos.ia.unesp.br/index.php/rebento/article/view/266/187> Acesso em: 31 mai 2023.

_____. **Escolas vivas: Ciclo de estudos Selvagem**. [s.l]: Selvagem, [s.d]. Disponível em: <https://selvagemiciclo.com.br/colabore/> Acesso em: 31 mai. 2023.

_____. **Escolas Vivas**. Rio de Janeiro: Dantes Editora, 2022.

THOMPSON, John B. Comunicação e contexto social. In: **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, cap. 1, p. 19-46.

TUPINAMBÁ, Renata Machado. Etnomídia, uma ferramenta para a comunicação dos povos originários. **Brasil de Fato**, Niterói, 11 ago. 2016. Disponível em: <https://www.brasildefatopr.com.br/2016/08/11/etnomidia-por-uma-comunicacao-dos-povos-originarios>. Acesso em 05 mai. 2023.

VOZES da floresta: **A aliança dos Povos da Floresta de Chico Mendes a nossos dias**. Direção: Thiago B. Mendonça. Produção: Rose Farias, Leandro Saflatle, Renata Jardim. Roteiro: Thiago B. Mendonça. [s.l]: Rainforest Journalism Fund e Centro Pulitzer, 2020. (103 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KRTJH1os4w> Acesso em: 26 jan. 2023.

VILLANUEVA, Erick Rolando Torrico. **Abordajes e períodos de la teoría de la comunicación**. Bogotá: Grupo Editorial Norma, 2004

_____. Decolonizar la comunicación. In: **Comunicación, Decolonialidad y Buen Vivir**. CABALLERO, Francisco Sierra; MALDONADO, Claudio. Ecuador: CIESPAL, 2016.

_____. Decolonização comunicacional: entrevista com Erick Torrico. Entrevistador: Alison Rodrigues. **Teorizadah**, 2020. Disponível em: <https://medium.com/@teorizadah/decolonização-comunicacional-entrevista-com-e-45de2c2852c6>. Acesso em 15 jul. 2023.

WALSH, Catherine; OLIVEIRA, Luiz Fernandes de; CANDAU, Vera Maria. Colonialidade e pedagogia decolonial: para pensar uma educação outra. **Arquivos Analíticos de Políticas educativas**, vol. 26, n. 83, 2018.

_____. Interculturalidade, crítica e pedagogia decolonial: in-surgir, re-existir e re-viver. In.: CANDAU, Vera Maria. **Educação intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. Portugal: Editora Presença, 1999.

ANEXOS

Parecer consubstanciado do Comitê de Ética da Universidade Federal de Goiás



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: O Ciclo de Estudos Selvagem, as práticas de leitura e as práticas informacionais na produção de conhecimento para uma comunicação decolonial

Pesquisador: Cássia Oliveira

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 59654122.1.0000.5083

Instituição Proponente: Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.539.075

Apresentação do Projeto:

Estudo e a análise das práticas de leitura e das práticas informacionais subjacentes à produção dos materiais disponibilizados pelo Ciclo de estudos Selvagem, um ciclo de estudos sobre a vida que investiga temas como o meio ambiente, história, a origem do mundo, ecologia, medicina natural, dentre outros, e que oferece de forma gratuita uma série de produtos comunicacionais (cadernos, vídeos, áudios, palestras, imagens etc.). O ciclo foi concebido por Anna Dantes, sendo orientado por Ailton Krenak e produzido por um coletivo interdisciplinar de pessoas que são parceiras, apoiadoras, participantes e público do projeto. A pesquisa propõe entrevista com Anna Dantas e Ailton Krenak.

Objetivo da Pesquisa:

Investigar e analisar as práticas de leitura e as práticas informacionais que inspiram e fundamentam a produção de materiais do Ciclo de Estudos Selvagem, observando se esses materiais podem contribuir para a produção de uma comunicação decolonial, valorizando e reconhecendo a pluralidade humana, destacando como são construídos e divulgados esses conhecimentos a partir do material produzido pelo projeto. Identificar que tipo de material é compartilhado, destacando como são construídos e divulgados esses conhecimentos, suas práticas de leituras e práticas informacionais, e os seus desdobramentos entre os participantes de sua comunidade virtual.

Endereço: Alameda Flamboyant, Qd. K, Edifício K2, sala 110
Bairro: Campus Samambaia, UFG **CEP:** 74.690-970
UF: GO **Município:** GOIANIA
Telefone: (62)3521-1215 **E-mail:** cep.prpi@ufg.br



UFG - UNIVERSIDADE
FEDERAL DE GOIÁS



Continuação do Parecer: 5.539.075

Considerações Finais a critério do CEP:

Informamos que o Comitê de Ética em Pesquisa/CEP-UFG considera o presente protocolo APROVADO. O mesmo foi considerado em acordo com os princípios éticos vigentes. Reiteramos a importância deste Parecer Consubstanciado, e lembramos que o(a) pesquisador(a) responsável deverá encaminhar ao CEP-UFG o Relatório Final baseado na conclusão do estudo e na incidência de publicações decorrentes deste, de acordo com o disposto na Resolução CNS n. 466/12 e Resolução CNS n. 510/16. O prazo para entrega do Relatório é de até 30 dias após o encerramento da pesquisa, previsto para abril de 2024.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1923577.pdf	12/06/2022 18:23:24		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projetedepesquisa_cassiaoiveira.pdf	07/06/2022 13:39:27	Cássia Oliveira	Aceito
Cronograma	cronograma_cassiaoiveira.pdf	07/06/2022 13:31:06	Cássia Oliveira	Aceito
Outros	termodecompromisso_cassiaoiveira.pdf	06/06/2022 17:28:28	Cássia Oliveira	Aceito
Outros	instrumentodecoletadedados_entrevista.pdf	06/06/2022 17:25:31	Cássia Oliveira	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tcle_cassia.pdf	06/06/2022 17:18:13	Cássia Oliveira	Aceito
Folha de Rosto	folha_de_rosto.pdf	06/06/2022 17:14:40	Cássia Oliveira	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Alameda Flamboyant, Qd. K, Edifício K2, sala 110
Bairro: Campus Samambaia, UFG **CEP:** 74.690-970
UF: GO **Município:** GOIANIA
Telefone: (62)3521-1215 **E-mail:** cep.prpi@ufg.br



UFG - UNIVERSIDADE
FEDERAL DE GOIÁS



Continuação do Parecer: 5.539.075

GOIANIA, 21 de Julho de 2022

Assinado por:
Rosana de Moraes Borges Marques
(Coordenador(a))

Endereço: Alameda Flamboyant, Qd. K, Edifício K2, sala 110
Bairro: Campus Samambaia, UFG **CEP:** 74.690-970
UF: GO **Município:** GOIANIA
Telefone: (62)3521-1215 **E-mail:** cep.prpi@ufg.br

Página 04 de 04

Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE)



**Programa de
Pós-Graduação em Comunicação**

PPGCOM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
COMUNICAÇÃO

FIC
INSTITUTO
FEDERAL DE
COMUNICAÇÃO



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Você está sendo convidado (a) a participar, como voluntário (a), da pesquisa intitulada **O “Ciclo de estudos Selvagem” e a comunicação decolonial**. Meu nome é Cássia Oliveira, sou a pesquisadora responsável e minha área de atuação é a Comunicação. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento com a sua assinatura digital ou digitalizada. Esclareço que em caso de recusa na participação, em qualquer etapa da pesquisa, você não será penalizado (a) de forma alguma. Mas se aceitar participar, as dúvidas sobre a pesquisa poderão ser esclarecidas pela pesquisadora responsável, via e-mail cassiaoliveira@discente.ufg.br e, através do seguinte contato telefônico: (62) 99824-9730, inclusive com possibilidade de ligação a cobrar. Ao persistirem as dúvidas sobre os seus direitos como participante desta pesquisa, você também poderá fazer contato com o **Comitê de Ética em Pesquisa** da Universidade Federal de Goiás, pelo telefone (62)3521-1215, que a instância responsável por dirimir as dúvidas relacionadas ao caráter ético da pesquisa. O Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Goiás (CEP-UFG) é independente, com função pública, de caráter consultivo, educativo e deliberativo, criado para proteger o bem-estar dos/das participantes da pesquisa, em sua integridade e dignidade, visando contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos vigentes.

A presente pesquisa tem como objetivo geral investigar e analisar os documentos, as ações educativas e os objetos de informação e comunicação do *Ciclo de estudos Selvagem* destacando como são divulgados esses conhecimentos, visando evidenciar seu caráter decolonial. Você será entrevistado (a) a partir de um questionário que orientará a nossa conversa e para isso deverá reservar um período de uma hora. Você tem direito ao ressarcimento das despesas decorrentes da cooperação com a pesquisa, inclusive transporte e alimentação, se for o caso.

Em caso de danos, você tem o direito de pleitear indenização, conforme previsto em Lei.

Se você não quiser que seu nome seja divulgado, está garantido o sigilo que assegure a privacidade e o anonimato. As informações desta pesquisa serão confidenciais e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas. Destacamos que eventualmente a pesquisa poderá oferecer alguns riscos mínimos, tais como: cansaço para executar a entrevista, atividade proposta pela pesquisa; constrangimento; riscos emocionais e algum desconforto em relação as questões elaboradas. Nos comprometemos em garantir que a pesquisa promova o máximo de benefícios como: promover reflexões em torno do objeto investigado, elaborar estratégias de divulgação do material analisado com o objetivo

Avenida Esperança s/n, Câmpus Samambaia.
CEP 74690-900 Goiânia - Goiás - Brasil.

Coordenação do PPGCOM - (62) 3521-1514 | coordenacao.ppgcom@ufg.br
Secretaria do PPGCOM - (62) 3521-1514 | ppgcom.fic@ufg.br



Programa de Pós-Graduação em Comunicação

PPGCOM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
COMUNICAÇÃO

FIC
FÓRUM DE
INFORMAÇÃO E
COMUNICAÇÃO



de promover o seu uso em espaços formais e informais de ensino, valorizar o trabalho realizado pelo projeto analisado, dentre outros benefícios. Caso você se sinta desconfortável ou constrangido, podemos encerrar imediatamente a entrevista ou ainda registrar esta ocorrência junto ao Comitê de Ética da UFG para os devidos encaminhamentos, de acordo com as orientações colocadas por esta instituição e de acordo com a lei vigente.

Durante todo o período da pesquisa e na divulgação dos resultados, sua privacidade será respeitada, ou seja, seu nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de alguma forma, identificar-lhe, será mantido em sigilo, caso seja do seu interesse manter o anonimato dos seus dados. Todo material ficará sob minha guarda por um período mínimo de cinco anos. Para condução da entrevista é necessário o seu consentimento para utilização de um gravador, faça uma rubrica entre os parênteses da opção que valida sua decisão:

- Permito a utilização de gravador durante a entrevista.
 Não permito a utilização de gravador durante a entrevista.

As gravações serão utilizadas na transcrição e análise dos dados, sendo resguardado o seu direito de ler e aprovar as transcrições. Pode haver necessidade de utilizarmos sua voz em publicações. Faça uma rubrica entre os parênteses da opção que valida sua decisão:

- Autorizo o uso de minha voz em publicações.
 Não autorizo o uso de minha voz em publicações.

Pode haver também a necessidade de utilizarmos sua opinião em publicações, faça uma rubrica entre os parênteses da opção que valida sua decisão:

- Permito a divulgação da minha opinião nos resultados publicados da pesquisa.
 Não Permito a divulgação da minha opinião nos resultados publicados da pesquisa.

Pode haver também a necessidade de utilizarmos sua imagem em publicações, faça uma rubrica entre os parênteses da opção que valida sua decisão:

- Permito a divulgação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa.
 Não Permito a divulgação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa.

Pode haver necessidade de dados coletados em pesquisas futuras, desde que seja feita nova avaliação pelo CEP/UFG. Assim, solicito a sua autorização, validando a sua decisão com uma rubrica entre os parênteses abaixo:

- Permito a utilizar esses dados para pesquisas futuras.
 Não Permito a utilizar esses dados para pesquisas futuras.

Avenida Esperança s/n, Câmpus Samambaia.
CEP 74690-900 Goiânia - Goiás - Brasil.

Coordenação do PPGCOM - (62) 3521-1514 | coordenacao.ppgcom@ufg.br
Secretaria do PPGCOM - (62) 3521-1514 | ppgcom.fic@ufg.br



Programa de Pós-Graduação em Comunicação

PPGCOM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
COMUNICAÇÃO

FIC
INSTITUTO DE
INFORMÁTICA E
COMUNICAÇÃO



Declaro que os resultados da pesquisa serão tornados públicos, sejam eles favoráveis ou não.

1.2 Consentimento da Participação na Pesquisa:

Eu, ..Verônica Pinheiro de Souza Carvalho....., abaixo assinado, concordo em participar do estudo intitulado é O **“Ciclo de estudos Selvagem” e as práticas informacionais na produção de conhecimento para uma comunicação decolonial**. Informo ter mais de 18 anos de idade e destaco que minha participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente informado (a) e esclarecido (a) pela pesquisadora responsável, Cássia Oliveira, sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito.

Goiânia, 17 de julho de 2023.

Documento assinado digitalmente
VERONICA PINHEIRO DE SOUZA DE CARVA
Data: 17/07/2023 18:20:56-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Assinatura por extenso da participante

Documento assinado digitalmente
CASSIA OLIVEIRA
Data: 19/07/2023 07:34:02-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Assinatura por extenso da pesquisadora responsável

Avenida Esperança s/n, Câmpus Samambaia.
CEP 74690-900 Goiânia - Goiás - Brasil.
Coordenação do PPGCOM - (62) 3521-1514 | coordenacao.ppgcom@ufg.br
Secretaria do PPGCOM - (62) 3521-1514 | ppgcom.fic@ufg.br

ROTEIRO TEMÁTICO

CONVERSA COM VERÔNICA PINHEIRO

A conversa com Verônica Pinheiro, coordenadora da comunidade e grupo criança no *Ciclo de estudos Selvagem*, foi realizada no dia 17 de julho de 2023, por videoconferência, na plataforma *Google Meet*. Optamos por chamar este encontro de conversa, em virtude de seu caráter informal, aberto e fluído. O desenvolvimento da conversa se deu a partir de temas e perguntas, que em partes foram previamente pensados, mas que no desenrolar da conversa foram ganhando rumos próprios e se desdobrando em outros assuntos e informações. Conversamos sobre o *Ciclo de estudos Selvagem* a partir das seguintes perguntas e temas:

1. Como gostaria de ser apresentada?
2. Qual a sua atuação dentro do ciclo?
3. Como conheceu o *Selvagem*?
4. Quando foi a sua entrada no ciclo e como foi esse processo?
5. Como se dá a articulação dos diferentes tipos de conhecimento?
6. Como os conteúdos do ciclo são planejados?
7. As habilidades e atuações da equipe que forma as coordenações;
8. Pertencimento;
9. Vínculo;
10. Memórias;
11. Ancestralidade.